

Eanes não exclui possibilidade de eleições gerais antecipadas

Pág. 5

Na Política de A a Z

Um burocrata embaraçado

A designação para Primeiro-Ministro de um universitário trabalhador que é um burocrata embaraçado e que foi ministro para esquecer, mostra que a crise de valores humanos é uma das dimensões da crise da Aliança Democrática — diz hoje a Política de A a Z.

Governo Crespo começa a tomar forma

Um discurso «descritivo», seguido de uma apresentação elogiosa do Primeiro-Ministro indigitado, Vítor Crespo, constituirá a parte inicial do Conselho Nacional do PSD, que terá lugar esta noite, num dos hotéis de Lisboa. Enquanto se aguarda a ratificação do nome de Vítor Crespo, por parte dos social-democratas, o Primeiro-Ministro indigitado já principiou contactos com vista à formação do IX Governo Constitucional e III da Aliança Democrática. O ministro das Finanças poderá já ter sido encontrado, mas até agora o seu nome continua por divulgar. Nalguns meios social-democratas — mas isto apenas como conjectura — não se via com maus olhos a passagem desta pasta para o CDS. Também se deverá confirmar a saída do Governo de Ângelo Correia, que até agora preenchia o lugar de ministro da Administração Interna. Muitos dos ministros social-democratas ficarão no Governo como «disciplina partidária». Outro nome já certo para o Governo é o de Amândio de Azevedo. Deverá ser o ministro para os Assuntos Parlamentares, sucedendo a Marcelo Rebelo de Sousa. Nomes como Luís Fontoura deverão continuar no Executivo. Luís Fontoura, actual secretário de Estado da Cooperação (já foi também da Comunicação Social) chegou a ser um dos nomes apontados para Primeiro-Ministro. Tal como ontem dizíamos, poderá ser reformulada a estrutura governamental. Para além da separação da Habitação e dos Transportes, também o actual Ministério da Justiça e Reforma Administrativa poderá ter uma nova formulação, com a passagem a Secretaria de Estado da Reforma Administrativa. Na Comissão Directiva do CDS de ontem, e que hoje prosseguia, duas tendências se verificaram. A da «super estrutura» do partido — liderado por Freitas do Amaral — que defende a aceitação, mesmo contra vontade, do nome indigitado pelo PSD, e aqueles — como Luís Beiroco — que pretendem inviabilizar a escolha de Vítor Crespo. Os centristas reúnem hoje o Conselho Nacional, admitindo-se que prevaleça a posição de Freitas do Amaral e dos principais dirigentes do CDS.

Entre 14 e 30 por cento

Transportes aumentam a 7 de Janeiro e até lá valem os passes de Dezembro

Os passes sociais relativos ao mês de Dezembro deverão manter a sua validade durante toda a primeira semana de Janeiro, dando assim tempo para a publicação da portaria conjunta dos ministérios das Finanças e dos Transportes, para valer depois de 7 de Janeiro, fixando os novos valores devidos ao aumento generalizado dos transportes, es-

timado entre 14 e 30 por cento.

O Governo ainda não se pronunciou sobre a matéria, nem ela está sequer agendada para o Conselho de Ministros de amanhã mas os aumentos e os seus quantitativos globais estão decididos. Falta aplicar as percentagens de 14 a 30 por cento de aumento a cada um dos diversos tipos de passes e aos bilhetes

unitários e, provavelmente dobrar a meia dúzia de actuais tipos noutros utilizáveis em menos operadores de transportes e, consequentemente, mais baratos.

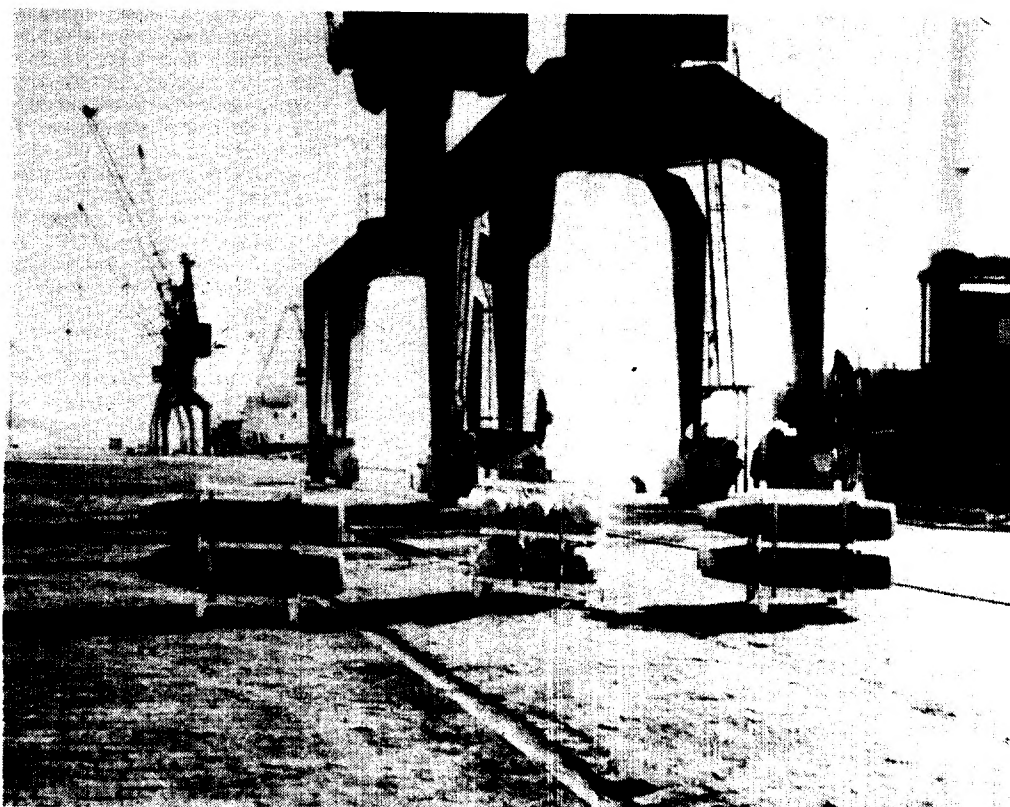
Os estudos preparatórios desta nova regulamentação dos passes sociais decorrem, também, na intenção de sobrecarregar mais os passes utilizáveis

em menos operadores e em distâncias curtas e encarecer menos os passes de longas distâncias, dado se pretender facilitar os transportes de e para a periferia das grandes cidades.

Outro dado resultante destes estudos prévios que vai ganhando consistência é o de que os passes não serão válidos para os fins-de-semana o que

equivaleria a transformá-los em verdadeiros passes para trabalhar. O mesmo se diga quanto à frequência de utilização havendo quem defenda, apenas duas viagens por dia e só nos dias úteis. Ou seja: de casa para o trabalho e do trabalho para casa, já que para a coligação no poder, o

Continua na pág. 20



Três navios nórdicos carregaram no porto de Setúbal, entre segunda-feira e esta manhã, cerca de setecentas toneladas de material de guerra nacional (bombas de 105 mm e munições) com destino a um país do Golfo.

Armas portuguesas para o Golfo

Lotaria de Fim de Ano e o próximo Totobola ameaçados por greve

Pág. 20

Metro faz 23 anos de horas de ponta

O Metro nasceu primeiro na imaginação dos homens. Lisboa foi confrontada anos a fio com a possibilidade de lhe ser esventrado o subsolo para, sempre dentro de poucos anos, serem instalados os comboios que tudo solucionariam. Acabou por nascer pequeno, sobre muitos anos de expectativa. Cresceu em soluções de recurso, enfrentando sempre novas legiões de passageiros. A viabilidade do empreendimento está testada: os passageiros couberam sempre, mais empurrão menos encosto. Hoje fez 23 anos em almoço de «família», medalhas apropriadas, greves marcadas e adiadas.

S. João da Madeira à espera da promoção

S. João da Madeira é uma das 12 vilas portuguesas que aguardam legislação da Assembleia da República que as transforme em cidades. Em superfície é o mais pequeno concelho do País mas tem a particularidade de ser o terceiro quanto a índices de produção e consumo, apenas ultrapassado por Lisboa e Porto.

A partir do final do séc. XIX, S. João da Madeira começou a industrializar-se. Hoje é um dos grandes centros industriais do País. O «DL» publica hoje um suplemento especial de 12 páginas focando alguns dos aspectos mais significativos daquela vila que quer ser cidade.

Vinte carros chocam em Vialonga: 17 feridos

• Dois «laranjas» enfeixam-se em Alcântara: 20 feridos

Pág. 6

Pág. 20

PUB



SINDICATO DOS TRABALHADORES
DA FUNÇÃO PÚBLICA
DA ZONA SUL E AÇORES

PRÉ-AVISO DE GREVE

À MESA DA PROVIDORIA DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA
AO MINISTRO DOS ASSUNTOS SOCIAIS
AO MINISTRO DA REFORMA ADMINISTRATIVA
AO MINISTRO DO TRABALHO

PELA PUBLICAÇÃO DO DIPLOMA QUE REVÊ

A PORTARIA 690/74

PELA CONSAGRAÇÃO DE CARREIRAS JUSTAS

Ao abrigo do artigo 2.º n.º 1 da Lei da Greve (Lei 65/77 de 26 de Agosto) e nos termos e para os efeitos do artigo 5.º do mesmo diploma, informa-se que os trabalhadores da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa estarão em greve nos dias 30/12/82 e 31/12/82 entre as 0.00 e as 24.00 horas.

Se necessário os trabalhadores em greve permanecerão nos locais de trabalho.

Finalmente esclarece-se que serão assegurados, conforme previsto na Lei, os serviços mínimos indispensáveis para satisfazer as necessidades sociais impreteríveis.

Lisboa, 21/12/82

A DIRECÇÃO

LEIA E ASSINE REVISTAS SOVIÉTICAS EM PORTUGUÊS



TEMPOS NOVOS

Panorama da política mundial. Em cada semana saiba e entenda o que se passa no mundo.

UNIÃO SOVIÉTICA

O grande quotidiano na pátria do socialismo.

MULHER SOVIÉTICA

Conquistas e tarefas numa sociedade libertada.

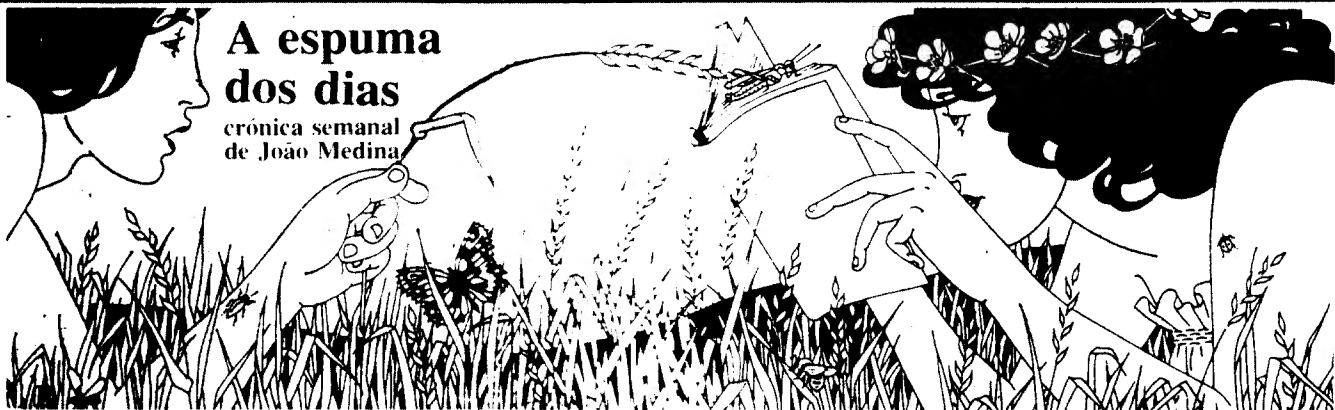
REVISTA MILITAR SOVIÉTICA

As forças armadas na batalha da paz.

SOCIALISMO

Princípios, Prática, Perspectivas.

AS ASSINATURAS PODEM SER FEITAS NA SECÇÃO DE ASSINATURAS DA C.D.L., AV. SANTIAGO DUMONT, 57-4º ANDAR DTº, TELEFONE 76 64 02, OU EM QUALQUER UMA DAS LIVRARIAS POPULARES C.D.L.



A espuma dos dias

crónica semanal
de João Medina

O movimento feminino e eu

SE não se importam, observem este esqueleto. Olhem-me este pé: são 26 ossos, distribuídos desta maneira: sete ossos no torso, cinco no metacarpo e mais três ossinhos por dedo, com excepção do chamado dedo grande, que só tem dois. Agora, se não se importam, reparem com todo o cuidado nestes cinco ossos tácticos, que se chamam, muito poeticamente, astrálgalo, calcâneo, cubóide, escapóide, e mais três, ditos unciformes. Por fim, se não se importam, prestem toda a vossa atenção a este osso miserável, com um nome tão sedutor: **escapóide**. Isto é, em forma de barco, barco, em grego, é, como sabem «skaphe». Viram como esta coisinha pequenina e insignificante tem o aspecto duma nauzinha ligeira? Quase que só lhe falta a vela, o marulhar das ondas e, claro está, o céu, o céu azul do Mediterrâneo. Repararam em tudo isto, meus senhores? Sim? Bom, então venham daí comigo, porque vos quero contar a história verídica e burlesca dum escapóide. A acção decorre na Lusitânia, em fins de 1962, em pleno salazarismo. Estamos num dos pavilhões do HMP (Hospital Militar Principal), na Infante Santo. Estão a ver, naquela cama, um rapaz que aparenta ter uns vinte e poucos anos? Estão? Sou eu.

SIM, aquele, ali, deitado numa cama toda branca, entediado e sem barba, sou mesmo eu. Há vinte anos atrás, claro. Estou mudado? Pois claro. O que é que queriam, c'o diacho?! Já se passaram duas décadas e milhões de litros de água correram desde então debaixo das pontes e outros tantos milhões de segundos escorreram, invisíveis mas inflexivelmente acidulados e desgastantes como pingos de chuva sobre o granito das estátuas nas praças públicas, nas ampuhetas da eternidade.

Ora bem, reparem que estou numa enfermaria do HMP, onde há mais cinco homens, todos eles feridos com maior ou menor gravidade. Este aqui, à minha direita, por exemplo, não tem pernas. O que foi? Não lho perguntem, por amor de Deus! Eu lhes digo, em voz baixa, não vá ele ouvir: uma mina, em Angola, Nambuangongo. Ah, conhecem o nome!... Pois, vejo que são leitores de poesia. É assim: sofrimento, morte, feridas, cicatrizes, mutilações — e no fim, passados muitos anos, ficam só, no silêncio daquilo que foi, a palavra dos poetas e a escrita notarial dos historiadores. Nomes, linhas num livro: Nambuangongo. Pois é, é triste, não é? Tudo esquece. Mas este homem, dificilmente esquecerá a Estupidez dos que o mandaram, para uma terra que não conhecia nem era sua, defender uma causa perdida e grotesca. Não, nunca o esquecerá: faltam-lhe as duas pernas, será sempre, mesmo no esquife, um homem-tronco, um ser que a guerra colonial estropiou, barbaramente, inutilmente estropiou. Mudemos de cama. Saltemos o jovem enfadado que lê Proust — sou eu, não prestem atenção, ele está distraído, pensa que talvez se tenha livrado do Minotauro



que exige que a juventude parta para morrer em África (e tem razão, o jovem: daqui a meses, coxeando um pouco, voltará à Universidade, donde foi afastado e expedito para Mafra como castigo por ter feito a greve universitária de 1962, e ainda por ter assinado um papel no qual se dizia que o Tirano se devia reformar, pois era «mau político e mau professor»...) —, passemos agora à cama seguinte, à minha esquerda: cá está outro ferido.

NADA de muito grave, aliás. Tem as duas pernas. E tem também três buracos no estômago. Uma rajada de metralhadora: Angola, também. Outra das tais malhas que o Império (colonial-salazarista) tece, com pus, sangue, sofrimento e desespero. Que está ele a ler? Ora vejamos. Pois: os **Centuriões de Lartéguy**. Não percebeu nada, este moço com três balas extraídas da búzera: ainda sonha com vinganças. O jovem do meio, esse pensa noutras coisas. Pensa, por exemplo, que hoje, neste final de 1962, umas quantas senhoras perfumadas, acabadas de vir do cabeleireiro, empradas, artificiais, distantes e desdenhosas, fazendo a caridadezinha com um misto de repugnância e de hipocrisia fascista, virão recompensar os Bravos Soldados que estão ali, com os estômagos perfurados, os olhos vazados, as pernas amputadas e outras chagas monstruosas e irreparáveis, por terem ido para as Colónias, perdão, para as **Nossas Províncias Ultramarinas** (ouvem gritar: **Angola é nossa! é NOSSA! é NOS-SA! NOSSA!**...), ouvem-nos ulular este ridículo pronome possessivo que precedeu a Queda?) para que estas continuem nas mãos dos que, lá longe, exploram aqueles territórios estrangeiros. É isto o que este moço, um subversivo evidentemente, pensa. Mas ao fim e ao cabo, teve sorte, imensa sorte, no meio

desta derrocada geral, desta criminoso e sangrenta guerra colonial: está ali com um ossito partido, um ossozinho de nada, uma coisita perfeitamente sem importância nenhuma, uma espécie de grão-de-areia no meio da Máquina da Guerra Salazarista, a emperrar o funcionamento da gigantesca gerin-gonça, criminosa, a servir-lhe de pretexto para não ir, ele também, para a Guiné, para Angola ou para Moçambique (ah, ele mesmo nasceu em Moçambique, vejam lá a ironia da situação!) oferecer o seu estômago às balas dos patriotas locais ou sacrificar as suas únicas pernas — nasceu com elas, nunca terá outras, Deus não lhe deu pernas excedentárias — nas aras sangrentas do Patriotismo Estadonovista... É um subversivo, não vos dizia? Sabem que teve ontem uma discussão azeda com o vizinho do lado esquerdo, o que tem três furos «terroristas» (é assim que o ferido se exprime) no estômago? Sabem porque? Porque lho disse, a certa altura, depois de insinuar que a Guerra colonial era um Crime e uma Imbecilidade épica: «um povo que oprime não pode ser livre». Um subversivo, pois.

MAS, chut! — vem aí alguém... São elas, as senhoras do Movimento Nacional Feminino, uma organização fascista que ajuda os nossos pobres soldados a ganharem a guerra que vão perder. São senhoras da alta, perfumam-se muito, estão a caminho da menopausa, são mulheres de ministros, deputados e directores-gerais do Regime, usam muito «báton», abusam dos perfumes e, antes mesmo de entrarem, já toda a enfermaria cheira a **Rochas**, a **Dana Canoe**, a **Chanel**... Lá vêm elas, com os saltos a baterem insolentemente no envernizado do HMP. São cinco mulheres aperaltadas, uma delas é muito loira, tem ar de dona de bordel reformada, tresanda a **Dana**, olha para os soldaditos feridos com uma comisseração desdenhosa, de senhora fina mais habituada aos chás-canastas do Estoril do que às enfiadas de Ondoril homens estropiados mostram as belezas, as delícias e as medalhas carnisas que a Guerra traz. Que a Guerra distribui aos seus servos, pobres diabos pacíficos tirados da província ou das cidades, metidos em barcos e mandados, sem saberem muito bem porque nem para quê, batalhar o abstracto Inimigo, a Suversão Mundial, o Bolchevismo Negro, aquele inimigo que nunca chegam a conhecer bem, porque se escondem no escuro e dispara à queima-roupa ou lhes faz rebentar minas quando vão a passar numa estrada no mato. Sim, cá estão elas, apinocadas, apatalhadas fascistas: as senhoras do Movimento Nacional Feminino.

QUE vêm elas fazer aqui, a esta enfermaria? Dar recompensas aos soldados. Que recompensas? Beijos? Amor? Temuras

inesperadas, amplexos daqueles que Catulo cantava? Medalhas como as que Vénus distribuía aos famintos nautas lusos, na Ilha dos Amores, quando regressavam depois da saga da Índia? Carícias voluptuosas, sorrisos macios, pétalas de carne, beijos de seda, palavras carregadas duma ternura ao mesmo tempo ciciada, materna, amante e saciadora? Não, nada disto. Como podem constatar, vendo o que tão delicadamente — mas à distância — poisaram em cima da cama do homem-sem-pernas, a Medalha Oficial de Bravura por deixar as gâmbias em Angola, para que esta continue **NOSSA** (nossa? ah, a ironia lexical deste pronome!), consiste muito exactamente nisto, que passo a enumerar com todo o cuidado, não me vá eu esquecer de qualquer átomo da caridade despejada ali, na enfermaria dos feridos do HMP: uma cerveja Sagres (moma, note-se), um maço de cigarros da marca **Português Suave** e — não, não se acabou ainda! — um pacotinho de bolachas da marca Nacional. É tudo. É para isto que as senhoras do Movimento Nacional Feminino se aperaltaram tanto, se perfumaram tanto e foram mesmo ao cabeleireiro fazer uma «mise»: para dar a cada estropiado da Guerra Colonial uma cerveja Sagres (moma), um maço de cigarros da marca **Português Suave** e um pacotinho de umas vinte bolachas de água-e-sal. Foi para isto que elas vieram, as cabras.

AGORA uma delas, vindo-me com ar repousado, uma perna em gesso, o ar fresco, um romance francês ao lado, aproxima-se de mim, desconfiada, para me regalar com as três prendas do Império. Mas depois de as dar, tem um presentimento, olha de novo a minha perna em gesso, hesita e, por fim, arrisca: — E o senhor, também foi ferido no mato, em Angola?

Horível pergunta. Engulo em seco, olho em volta, embaraçado, e acabo por confessar: — Não, minha senhora, fui ferido em... em Mafra. Ela, horrorizada: — Em Mafra? Aqui, em Portugal?

Confesso tudo: — Pois foi, em Mafra. Sou soldado-cadete, estou no Curso de Oficiais Militares e parti um pé na instrução. Na tapada de Mafra.

Faz-se um silêncio conster-nado em meu redor.

— Em Mafra? — pergunta com ar aborrecido a chefe daquelas cabras todas.

Faço que sim com a cabeça. E então a dita senhora loira e perfumada, arrebatando as três prendas do Império, apertando-as contra o seio mole como se eu as quisesse roubar, diz, antes de girar sobre os calcanhares e afastar-se: —

— Então, se foi ferido em Mafra, em Portugal, não tem direito a estes presentes do Movimento Nacional Feminino.

E lá se foram, as grandes cabras, dar a outros infelizes os três prendazinhos miseráveis do Fascismo Colonial Lusitano.



política de A a Z

Dar a palavra ao povo para continuar Abril

A demissão de Francisco Pinto Balsemão, no próprio Partido Social Democrata desejada por largos sectores, constitui uma surpresa nas condições em que se verificou e veio dar origem a uma situação extremamente penosa para os sociais-democratas. Não temos em vista apenas a falta de solidariedade política do CDS, como a tomada de consciência, no próprio seio do PSD, da insuspeita penúria de valores políticos e de «primo-ministérios» (aceitamos a expressão posta em praça), com um mínimo de credibilidade moral, política e técnica para o desempenho do cargo de chefe de um Governo que recebe uma sucessão tormentosa e que terá que enfrentar uma crise em curso de agravamento acelerado.

Com efeito, as dificuldades para designar um substituto de Francisco Pinto Balsemão ultrapassaram o que era legítimo esperar. A solução encontrada não parece ser a melhor. Ninguém admitiria, alguns dias antes da demissão do Primeiro-Ministro, que o Professor Vitor Crespo, presidente do grupo parlamentar do PSD por um acaso dos atriros no interior do partido, tinha o perfil indicado para vir a ser um Primeiro-Ministro. Todos se recordavam do mau ou medíocre ministro, ninguém o vislumbrava a chefiar o Governo.

Com fria correcção, mas dando às palavras a carga pertinente, o Professor Diogo Freitas do Amaral, presidente do CDS, soube dizer em público que a hipótese Vitor Crespo não obrigava o CDS a um apoio automático. As razões que levaram no passado o CDS a aceitar, na chefia de governos de coligação, o presidente do «maior partido da AD» como Primeiro-Ministro, não se reproduziam relativamente a uma figura secundária do PSD que circunstâncias internas obscuras levaram a catapultar para altas funções governamentais. As dificuldades do «aliado» não são determinantes para o CDS. E por seu turno o PPM, também não pondo em causa a pessoa de Vitor Crespo, pretende saber qual o programa do quinto Governo AD, qual a orientação política que Vitor Crespo se propõe imprimir, quem comporá a equipa governativa.

A aparente simplicidade que se nos depara nas declarações pouco claras dos dirigentes do PSD, não tem correspondência nas posições cautelosas do CDS. As «opções», com uma ligeira diferença quanto ao imediato da reclamação mas admitindo-a por parte da ASDI, convergem em exigir a dissolução da Assembleia da República. E o Presidente da República, com a crise nas mãos, acaba de nos prevenir que poderá ser levado, por indefinição de uma orientação política capaz de deter e de vencer a «crise nacional», à convocação de eleições gerais que estabeleçam, a

nível parlamentar, a verdade da representação da vontade popular.

Dissemos, em anteriores notas cursivas nesta página publicadas, que nós, Portugal, não tínhamos «tempo para esperar», nem «espaço para manobrar». Nos seus vagares, o PSD vai oferecendo o espectáculo penoso das suas contradições, rivalidades pessoais, pobreza de valores políticos com estatura de «homens-de-Estado». A designação para Primeiro-Ministro de um universitário trabalhador que é um burocrata embaraçado e que foi um ministro para esquecer mostra que a crise de valores humanos é uma das dimensões da crise da Aliança Democrática.

Na sua política de manter a expectativa de decisões que tardam, ou para as quais se não sente apoiado por consensos amplos, o Presidente da República não pode furtar-se a reconhecer que a designação de Vitor Crespo cria uma situação delicada: a de dar confiança política (ou institucional apenas) a um homem que falhou na condução de um departamento ministerial. Reconhecemos que se tratava de um sector difícil — o da Educação e das Universidades —, mas sabemos que conseguiu ser reprovado pelos professores, pelos estudantes, pelos encarregados de educação. E não se descortina, no curriculum que nos é apresentado, para lá das referências a uma especialização científica, qualquer experiência dos negócios públicos que garanta capacidades para a condução da política geral e para a coordenação interministerial de um Governo que herda uma crise gravíssima: crise política, económica, financeira, social.

Os dias passam. Perde-se tempo. Restringe-se o espaço de manobra. Ao Presidente da República não se oferece uma panóplia de opções. Está, na realidade, confrontado com um dilema: ou aceita que se prolongue, com a agonia da «Aliança Democrática», o agravamento irremediável da crise; ou tenta renovar a representação nacional e abrir a possibilidade de uma nova correlação de forças na Assembleia da República.

Acresce que a consulta nacional deverá ser presidida por um «Governo de gestão» e que esse Governo não pode ser o actual Governo demissionário conservado em moderada velocidade de cruzeiro administrativo. Deverá ser nomeado um Primeiro-Ministro para conduzir uma equipa muito restrita — Primeiro-Ministro e equipa da confiança do Presidente da República. Nesse Governo seria admissível, e desejável, que os quatro maiores partidos — o PSD, o CDS, o PS e o PCP — estivessem representados a nível de «ministros de Estado».

Impõe-se a constituição de um Governo de gestão operacional, tecnicamente capaz, que dê garantias de isenção e que pela representação dos maiores partidos políticos não possa ser acusado de ser «um Governo contra os partidos», mas que funcione como um Governo de luta contra a crise, de estabilização económica e financeira, de defesa da democracia.

Governo de «salvação nacional»? Não gostamos da designação, nem do «unanimismo» que implica confusão. Um Governo que renove a esperança, inspire confiança, prossiga a marcha na estrada de Abril.

Discurso de poesia ou só saudade?

Antunes da Silva

Ruge ao de leve o mar. Vejo-o no seu eterno vai-vém coberto por enormes escamas de negrume, mesmo a certas horas tardias, como se algum imperador exótico tivesse a lembrança de assar milhões de pimentões verdes na gordura do seu dorso, e a fuligem que o fogo ateou, sacudida pelo vendaval da noite, impregnasse a superfície de resíduos pretos em ribeiras quase viscosas. Dá a ideia de uma pérola ofuscada pela sombra de uma esquadrilha de aviões supersónicos. Vai e volta, o famigerado vagabundo toma balanço, recua na enseada e aí torna a espargir gotas de água contra a falésia, preparando-se para formar infinitas ondas, mais largas que um horizonte de Inverno.

HOJE, a cor do mar faz-me acudir à lembrança trechos de versos no nosso épico Luís de Camões, quando se atinha a evocar a epopeia marítima dos Portugueses, e a páginas tantas alude ao gigante Adamastor. Não é, contudo, a forma literariamente amena do poema que atrai o meu entusiasmo neste instante, mas a figura azimbrada do fantasma dos abismos oceânicos que me espaventa os nervos da imaginação: haveria grandes e insondáveis nevoeiros por cima das caravelas, a chuva a cair em grossos cordões açoitada pelo vento ciclónico, a carranca de um velho doido gargalhando como um trovão-seco para os espaços, esculpida na tragédia dos naufrágios? Das águas revoltas ergue-se o vulto informe e pesado. Ele bate com a cabeça no céu e tem pés de penedo coberto de salsgens, algas de léguas, sacudindo brutalmente os vagalhões, mãos vagarosas de dinossauro a caminhar na lenda de um globo amarelo, um tipo inda assim meio corcunda e sempre zangado, o filho duma mãe, visto de muito longe, vestindo um casaco de noite a escorrer sal, no seu tronco milenário de eunuco, parecido com o guarda do Cemitério de Ourique, um nosso semelhante sem barbas, mais alto que um cerro, de imensas unhas aduncas, com os olhos enormes chispando lume e parecendo despejar raios e coriscos das ventas largas de beduíno, quando alguém o chateia.

O Mar andará a compor um novo dilúvio? Adivinha-se que mais tarde ou mais cedo ele vai submergir a costa, tragar-nos a todos como um insaciável dragão bebedor de sangue. As pessoas não têm juízo nenhum, caramba! Vieram do mar, ao princípio. Nasceram por modos, de algas virgens cor-de-rosa, ou de peixes que emitiam rodadas às estrelas, pensamos-lo nós, por pensar, e fazem-no crer os biólogos e os naturalistas, nos seus depoimentos baseados em apaixonantes estudos e a convicção de que conhecem por instinto, conhecem só eles os mistérios a que andamos enleados, à procura da nossa descendência.

Éramos, então, peixes, faz de conta, peças gelatinosas, e escoregadas. Com olhos de choco e mãos de jamanta? Diga-se a verdade, ao longo de tantos milénios, fomos adaptando-nos a esta patúsca existência terrena com as ajudas do Sol, do vento e da água e ficámos nestes seres insolentes e mesquinhos que somos — gente miúda e acagaçada ao pé do tal Adamastor com cilindros nos olhos de fossa, grãos de areia do deserto, anacoretas, brigões, poetas de génio rubicundo, comparsas duma imensa e estúpida comédia humana.

Os Alentejanos, inda assim, na sua maioria, não admiram muito o mar. Adoram as lonjuras indefinidas, é certo, mas enjoam as superfícies sem fundo. Olham o mar de esguelha, como quem desconfia que dali é que veio o drama da espécie. Não crêem na longevidade dos oceanos. Põem as mãos à frente dos olhos, insones na palidez dos seus palpites, tal como o Infante escrutava, dias e meses, do alto do promontório, a largueza da Terra.

E um facto: os meus patricios,

nestas coisas do mar, torcem o nariz, encolhem os ombros, bebem vinho e tocam flauta, quando calha. Na terra firme há coisas de maiores enleves — a tinta dos vales, um ninho de água no meio da penedra, o trigo a crescer, a água da fonte absorvendo a poeira do carril.

Por vezes, a cor do mar, para além do mais, nesta tarde, cansa. Esbarra com o silêncio da nossa saudade. É estranho, não é? Alguma coisa nos inquieta permanentemente, fora de toda a composição química da Natureza. Pomos um pé à beira da baía e a água é frigidíssima, incómoda. O mar ameniza, dá saúde, mas, ao fim e ao cabo, é a morada do Diabo afirmaram. Eu cá não acho!

Aventem os rotineiros de poesia que a saudade até se pode medir nos esticadores de fonte que secou na terra, é como as horas de trabalho de um artífice numa localidade de pouco sol. Porque pensamos nos bons dias que passaram, ou no perfume de um cravo vermelho na lapela de um jovem trabalhador comunista, ou no cabaz de morangos que leva na mão a nossa irmã mais nova, com a cara simpática de uma menina bem educada — é só isto a saudade? Qual! Afere-se a saudade no eco da flauta de cana, no passo que se dá no meio duma praça movimentada, onde se conheceu tanta gente... No mar, não! Só os navegantes solitários admiram até ao fundo da alma uma saudade de eremitas que os faz evadir de ao pé dos outros homens. Fogem da gente porque não gostam do cheiro das árvores, a Primavera!

Perguntam-me se costumo depurar o sangue às palavras. Pois costumo! São como uvas maduras e muito doces que se saboreiam sem pressa. Vivê-las é saudável, recordam-nos uma certa austeridade acústica. Escrever água e barro, é bonito. Gritar no campo e ouvir o eco a espalhar sons severos nos longes educa a nossa lealdade às pequenas coisas. E não esquecer, por exemplo, mar e abismo é bom. Digo que não gosto do mar, ou serei como certos fidalgos que afastam a cortina de uma janela para olhar melhor a mulher que há minutos haviam desprezado? Não sei.

Bem, ouvem-se vozes para além da falésia. Talvez estejam ali instalados alguns pecadores, em reunião com frades progressistas. Quem sabe? Tudo anda a evoluir duma maneira tal que não me admira nada. Um surdo rumor que taceia a vida é, efectivamente, audível, ou ave que espante as asas nalguma caverna e crocica, se for de rapina, como se chamasse alguém, ou ascaeta que caminha pelos montes à procura de vendavais ou de uma nova versão dos seus cuidados?

Um ruído leve. Mais da terra que do mar — ou mais da água e do barro donde viemos?

Um barco passa à distância. Procura aproximar-se da costa. Não tarda muito que não chegue aqui, fugindo da tempestade que se avizinha, com o tal Adamastor a preparar-se para a refrega, fugindo.

É na terra e na água das fontes que mora hoje o nosso encanto. Afinal, uma coisa simples de pensar.

Mau acordo ou má memória

A. Flores de Andrade

NÃO é de mais continuar a reflectir sobre a África Austral, pese embora o espaço diariamente tomado por esta zona, a todos os títulos nevrálgica, nos mais variados meios de Informação do mundo. É que se joga ali uma diversidade de situações de importância crucial, de ordem política, económica e estratégica.

Não se estranha, pois, que as grandes potências estejam particularmente atentas ao desenrolar dos acontecimentos e neles se envolvam profundamente (embora, apesar do muito que se diz, se trate de um envolvimento simultaneamente discreto, se o compararmos, por exemplo, com o que acontece quanto ao Médio Oriente). Trata-se, com efeito, de uma zona muito sensível, onde se equacionam dados vitais da estratégia actual dos Estados Unidos e da União Soviética.

Basta ter em conta a rota do Atlântico Sul e o controlo do oceano Índico para se compreender, sem dificuldade, que por aquelas paragens poderá passar um novo «Tratado de Tordesilhas» ou mesmo a terceira guerra mundial, se algo não se passar entretanto no sentido de os regimes no poder em todos os países que constituem a zona em questão, assumirem que só pela concertação de esforços poderão passar, ao menos, de peões passivos a peões activos no xadrez estratégico que se joga à sua volta.

É claro que uma abordagem neste sentido é pelo menos tão sensível como o problema ele próprio, não só porque mexe com a personalidade e a ambição específica dos vários líderes

nacionais da zona (e com os problemas particulares que cada um deles enfrenta na consolidação dos respectivos regimes e na manutenção ou diversificação das alianças em que estão comprometidos); como também com o obstáculo que representa a sobrevivência na zona de um regime racista: o da República da África do Sul.

Mas é necessário, de qualquer modo, tentar a abordagem por essa via. Aliás, a reunião na ilha do Sal entre dirigentes angolanos e sul-africanos, como o encontro entre Kenneth Kaunda e Pik Botha na fronteira do Botswana e o deste último com dirigentes moçambicanos, algures na fronteira entre os dois países, são exemplos recentes, entre outros, de que a hipótese está longe de ser académica.

Não está nem pode estar, por outro lado, em causa o carácter odioso do regime sul-africano. O que é importante — correndo embora o risco inexistente de interpretações distorcidas — é começar a sublinhar decididamente que a República da África do Sul existe, é um facto, uma realidade (aliás de grande peso); que o «apartheid» é, antes do mais, um problema interno dos sul-africanos pretos e brancos; que, sob pena de se servir a África Austral numa bandeja ao jogo das grandes potências, não pode considerar-se a África do Sul como mais um problema de descolonização; e que, sob o risco da mesma coninação, uma coisa é apoiar, moral e politicamente, as raças oprimidas daquele país, outra apoiar logística e materialmente as guerrilhas que lutam contra tal opressão.

Se é verdade que pode estar à vista, como acima referíamos, um «Tratado de Tordesilhas» ou

mesmo uma guerra mundial com detonador na África Austral (e é bom que se acredite que também esta hipótese está longe de ser académica), é mais tempo de realismo que de considerações morais. Até porque — embora em planos diferentes e menos graves — também é verdade que, no plano ético, se poderiam questionar os sistemas de partido único, as arbitrariedades e prisões políticas e outros aspectos pouco abonatórios de alguns regimes da zona.

Somos dos que têm a profunda convicção, na esteira de Josué de Castro, de que a explicação para a existência de racismo assenta exclusivamente na necessidade que uma raça sente de justificar «moralmente» a exploração de outra raça; e de que deve ser bem mais difícil para um dirigente negro negociar com um dirigente branco que o considera inferior, do que para um dirigente comunista negociar com um dirigente capitalista que o considera um mafarrico (e vice-versa). E no entanto, este último exemplo tornou-se (felizmente) moeda corrente. Que o primeiro passe igualmente a ter circulação, impõe-o a necessidade urgente de paz e estabilidade na África Austral.

Enquanto assim não for, arrastar-se-ão os conflitos, com as consequências actuais e potenciais já assinaladas. Será muito difícil, com efeito, pôr fim ao ciclo vicioso das sabotagens da ANC, baseada no Lencho e em Moçambique, a centros vitais sul-africanos e a subsequente retaliação da parte destes; dos ataques da SWAPO, baseada em Angola, ao território da Namíbia, ocupada (ilegalmente, embora) pela África do Sul, e as consequentes invasões da terra árigo-lana e o apoio à guerrilha da

UNITA do lado do Exército daquele país.

É evidente que este último caso — o da Namíbia — é muito particular, pois se trata de um problema de colonização, ainda para mais sem qualquer apoio jurídico internacional ou base histórica. Mas enquanto a África do Sul pressentir que está na lista dos países que a circundam como o último território a descolonizar, não acederá a conceder a independência à Namíbia — disso podemos todos estar certos.

Claro que pode ser forçada a fazê-lo, com os riscos enormes que envolverá qualquer tentativa de encurralar um potencial militar daquele jaez.

Certo é que, seja pela via norte-americana de pretender os cubanos fora de Angola antes de tudo o mais e de cansar os países africanos negros pelas dificuldades económicas cada vez maiores que enfrentam; seja pela via soviética de apoiar a SWAPO como único representante do povo namibiano (e a presença dos cubanos em Angola como corolário dessa posição), no sentido de manter a pressão militar sobre os sul-africanos e forçá-los, assim, a ceder — qualquer das duas estratégias, a ter sucesso, implicaria o pagamento da subsequente factura, se não conduziisse antes — repete-se uma vez mais — a consequências devastadoras.

Resta uma terceira via, pacífica, duradoura e sobretudo independente: a concentração de esforços e a busca de soluções sérias e pragmáticas por parte de todos os países da África Austral, incluindo — por muito que isso custe a tanta boa gente (a nós também) — a República da África do Sul.

Afirma especialista em Direito de Trabalho

Despedimento colectivo da ANOP perdeu todo o efeito

O despacho do Ministério do Trabalho faz perder todo o efeito ao processo de despedimento colectivo da ANOP — declarou à agência António Monteiro Fernandes, especialista em Direito do Trabalho e regendo esta disciplina na Faculdade de Direito de Lisboa.

Monteiro Fernandes afirma, em parecer escrito solicitado pelos trabalhadores da ANOP, que da análise jurídica da posição do Ministério do Trabalho resulta que «devem naturalmente ser consideradas sem efeito as comunicações individuais da intenção de despedimento emitidas em 27 de Setembro último, e, com elas, todo o processo assim encetado».

Aquele professor da Faculdade de Direito de Lisboa, depois de estudar o parecer do secretário de Estado do Emprego ontem sancionado pelo ministro do Trabalho, afirma que tal posição «proferida no último dia do prazo legalmente estabelecido para o processo de despedimento colectivo, assume, sob o ponto de vista jurídico, o significado de uma medida impeditiva do referido despedimento e não o sentido de uma dilação do mesmo processo».

Monteiro Fernandes acrescenta ainda que «neste momento, ou seja, esgotado o prazo legal do processo», o Conselho de Gerência da ANOP «está impedido de consumir, em qualquer medida, o projecto de despedimento colectivo».

O mesmo professor de Direito do Trabalho sublinha estarem «em causa os fundamentos do projecto, até em virtude da alteração superveniente de algumas condições relevantes».

Dadas as objecções levantadas pelo Ministério do Trabalho ao processo de despedimento colectivo desencadeado pelo Conselho de Gerência da ANOP, António Monteiro Fernandes declara que «não se sabe quantos nem quais trabalhadores virão ser abrangidos por uma futura e eventual redução de efec-

tivos» da empresa.

Dai, conclui o especialista em Direito de Trabalho, deverem «naturalmente ser consideradas sem efeito as comunicações individuais de despedimento emitidas», e, por consequência, «todo o processo».

De outro modo, acrescenta no seu parecer António Monteiro Fernandes, «criar-se-ia um estado de indefinição do mesmo processo (por estar em crise a correlação entre o projecto de despedimento e a respectiva fundamentação económica) e de inaceitável insegurança da situação dos trabalhadores», o que «a lei não admite».

O despacho do ministro do Trabalho, conclui o assistente da Faculdade de Direito, implica «meramente a possibilidade de abertura de um novo processo de despedimento colectivo por parte do Conselho de Gerência, se este assim o entender, mediante a apresentação de outros fundamentos e de outra lista de trabalhadores».

Posição dos órgãos representativos

Entretanto, os órgãos representativos dos trabalhadores da ANOP (Comissão de Trabalhadores, Conselho de Redacção e

delegados sindicais) consideram já que o despacho do Ministério do Trabalho referente ao processo de despedimento colectivo intentado pelo Conselho de Gerência da empresa constitui um «claro impedimento» àquela iniciativa.

Em comunicado subscrito por aqueles órgãos representativos, sustenta-se que a posição do Ministério do Trabalho perante a intenção dos administradores da agência de despedirem dois terços do seu pessoal significa «o termo de um processo condenado por vastos sectores da opinião pública portuguesa».

O CG da agência manifestara a intenção de proceder ao despedimento colectivo em cartas de 27 de Setembro, data sobre a qual expiraram segunda-feira os três meses previstos na lei para a concretização do propósito.

Apoio de Luís Fontoura

Por sua vez (e no âmbito dos apoios que vêm sendo manifestados à ANOP), o secretário de Estado da Cooperação e Desenvolvimento, Luís Fontoura, associou-se, ontem, aos trabalhadores da agência num jantar de solidariedade com o jornalista Fernando Carneiro, cuja requisição fora cancelada pela administração do conselho de gerência.

No jantar participaram Carlos Machado, vogal do CG da ANOP, a deputada independente Natália Correia e José Manuel Saraiva, como representante do Sindicato dos Jornalistas, que leu uma mensagem de saudação a Fernando Carneiro e de solidariedade com todos os que trabalham na ANOP.

Outros apoios que, entretanto, foram endereçados à Agência Noticiosa Portuguesa: Reis Torgal, dirigente do PPM; jornalistas

da RTP/Porto; Federação dos Sindicatos de Metalurgia e Minas; MDP/CDE, que «manifesta disponibilidade para prosseguir o apoio à ANOP contra as intenções da AD»; União de Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP); Sindicato dos Oficiais Maquinistas da Marinha Mercante, etc.

Refira-se, ainda, que a Direcção do Sindicato dos Jornalistas saudou os trabalhadores da ANOP pelo despacho do Ministério do Trabalho. «Trata-se — afirma o SJ — de mais uma vitória alcançada, resultante da firmeza da luta», e de «um recuo táctico do Governo, confrontado com o repúdio veemente dos jornalistas e de vastos sectores da opinião pública nacional e internacional perante o vergonhoso projecto de extinção da Agência Noticiosa Portuguesa».

Fernando Peres

O funeral do jornalista Fernando Peres, cujo corpo ficou depositado na Casa da Imprensa, efectua-se esta tarde daquela instituição para o Cemitério do Alto de S. João.

«DN»: 118 anos

Passa hoje o 118.º aniversário do «Diário de Notícias», motivo pelo qual endereçamos ao seu director e director adjunto, respectivamente, Mário Mesquita e Dinis de Abreu, e a todos quantos trabalham naquele matutino, as nossas saudações.

Assinalando a efeméride, o «DN» oferece esta tarde no Coliseu dos Recreios um espectáculo de circo às crianças de Lisboa e aos filhos dos ardinas — e à noite, no Pavilhão dos Desportos, leva a cabo uma sessão para entrega de um prémio, no valor de cem contos, ao bombeiro do ano, Rui Jorge dos Santos, dos Municipais da Figueira da Foz.

José Vitorino, indigitado para ministro de Estado?

“AD não está engripada nem com febre”

Um telefonema vindo do Norte avisou em forma de certeza: José Vitorino, actual secretário de Estado da Emigração, vai transitar para ministro de Estado no caso de Vitor Crespo conseguir formar Governo e o Presidente da República lhe der posse. Ao telefone com José Vitorino pusemos-lhe a questão e ouvimos a sua resposta:

«Tudo isso é que se diz é prematuro. Dado os muitos factores envolvidos, não posso pronunciar-me sobre a minha permanência na Secretaria de Estado, sobre a minha passagem para qualquer outro departamento governamental ou até sobre a minha saída do Governo».

«Falou em muitos factores. Quais?»

«Olhe, desde aquilo que as pessoas se propõem desenvolver como actividade governativa, àquilo que se gostaria de fazer como deputados ou em termos internos do partido».

Isso são razões meramente pessoais...

«Não exclusivamente. Como sabe sou um homem de máquina partidária, faço política a tempo inteiro, a política é uma coisa demasiado séria, por isso mesmo tanto me considero útil no Governo como fora do Governo. Penso aliás que a minha actividade como deputado produziu alguma coisa de positivo em termos do Algarve e do País».

Resumindo: confirma ou desmente que tenha sido convidado para ministro do Estado num futuro Governo chefiado por Vitor Crespo?

«Remeto-o para a resposta que já lhe dei. É prematuro falar-se disso. A indicação oficial de Vitor Crespo apenas sairá logo à noite da reunião do Conselho Nacional do PSD. É necessário que ele sinta o resultado da votação secreta a que se vai proceder. A formação do Governo, acelerada, só a partir daí começará».

Mas o senhor já foi abordado...

«O que lhe posso dizer é que, independentemente dos contactos que possam, no futuro, envolver a minha pessoa, eu próprio ainda não decidi neste momento se fico onde estou, se mudo para outro departamento ou se saio do Governo. Tudo é prematuro».

Como interpreta o comunicado o Presidente da República?

«A título pessoal penso que o senhor Presidente da República procura, ao indigitar o PM, e por via disso ao dar luz verde para formar o Governo, provocar que a maioria assegure um executivo forte e demonstre uma efectiva vontade de solidez para que se possa governar o país o melhor possível. Esse é um objectivo que o senhor Presidente da República sempre tem manifestado ao longo desse mandato».

Exclui a hipótese de dissolução da Assembleia?

«Penso que não haverá dissolução. O PSD é por uma solução sólida e apostará nela completamente. Como sempre apostou em todos os governos da AD».

Mas o CDS...

«... Para já estou a falar-lhe do PSD...»

...Mas convém não esquecer que a posição do CDS é importante...

«Sim, mas o que eu lhe digo é que nós apostamos a sério neste novo Governo e que o prof. Vitor Crespo é uma personalidade que não vai para lá apenas por dois ou três meses».

Mas no PSD e no CDS há quem não pense assim...

«Em termos da AD o que lhe devo dizer é que uma coligação, em qualquer país do mundo, deve procurar melhorar o seu funcionamento. É o que se passa connosco. PSD e posso garantir-lhe que a AD não está engripada nem com febre».

Tem a certeza?

«Tenho. E o PSD nunca provocou, não provoca nem provocará febre ou qualquer doença na AD».

Ribeiro Cardoso

Conselho de Estado reúne esta tarde

O Conselho de Estado vai reunir-se pela primeira vez esta tarde, no Palácio de Belém. Será uma reunião meramente formal que tem como objectivo primeiro tornar «operacional» este órgão de soberania que, dois meses após a entrada em vigor da revisão constitucional, ainda não está completo.

Apesar de na ordem de trabalhos constar apenas a «elaboração do regimento» e «normas de funcionamento», esta primeira reunião do Conselho de Estado é geralmente considerada de extrema importância, pois a convocação por parte do Presidente da República, neste preciso momento, está longe de ser inocente.

Ramalho Eanes, com esta sua decisão, atinge dois objectivos: por um lado, a partir de hoje terá o Conselho de Estado condições de ser convocado em qualquer momento para analisar a situação política e, designadamente, a hipótese de dissolução da Assembleia da República para marcação de eleições legislativas antecipadas (o que é uma possibilidade que cada vez ganha mais corpo); por outro mostra de uma forma clara as dificuldades que a AD e o PS — que cozinham a composição do Tribunal Constitucional à revelia do Presidente — têm encontrado para completar o elenco do órgão de soberania que veio substituir a Comissão Constitucional. O que, é inegável, se reveste de bastante gravidade e deixa a nu o modo como foi feita a revisão constitucional.

O Conselho de Estado vai, pois, funcionar transitoriamente sem um dos seus membros: o presidente do Tribunal Constitucional, ainda não cooptado.

Entretanto, imediatamente antes da reunião de hoje à tarde, são empossados três outros elementos que ainda não tomaram posse: os presidentes da Assembleia da República e do Governo Regional da Madeira, respectivamente Ribeiro de Almeida e Alberto João Jardim, e ainda o provedor de Justiça, Pamplona Corte Real.

PR avisa

Paralelamente à convocação do Conselho de Estado, o Presidente da República tornou público um comunicado no qual deixa transparecer de um modo claro as suas intenções quanto ao modo como poderá vir a actuar para resolver a crise aberta com a demissão do governo. Joaquim Leiria leu esse comunicado onde Ramalho Eanes de uma forma inequívoca afirma que a última palavra terá que ser dita por si.

«Só depois de analisada a solidez da proposta apresentada pela AD» é que o Presidente da República decidirá da indigitação do Primeiro-Ministro ou dissolução da Assembleia da República — refere o comunicado cujo teor, na íntegra, é o seguinte:

«1. O Presidente da República ouviu, no cumprimento das diligências constitucionais que lhe competem para a resolução da actual crise governativa, ao abrigo do art.º 190/0 da Constituição, todos os partidos com representação parlamentar.

«2. A Constituição da República, após a sua primeira revisão, não modificou as regras que devem presidir à nomeação do Primeiro-Ministro, estabelecendo que ele é nomeado pelo Presidente da República, ouvidos os partidos representados na Assembleia da República e tendo em conta os resultados eleitorais.

«3. O Presidente da República transmitiu aos partidos a sua convicção de que é necessário encontrar uma solução urgente e capaz para a presente crise política.

«4. Nestas circunstâncias, o Presidente da República considera que, só depois de apreciada a solidez da proposta que vier a ser apresentada pela Aliança Democrática, decidirá a indigitação de um novo Primeiro-Ministro ou a dissolução da Assembleia da República».



JOSE ANTONIO RODRIGUES

Ex-sócio da Firma Bijou Cristal Ld.ª e logurte Ocidental Ld.ª e grande Republicano

FALECEU

Sua Esposa, Filhos, Netas, Genro, Nora e restante família participam o falecimento do seu ente querido, cujo funeral se realiza amanhã às 14 Horas da sua residência na Granja para o Cemitério de Vialonga.

Agência Funerária de LOURES, L.D.ª
Tel.: 9830665.

totobola

Grandes Jogos
para um grande Concurso:

Sporting - Benfica
Amora - Porto
Portim - Guimarães
Braga - Estoril
Espinho - Salgueiros
Boavista - V Setúbal
Bragança - Riopele

Vizela - Penafiel
Leixões - P. Ferreira
Rio Maior - Agueda
Peniche - Académico
Odivelas - Sesimbra
Olhanense - Atlético

CONCURSO Nº1 DO ANO NOVO

ESTA SEMANA APOSTE MAIS CEDO

informe-se nas agências



Para Mário Soares, a AD «não é capaz, está esgotada e não encontra as soluções adequadas para a resolução dos problemas nacionais».



Alvaro Cunhal considera que «de nenhuma forma um Governo AD pode resolver a crise política, económica e social» e defende mais uma vez que «se impõe consultar o eleitorado».

A Oposição esteve em Belém a pedir eleições antecipadas

Ramalho Eanes concluiu ontem, depois de ouvidos os representantes dos partidos da oposição com assento parlamentar, a consulta imposta nos termos da Lei Fundamental para a nomeação do novo Primeiro-Ministro. Todos, à excepção da ASDI (que fez depender do conhecimento do novo Governo o seu apoio ou não à dissolução da AR), se pronunciaram a favor de eleições antecipadas para a superação da actual crise.

MÁRIO Soares, após uma audiência de quase duas horas com o Presidente da República, declarou à saída de Belém que o Governo não explicou suficientemente as razões por que se demitiu. Para o líder socialista há neste momento duas crises: a do País, económica e social — que a AD tem agravado sistematicamente — e a do próprio Executivo.

«No espaço de poucos meses, um Governo que diz ter a maioria apresenta por duas vezes o seu pedido de demissão» — frisou Mário Soares.

«Os socialistas mantêm a posição já conhecida: a AD não é capaz, está esgotada, e não encontra as soluções adequadas para a resolução dos problemas nacionais», referiu.

A delegação socialista, que integra ainda Almeida Santos, Jaime Gama e Eduardo Pereira, entende que a solução da crise passa por novas eleições gerais.

Mário Soares recusou-se a analisar o nome de Vítor Crespo como provável Primeiro-Ministro, endossando a opinião do PS para a Assembleia da República quando for apresentado o programa governamental, pois os deputados socialistas — observou — estarão na altura em melhores condições para apreciar o perfil do chefe do Governo, as linhas programáticas e o elenco do Executivo.

Outra razão apontada pelos socialistas para adiar esta análise baseia-se no facto de o CDS ainda não ter dado uma resposta.

«Interrogamo-nos por que é que um Governo com segundas e terceiras figuras vai ser melhor do que aquele que tinha as primeiras figuras da coligação», afirmou Soares.

PCP: não é uma crise de pessoas

Alvaro Cunhal afirmou ontem, após audiência de hora e meia com o Presidente Eanes, que «nem o perfil do homem (Vítor

Crespo) nem o perfil da política, asseguram a solução dos problemas do País».

O líder comunista afirmou que «não se trata de uma crise de pessoas, mas de uma crise de política».

O PCP considera que «não é com nenhum Governo AD, há muito com maioria parlamentar, que a crise política, económica e social se resolverá».

Deste modo — acrescentou Cunhal — impõe-se uma consulta ao eleitorado para confirmar a tendência das eleições presidenciais de 1980, agora reiterada nas autárquicas para que o povo escolha uma nova maioria e um novo Governo.

Acompanhado por Carlos Brito e Carlos Costa, Alvaro Cunhal disse haver numerosos mecanismos constitucionais para nomear um Executivo que «garanta o carácter democrático de eleições antecipadas, coisa que o Governo demitido não está em condições de garantir».

Quanto a Vítor Crespo, o líder comunista considerou que «seria bastante mau que ficasse, pois o importante é substituir os partidos no Governo».

ASDI: posição definitiva dependente dos nomes

Magalhães Mota, ASDI, defendeu que Vítor Crespo devia anunciar rapidamente o elenco governamental que se propõe dirigir.

A saída de um encontro com o Presidente da República, ao fim da manhã de ontem, o dirigente da ASDI disse que só assim poderia saber se se deve aceitar a solução que a AD propõe ou ir desde já para eleições antecipadas.

Magalhães Mota acentuou que só depois de conhecido o elenco governamental proposto pela AD se poderá medir a conveniência de eleições antecipadas.

«Se este Governo fosse uma

má solução, teríamos que pensar em eleições antecipadas daqui a alguns meses ou em eleições antecipadas já» — disse.

Salientou uma série de situações que Vítor Crespo enquanto ministro da Educação «se revelou incapaz de resolver».

«Não encontrou soluções para o ensino que geriu» e seria importante conhecer «as suas capacidades para anunciar rapidamente um elenco governamental» — disse.

Acrescentou que a maioria das «pessoas têm filhos a estudar, têm uma experiência do que é uma gestão do professor Vítor Crespo».

Magalhães Mota considerou ser provável «que venha a ser confirmado» o nome apresentado pelo PSD para Primeiro-Ministro, mas, disse, «Vítor Crespo não tem um perfil para ser chefe de Governo nesta situação».

Acusou a Aliança Democrática de «confundir os seus problemas com os problemas do Estado».

Qualificou a actual situação como «recorde excêntrico», adiantando, a este propósito que «depois de derrubar a maioria temos outro Governo da maioria».

UEDS: dissolução da AR e eleições antecipadas

Lopes Cardoso disse ontem, à saída da audiência em Belém com o Presidente Eanes, que não lhe interessa qual o nome do futuro primeiro-ministro pois «não basta mudar de Governo, mas mudar de política».

A UEDS considera que a solução da crise passa por nova maioria o que implica a dissolução do Parlamento e eleições gerais antecipadas.

«O novo governo AD não resolverá coisa nenhuma e o País não está em condições de pagar um preço mais elevado por causa de quezílias internas do PSD e da AD» — disse Lopes Cardoso.

Recordou que este é já o quarto Governo da AD, que há uma «maioria de ficção» no Parlamento pelo que concluiu «a AD nem sequer a prometida estabilidade trouxe».

A UEDS defendeu uma vez mais um governo de gestão «com isenção para preparar eleições antecipadas» à frente do qual estaria um Primeiro-Ministro designado pelo Presidente da República com «tarefa delimitada para gerir o País».

Lopes Cardoso era acompanhado por Joel Hasse Ferreira e César Oliveira.

A audiência demorou hora e meia.

MDP: Governo de amplo consenso democrático

O MDP/CDE, que esteve representado ontem em Belém por José Tengarrinha, Helena Cidade Moura e Mário Casquilho, defendeu junto do Presidente da República que «a normalização da vida democrática do País só é possível com a dissolução do Parlamento, marcação de eleições antecipadas e com a formação de um Governo de amplo consenso democrático».

José Tengarrinha acrescentou, nas declarações que fez aos jornalistas depois do encontro com Ramalho Eanes, que «os órgãos de soberania e, nomeadamente, o PR, devem assumir em toda a extensão a responsabilidade que lhes cabe».

O presidente do MDP/CDE considerou ainda «inadmissível a continuação deste espectáculo de desordem política do País» e que a crise tem «muitos aspectos de uma brincadeira partidária de mau gosto». «Uma brincadeira que se aproxima muito da farsa e que faria rir, se ela não fosse trágica para o País e para os portugueses» — acrescentou, sublinhando que «os partidos que estão no poder perderam a noção de interesse de Estado para ter sobretudo a noção dos seus interesses pessoais, ambições e vantagens de ordem partidária».

António Vilar — PSD do Porto — ao «DL»

“Projecto AD falhou”

António Vilar, presidente da Comissão Política do Porto do PSD, foi dos primeiros a dar apoio à indicação de Vítor Crespo para primeiro-ministro. Já quando da eleição do presidente do Grupo Parlamentar social-democrata, António Vilar se distinguira no movimento que levava Vítor Crespo àquele lugar, deixando para segundo plano o «candidato» de Balsemão, Fernando Condesso.

O dirigente social-democrata preferia a escolha de Mota Pinto, mas gorada esta hipótese, diz, sem grande convicção, que Vítor Crespo é o homem capaz de «relançar o projecto da AD». Mesmo acreditando que para Balsemão, foi a «solução de recurso». Até agora, afirma claramente António Vilar, «o projecto da AD falhou».

A breve troca de impressões que travámos com António Vilar começou pelas implicações que poderão advir do seu apoio quanto à presença de «pessoas do Norte» no próximo Governo. O dirigente do PSD responde indirectamente:

«Há no Norte pessoas com capacidade de assumir posições quer no Governo, quer no partido e a comissão distrital do Porto tudo fará para que isso aconteça».

«DL» — E acha que o Governo de Vítor Crespo será para durar para além do congresso do PSD?

A.V. — Seria dramático e antipatriótico que isso não acontecesse.

«DL» — Mas para já o próprio CDS está a distanciar-se...

A.V. — É uma questão intelectual.

«DL» — Em política estes distanciamentos têm não só conteúdo como reflexos políticos...

A.V. — Não tenho dúvida que sim. Mas a posição do CDS tem a ver com uma forma livresca, catedrática, de fazer política. Não creio que seja mais do que isso.

«DL» — E a AD?

A.V. — Penso que se deve relançar o projecto original da AD ou arrumá-lo definitivamente. Até agora o projecto da AD falhou.

Para relançá-lo era preciso escolher desde já o candidato à Presidência da República em 1985 e creio que Mota Pinto ou Eurico de Melo seriam bons candidatos.

«DL» — Isso significaria que o acordo AD (estabelecido até 84) estava tacitamente renovado.

A.V. — Significa que se se entender relançar o seu projecto, o acordo pode ter novas facetas. Será de prolongar se for para substituir a AD à pureza original do seu projecto, com a concepção global de Estado que a integrava. Para isso, é necessário escolher o candidato à Presidência da República e que o PSD assuma a liderança do processo.

«DL» — E o líder?

A.V. — O PSD tem um conjunto de pessoas que a curto prazo podem ser líderes. O partido não está assim tão debilitado como possa parecer. Há pessoas com condições iminentes para serem bons líderes se se dedicarem inteiramente à política. O prof. Mota Pinto é um caso paradigmático. Helena Roseta ou Cavaco e Silva, aquela com mais amadurecimento, este com mais tarimba partidária, também seriam bons líderes.

«DL» — E seria já no próximo Congresso que avançariam para a alteração da liderança do PSD?

A.V. — Quanto mais depressa se tomarem as decisões melhor. Mas se não for no próximo, espero que se dêem, pelo menos, passos importantes.

«DL» — Isso significa que, na sua óptica, Pinto Balsemão está irremediavelmente perdido?

A.V. — Significa que Pinto Balsemão será uma ponte para novas soluções de consenso. Espero que ele saiba fazer a ponte para uma solução com carácter definitivo.

«DL» — Então o relançamento da AD fica adiado. Não acha que o PSD tem perdido com a AD e que, por isso, o acordo deverá ser rescindido?

A.V. — Se o PSD se assumir como factor de progresso e líder da AD creio que ela tem ainda virtualidades que ainda não foram explanadas. Se não for capaz de assumir a liderança, o projecto da AD será então um projecto conservador e de pura perda para o PSD e, então, penso que o PSD devia rescindir o acordo e concorrer sozinho às eleições, penitenciando-se do passado. Se ganharmos governamos, se não, somos oposição.

«DL» — Voltando à hipótese de Vítor Crespo, irá o seu Governo ultrapassar o mesmo Congresso do PSD em Fevereiro/Março?

A.V. — O Governo deve passar incólume no Congresso. Não só porque dois meses é pouco tempo para que qualquer Governo possa ser julgado, mas também porque um Governo não pode estar dependente de um Congresso que deve resolver problemas internos e não decidir sobre o Governo. Seria um acto suicida. O Governo tem que ser para durar. É uma questão de patriotismo.

«DL» — Mas sem o empenhamento directo dos líderes da AD não será difícil...

A.V. — Se o Governo for forte os partidos passam a segundo plano e o Governo é que se impõe à opinião pública.

«DL» — Mesmo com as medidas de austeridade que dizem ser necessário tomar?

A.V. — É mais viável tomar essas medidas com o apoio dos partidos, mas — até é provável que os partidos se distanciem mesmo delas — é preciso que sejam necessárias, justas e não gratuitas, que tenham em vista objectivos sociais e que os cidadãos as aceitem como necessárias. Tem-se tomado medidas sem contrapartida.

L.H.M.

Opinião de «The Economist»

AD inclina-se para o suicídio

O semanário britânico «The Economist» considera hoje que a coligação centro-direita de Portugal «parece inclinar-se para o suicídio à semelhança do que fez a sua homóloga espanhola no princípio do ano».

«Ambas as coligações sofreram do mesmo mal: ausência de um líder forte», diz o «Economist» no seu último número, comentando a situação interna portuguesa.

A revista diz que quando em Espanha a União de Centro Democrático «abandonou o persuasivo Adolfo Suarez caiu num Calvo Sotelo apagado».

Em Portugal, depois da morte de Sá Carneiro, «verdadeiro impulsor da Aliança Democrática», a coligação «ainda não descobriu um líder de autoridade» e, mais ainda, «não conseguiu agora encontrar um novo Primeiro-Ministro».



Programas

de Francês

Escolas do Norte não cumprirão alterações

Sete escolas secundárias do Porto enviaram ao ministro da Educação uma carta de protesto pelas tardias alterações ao programa de Francês. No mesmo documento comunicam que não vão acatar as alterações por ser totalmente impossível fazê-lo nesta altura do ano lectivo.

Os representantes das sete escolas, com os quais se solidarizaram representantes de mais catorze escolas secundárias do Norte, referem que antes do início do presente ano lectivo, foram os conselhos directivos informados que não iria haver alterações aos programas em vigor. Os livros adoptados estavam portanto de acordo com os programas e os professores fizeram em devido tempo a programação conjunta para os vários anos de escolaridade. Quando em meados de Novembro chegou às escolas um ofício-circular determinando as alterações, os professores verificaram «com surpresa e vivo repúdio» que aquelas eram profundas, sobretudo a nível temático e que os livros anteriormente adoptados não serviam minimamente os conteúdos dos novos programas.

«Não podemos esquecer que os livros são normalmente muito onerosos nos encargos da maior parte das famílias e as Escolas não têm verba para suportar as despesas das fotocópias necessárias para o estudo dos temas propostos», afirmam os representantes das escolas em questão.

Salientando que não é a primeira vez que tal situação se verifica por exemplo, no ano escolar 1981, os signatários lamentam profundamente que o Ministério continue a pôr em causa a dignidade e o trabalho da profissão docente e a comunicar que confluam com a programação anteriormente prevista, por impossibilidade de proceder de outro modo no momento presente.

Apresentam ainda vários pedidos de esclarecimento sobre qual foi a equipa que elaborou os novos programas, com que critério, que professores da disciplina foram ouvidos sobre a reformulação e quais as razões da data tardia em que os programas foram enviados às escolas.

Do porto de Setúbal

Portugal envia bombas e munições para um país do Golfo Pérsico

Portugal está a abastecer com bombas e munições um dos países do golfo Pérsico, provavelmente o Iraque. Não nos foi possível confirmar junto da INDEP (Empresa Pública — Indústrias Nacionais de Defesa), com sede em Sacavém e extensão em Braço de Prata (antiga Fábrica de Material de Guerra), o destino exacto das bombas e munições que, entre segunda-feira e hoje saíram em três barcos do porto de Setúbal, mas tudo indica que a «meta» seja Bagdad.

O presidente da INDEP, coronel Filipe Themudo Barata, não estava disponível, ontem à tarde, para nos dar essa informação. Um porta-voz das Indústrias Nacionais eximiu-se a avançar pormenores sobre o negócio por questões que têm a ver com a «cortesia» e o «sigilo» que «devemos aos nossos clientes», afirmou. No entanto, realçou que se tratava de «um embarque autorizado».

Ninguém pensa (ou sugere) o contrário. É isso mesmo: um «embarque autorizado» pelo Governo (Ministério da Defesa Nacional), por iniciativa das Indústrias Nacionais de Defesa. As INDEP não dão «quaisquer informações» sobre o destino das cargas entre segunda-feira e hoje embarcadas no «Brigite», «Honerstrand» (de Dyreborg) e «Pegasus» (de Marstal), cargueiros de nomenclatura nórdica. Recusando-se a adiantar o que quer que seja, sublinham que estão sob a tutela do Ministério da Defesa e têm a ver com o Estado-Maior-General das Forças Armadas.

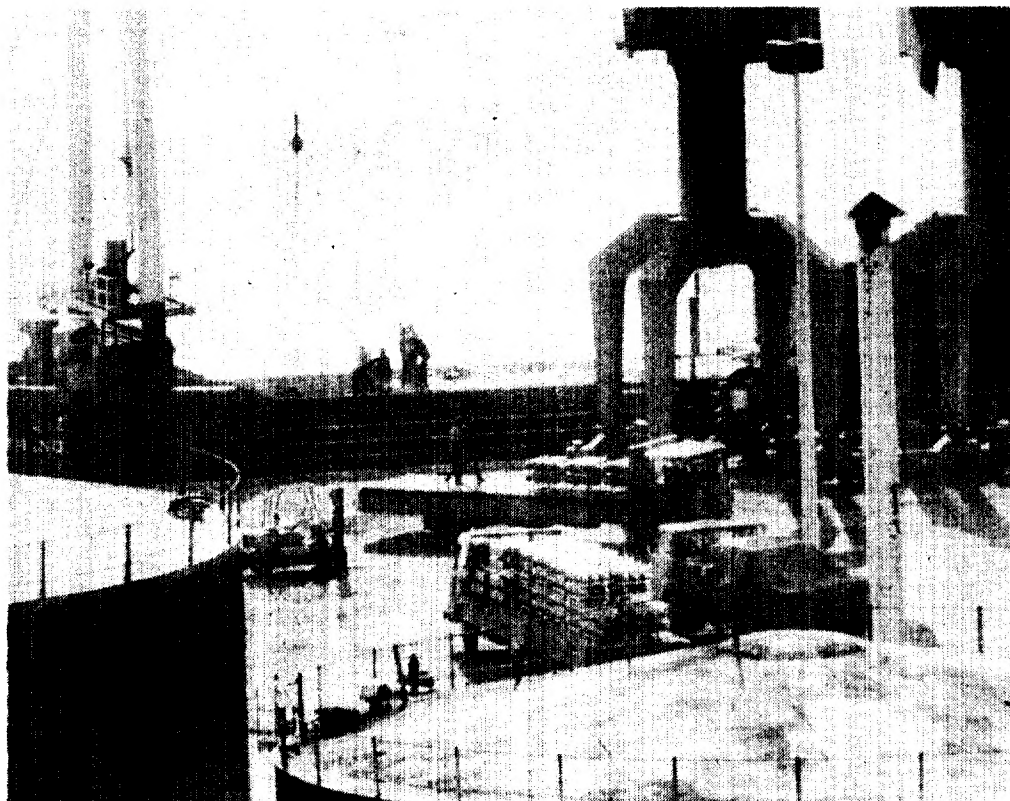
Enfim: de concreto, há mais setecentas toneladas de munições e bombas vendidas por Portugal a um país do golfo (insistimos no Iraque) que fortalecerão os cofres nacionais com divisas.

«Não podem fotografar»

O navio «Brigite» largou de Setúbal na segunda-feira à tarde, apurou no porto sadino a reportagem do «Diário de Lisboa». Ontem de manhã, o material que o «Honerstrand» e o «Pegasus» deveriam carregar o mais depressa possível, ainda não tinha chegado ali.

A equipa do «DL» encontrou cinco camiões, bandeiras pretas nas traseiras, ontem de manhã, a caminho de Setúbal. Estavam parados, sob a vigilância de um indivíduo que se identificou como agente da Polícia, antes da Ponte «25 de Abril», para quem se dirigia para aquela cidade do Sul.

Só por volta do meio-dia passaram as portas da JAPS, «guiados» por uma carrinha de cor azul do Ministério da Defesa. Eram todos do Ministério do Exército, apresentando-se dois deles com as matrículas ME-92-32 e ME-32-74. Outros já ali se encontravam, aguardando vez para serem descarregados, alguns deles de transportadoras privadas.



Durante as operações de embarque das bombas e munições, ontem de manhã, no porto de Setúbal

O homem de guarda ao portão de acesso ao porto foi peremptório quando o tentamos transpor pela primeira vez: «Não podem fotografar nada». O nosso companheiro da objectiva atalhou logo: «Nós não vimos fazer bonecos». O guarda, ante a resposta, sentiu-se na «obrigação» de esclarecer: «É que há dois meses houve problemas com um senhor que veio cá fazer fotografias».

«Paulinha», «Três Netos» e «Carlos Miguel»: nomes de barcos de quem se passeia no Sado, esperavam-nos ali, antes do portão do JAPS. Para além deste, o «Leiria», nome de baptismo de um barco comprado a uma companhia estrangeira. No enfiamento deste, o «Honerstrand» e o «Pegasus», mais escondidos.

«Pegasus» larga hoje

O primeiro saiu, ainda ontem, de Setúbal rumo a um país do golfo (o seu destino final será o Iraque). Hoje, se tudo corresse pelo melhor, largaria o «Pegasus», que só ontem começou a ser carregado.

Um trabalhador do porto de Setúbal adiantou ao «DL» que o embarque se tinha atrasado por falta de material. As remessas descarregadas segunda-feira à tarde e ontem de manhã, foram em poucas horas colocadas por cinco guindastes no «Honerstrand» e no «Pegasus» em contentores de cor violeta, que param por volta das dezasseis horas à espera de mais bombas e munições.

Entre Lisboa e Setúbal (e vice-versa) se movimentaram, ontem, os camiões (particulares) com as matrículas HP-98-72, IC-29-75 e LB-65-72, todos com placas de Lisboa, mais os pesados do Ministério do Exército, dando serventia aos carregadores do porto sob a vigilância da Polícia Marítima e da Guarda Fiscal da capital do Sado. A ordem era circular depressa, porque o tempo urgia.

Este ano, foram muitos os barcos que carregaram material de guerra em Setúbal com destino, algures, ao golfo Pérsico, pelo menos, referiu-nos um outro trabalhador do porto, com mais de dez anos de serviço ali. «Os primeiros carregamentos eram muito vigiados pelo Exército e pela Guarda Nacional Republicana, que não deixavam entrar aqui ninguém estranho. Agora, há sempre um popular que passa o portão e assiste a estas operações».

Foi o que aconteceu ontem, perante alguma desconfiança de quem superintendia à operação.

Júlio Rodrigues (texto)
Rui Pacheco (fotos)

Armazéns de Móveis

BEIRA RIO

de António Carloto

Móveis
em
todos os
estilos



Para vosso
interesse
consultem
os nossos
preços

VENDAS:

Rua Miguel Bombarda, N.º 1, 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45

Tel 2072448
BARREIRO

problemas
da paz
e do
socialismo

revista internacional

revista dos partidos comunistas e operários

um mundo de informação



já à
venda
n.º 10

Apuramento definitivo está atrasado

Autarcas só serão empossados no início de Fevereiro

A Comissão Nacional das Eleições ainda está a receber actas de assembleias de apuramento geral, que funcionam a nível municipal. A totalidade desses documentos só estar em poder daquele órgão amanhã ou depois.

A lei concede um prazo de trinta dias sobre a recepção de todas as actas para que a CNE elabore e faça publicar no «Diário da República» o resultado das eleições do passado dia 12.

Um porta-voz da Comissão Nacional das Eleições afirmou-nos ontem que é provável a utilização da totalidade do prazo concedido pela lei aplicável, o Decreto-Lei 701-B/76, no seu artigo 101.º.

A tomada de posse dos novos eleitos para os órgãos autárquicos deverá assim ser remetida para os primeiros dias de Fevereiro.

dos novos eleitos já na sexta-feira, dia 31, no concelho da Horta, ilha do Faial, dos Açores. A legalidade ou não da determinação da Assembleia Municipal da Horta não nos foi confirmada junto da CNE.

O envio das actas das assembleias de apuramento geral encontra-se de momento notoriamente atrasado, embora não esteja estipulado explicitamente um prazo para essa operação. A lei fixa, porém, que a assembleia de apuramento geral iniciará os seus trabalhos às nove horas do quarto dia posterior ao da eleição.

com dois dias para ser enviada à Comissão Nacional das Eleições.

Os atrasos claramente detectáveis em todo este processo são ainda agravados ou no mínimo reforçados pelo facto de a Comissão Nacional das Eleições se deparar com grande volume de trabalho. Contudo, segundo o porta-voz referido não deverá ser excedido o prazo de trinta dias legalmente estabelecido, para o apuramento definitivo, com publicação no «Diário da República».

Autarcas da Horta tomam já posse

As novas Câmaras e Assembleia Municipal da Horta, de maio-

ria PSD, assumem funções na sexta-feira, segundo foi ontem oficialmente anunciado e divulgado pela ANOP.

A única Câmara Municipal da ilha do Faial presidida pelo social-democrata Herberto Dart é ainda constituída pelos vereadores Manuel Azevedo, Laurénio Tavares, Ilídio Soares e Amândio Pereira da Silva (PSD), Mário Ávila Gomes e João Albuquerque (PS).

O novo executivo camarário da Horta é composto por 21 elementos do PSD, dez do PS, dois da APU e dois do CDS.

Nas Câmaras e Assembleia Municipal que agora cessam funções, o PSD era igualmente maioritário.

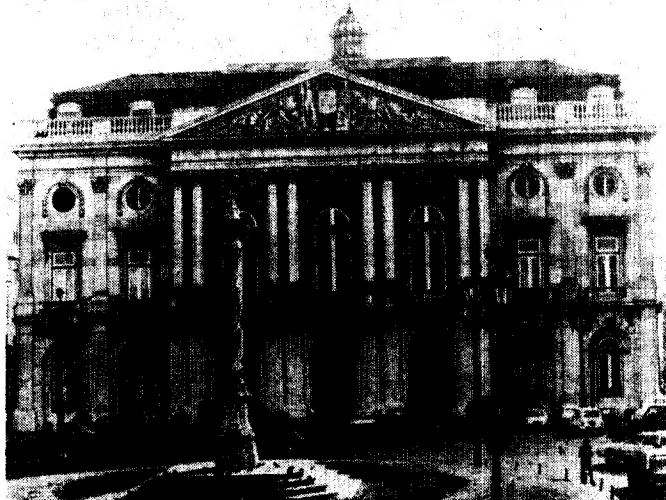
Inquérito à gestão do Instituto Geográfico e Cadastral

Foi ordenado inquérito à gestão do Instituto Geográfico e Cadastral pelo secretário de Estado do Orçamento, por forma a esclarecer, de modo particular, a gestão referente à aquisição de bens de equipamento, e quaisquer outros aspectos considerados susceptíveis de impedir um normal funcionamento do serviço. O inquérito levado a cabo pela Inspeção-Geral de Finanças concluiu nada haver de censurável na gestão do Instituto, ficando evidente o empenhamento do actual director-geral na formação profissional do pessoal, em dotar os serviços de uma maior eficácia e produtividade.

dade, dinamizar a produção em série de ortofotos, tendo para o efeito equipado o Instituto com o material técnico conveniente.

Dado o interesse de que se reveste o sector de fotogrametria e o volume de investimento nele feito, foi solicitado ao Instituto relatório pormenorizado da evolução da produção de ortofotos para acompanhamento superior dos progressos obtidos.

Do referido inquérito resulta, no entanto, matéria suficiente para instauração de processos disciplinares a diversos funcionários do Instituto, processos que já foram instaurados e se encontram a seguir os seus termos.



Entretanto, a «antiga» Câmara de Lisboa continua a funcionar

ro, uma vez que o prazo para esse acto é de dez dias sobre a publicação dos resultados definitivos na folha oficial.

Uma curiosidade deste processo burocrático é o anúncio, a nível local, da tomada de posse

O Decreto-Lei 701-B fixa porém o prazo de 48 horas para serem supridas eventuais faltas de elementos de alguma das assembleias de voto. O mesmo diploma diz que do diploma geral será imediatamente lavrada acta,

Desenvolvimento do Aeroporto de Faro

Limitadas as alterações na área reservada

A área abrangida pelo Plano de Desenvolvimento do Aeroporto de Faro (planta anexa) fica a partir de hoje sujeita a medidas preventivas previstas pela actual lei dos solos, de modo a que não se alterem «as actuais circunstâncias e condições existentes» naquela área. As medidas, estipuladas em decreto regulamentar pretendem evitar que «os particulares, no uso dos seus direitos de proprietários, desencadeiem projectos que poderão vir a ser afectados pelas necessárias expropriações e, por outro lado, que a execução do Plano

venha a revelar-se mais difícil e onerosa».

Passa assim a depender da autorização da Câmara Municipal de Faro, precedida de parecer vinculativo da Direcção-Geral da Aviação Civil, a prática, na área assinalada, de actividades visando a criação de novos núcleos habitacionais; a construção ou reconstrução de edifícios; alterações à configuração geral do terreno; o derrube de árvores em maciço e a destruição do solo vivo e do coberto vegetal.

Cerâmica e vidro têm centro tecnológico

Um Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro (CTCV) foi ontem inaugurado em Coimbra pelo director do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial, Veiga Simão. O

centro destina-se a apoiar a indústria cerâmica e vidreira da região e funcionará na antiga fábrica Lufapo, até ser dotado com uma sede definitiva.

DIARIAMENTE

somos a companhia com mais voos à partida de Portugal.

Ligamos 4 continentes

EUROPA

Amsterdão
Barcelona
Bruxelas
Copenhaga
Frankfurt
Genève
Las Palmas
Londres
Luxemburgo
Lyon
Manchester
Madrid
Milão
Paris
Roma
Zurique

ÁFRICA

Bissau
Brazzaville
Harare (Salisbúria)
Joanesburgo
Kinshasa
Luanda
Maputo
Sal

AM.SUL

Bahia
Caracas
Rio
Recife

AM.NORTE

Montreal
Nova York



INTERMARCO ESPIRAL

A regularidade e a pontualidade dos nossos voos garantem a cobertura eficaz da mais vasta rede de destinos à partida de Portugal.

No País asseguramos as ligações entre Bragança/Covilhã / Faro / Funchal / Lisboa / Porto / Porto Santo / Vila Real / Viseu / S. Miguel / Terceira.

100 AIR PORTUGAL

Angústia Desespero Solidão

54 45 45



centro
SOS
voz
amiga

uma voz amiga e estará contigo

de ontem para hoje

Monumento ao Papa em Vila Viçosa



UM monumento comemorativo da visita de João Paulo II a Vila Viçosa irá ser erigido naquela localidade do distrito de Évora. O monumento, constituído por um busto do Papa em bronze com pedestal de mármore, será implantado no adro do Seminário Nacional de Nossa Senhora da Conceição. A sua inauguração terá lugar durante a peregrinação diocesana ao Solar da Padroeira, a realizar em Maio próximo.

Preso suspende greve de fome

A Comissão de Luta Contra a Repressão (CLCR) anunciou, em comunicado, que «o militante antifascista José Manuel Gomes» suspendeu, ontem, a greve de fome, iniciada em 22 de Novembro último, por considerar «que, neste momento, foram criadas condições para a sua rápida libertação». Preso desde o dia 1 de Junho de 1981, e cumprida mais de metade da pena, José Manuel Gomes, segundo refere a CLCR, viu agora o seu processo, tal como reivindicava, «enviado ao Tribunal de Execução de Penas para

efeito de concessão da sua liberdade condicional». Outros dos objectivos da greve de fome de José Manuel Gomes era, indica a mesma fonte, a libertação de outra detida, Maria Manuel Everard, bem como «uma ampla amnistia para todos os antifascistas presos». Recorde-se que, tal como temos vindo a noticiar, as posições da CLCR a favor dos presos que reivindicam o estatuto de antifascistas têm vindo a ser, ultimamente, contestadas pelos militantes do PRP que ainda se encontram encarcerados.

«Vitor jornalista» burlado

Um indivíduo que se apresentou como funcionário dos CTT, colocado na Estação da Praça do Comércio, burlou um casal de cauteleiros invisíveis com banca frente à Estação Sul-Sueste, conseguindo apoderar-se, sem pagar, do bilhete n.º 62 995 para a extracção do Ano Novo, no valor de seis contos. O burlão disse que ia levar o bilhete para «ver se os colegas gostavam do número». Só que nunca mais voltou, deixando desesperados o cauteleiro «Vitor Jornaleiro» e a mulher.

Portugueses feridos na Holanda

Três turistas portugueses sofreram ferimentos ligeiros em consequência de uma colisão de comboios ocorrida, anteontem, perto de Roterão (Holanda). Os sinistrados são Manuel Freixedas Morgado (Açores), Ilda Maria Barroca (Bragança) e Ana Paula Correia (Lisboa), mas apenas esta última se encontra ainda

hospitalizada em observação, não inspirando, contudo, cuidados. O acidente ocorreu cerca das 9 e 30 quando, por razões ainda desconhecidas, o rápido internacional Copenhaga - Londres chocou, lateralmente, no comboio transvia Roterão - Haia, provocando, pelo menos, três mortos e danos materiais avultados.

Médico envolvido em assalto

Um médico policlinico de 26 anos, Armando Conceição Marques Antunes, começou, esta manhã, a ser julgado no Tribunal da Comarca de Leiria, sob a acusação de ter assaltado uma residência em Sobral da Barreria. O jovem médico ainda não iniciara o estágio e os seus pais já tinham tentado interná-lo, ao que parece por «sofrer de perturbações mentais». Armando Antunes foi detido em flagrante pela GNR alertada por populares.

Incêndio numa fábrica de Coimbra

Um incêndio que ontem deflagrou em Coimbra, na empresa de fiação de algodão «Fiac», destruiu quase por completo, a secção de cardagem daquele complexo fabril. Arderam o tecto do pavilhão, em fibra de vidro, grande quantidade de algodão armazenado e ficaram destruídas

ou muito danificadas todas as vinte máquinas da secção. O fogo foi originado pela explosão de uma lâmpada fluorescente que, devido a mau contacto, provocou um curto-circuito. Os prejuízos elevam-se a cerca de vinte mil contos, segundo avaliação provisória do encarregado da fábrica.

Fugiu de Santa Maria para morrer

Acometido de meningite, Diamantino José Rodrigues, de 40 anos, foi levado por familiares para o Hospital de Santa Maria de cujo banco de urgência fugiu. Encontrado sem fala numa rua de Benfica, Diamantino acabou por falecer no Hospital Curry Cabral. Os familiares, que apenas souberam da sua morte por intermédio do Instituto de Medicina Legal, afirmam que Diamantino, depois de ter sido diagnosticada a doença teria sido abandonado no banco durante mais de dez horas. Quando o deixaram, referem, o doente sofria de fortes dores de cabeça e tinha uma febre altíssima.

trabalho

Esta madrugada

Trabalhadores da Fontela desbloquearam a ponte da Figueira

Cerca de uma hora da madrugada de hoje, os trabalhadores da Vidreira da Fontela, que desde as 10 horas de ontem haviam cortado a circulação na Estrada Nacional 109, junto ao topo norte da ponte da Figueira da Foz, abandonaram o local, em virtude de o governador civil de Coimbra se ter comprometido a receber hoje os seus representantes.

Um informador sindical afirmou esta manhã ao «DL» que o governador comprometeu-se também

a «empenhar-se pessoalmente para proporcionar uma reunião entre as partes envolvidas no conflito, ou seja o IPE, o BPA, a Direcção Geral de Energia, as Secretarias de Estado da População e Emprego e da Indústria Ligeira e a administração da empresa.

Os trabalhadores da Vidreira da Fontela lutam pelo pagamento dos seus salários desde Agosto. Ainda recentemente, a adminis-

tração propôs-lhe que fossem para casa até ao próximo dia 15 de Janeiro, sem direito a vencimento.

Para além do pagamento dos salários em atraso, os trabalhadores exigem que o BPA se comprometa a financiar o contrato de viabilização da empresa, única forma de solucionar a grave crise que a empresa atravessa.

Segundo o mesmo informador sindical, a luta dos trabalhadores da Vidreira da Fontela «não se

pode dissociar da luta geral que os trabalhadores portugueses têm vindo a travar contra a política da AD, que não resolve os problemas do País».

Foram ontem deslocados ao local da concentração cerca de cem elementos da Polícia de Intervenção, que não chegaram a intervir por não ter sido criada «uma situação típica de alteração da ordem pública», segundo um responsável pela força policial.

Pessoal da Medicoplás em luta pelo caderno reivindicativo

Os trabalhadores dos Laboratórios Medicoplás, em Lisboa, efectuaram ontem uma greve de 24 horas, que registou uma adesão da ordem dos 80 por cento, segundo um porta-voz do Sindicato dos Químicos. Os trabalhadores, que exigem a satisfação do seu caderno reivindicativo, admitem voltar a recorrer à luta, no caso de a administração não receber os seus representantes.

O porta-voz sindical afirmou que a empresa não quer negociar o caderno reivindicativo e pretende impor «aumentos salariais discriminatórios» que vão desde os 40 por cento para as chefias a 15 por cento para os grupos mais baixos.

O caderno reivindicativo prevê nomeadamente aumentos salariais de 25 por cento, subsídio de creche, redução do horário de trabalho, promoções automáticas e subsídio de refeição de 200 escudos.

Ainda de acordo com a mesma

fonte, a repressão é grande na empresa, onde laboram 200 trabalhadores, alguns dos quais com contratos a prazo há quatro anos.

Hotel Altura

A greve de 48 horas, prevista para a passagem do ano no hotel Altura, em Monte Gordo, Algarve, foi desconvocada em virtude de a administração se ter comprometido a satisfazer as reivindicações dos trabalhadores até ao próximo dia 6 de Janeiro.

Os trabalhadores do hotel Altura, segundo o Sindicato da Hotelaria do Algarve, lutam pelo pagamento do subsídio de Natal e os vencimentos do corrente mês, bem como os retroactivos desde 1 de Outubro último, que a administração prometeu satisfazer durante o mês de Fevereiro de 1983.

Euroaudio

Os trabalhadores da Euroaudio, nas Caldas da Rainha, suspenderam ontem a greve iniciada na segunda-feira pelo pagamento de cinco meses de salários, dos subsídios de férias e do décimo terceiro mês.

A suspensão desta forma de luta verificou-se após a administração ter formalizado junto da delegação das Caldas da Rainha do Serviço Nacional do Emprego, do pedido de concessão de subsídio para o pagamento dos salários.

Segundo um porta-voz sindical, o subsídio não seja concedido, os trabalhadores voltarão à luta «até que os nossos salários sejam pagos».

A Euroaudio, sediada nas Caldas da Rainha, emprega mais de 300 trabalhadores e dedica-se à produção de cassettes e outro material de gravação.

«Sem receios»

Comissão pró-sindical da PSP prosseguirá as suas actividades

A Comissão Pró-Associação Profissional/Sindical dos profissionais da PSP afirma que prosseguirá as suas actividades a bom ritmo, «sem quaisquer receios de incompreensões da hierarquia ou até de ameaças».

Aquela comissão, segundo refere a ANOP, considerou um importante avanço, fruto também da sua luta, a solicitação recentemente enviada pelo Comando Geral da PSP a todas as unidades

da corporação para que apresentem críticas e sugestões ao novo regulamento disciplinar, «cuja ratificação já foi pedida na Assembleia da República, por conter muitas inconstitucionalidades».

Os profissionais da PSP afirmam que apenas tomaram conhecimento do teor do novo estatuto da corporação através do «Diário da Assembleia da República» que o inseriu no dia 1 de

Julho último.

Garantem igualmente que, na falta de um órgão democrático que os represente, estão a desenvolver diligências para que o estatuto da PSP seja também submetido à discussão e apreciação da Assembleia da República. Por isso convidam todos os colegas a examinarem os textos do estatuto e do regulamento disciplinar e a enviarem as suas propostas de alteração, correcções ou emendas para a AR.

Médicos do hospital de Faro paralisam no dia 3 de Janeiro

O Sindicato dos Médicos da zona Sul manifestou o seu apoio à greve que o corpo clínico do Hospital Distrital de Faro decidiu para o próximo dia 3 de Janeiro.

A paralisação dos médicos do Hospital de Faro visa o pagamento das horas extraordinárias que consideram ser-lhes devidas desde Setembro, segundo informação do sindicato.

Outro objectivo da luta é «a atualização da letra e pagamento de retroactivos conforme o diploma das carreiras médicas».

Pretende-se ainda uma «aplicação integral do decreto das carreiras médicas» e «uma rápida definição e publicação do quadro

do estabelecimento hospitalar», ainda de acordo com o sindicato.

Contra a política da SES

O Sindicato dos Médicos do Sul decidiu igualmente lutar contra a política da Secretaria de Estado da Saúde (SES) de preenchimento de vagas para assistentes hospitalares centrais e distritais.

O sindicato insurge-se em comunicado contra disposições da portaria 1103/82, referente à admissão de especialistas na rede hospitalar do País.

Entre os motivos de contestação do diploma refere-se que «as vagas abertas a concurso são apenas uma pequena parte do total das vagas previstas».

Um segundo motivo é o alegado «desconhecimento do ritmo de publicação das restantes vagas».

O sindicato dos médicos insurge-se contra o facto de o anúncio da abertura do concurso obrigar os candidatos a inscreverem-se «simultaneamente em três hospitais num prazo de vinte dias».

O comunicado dos médicos anuncia a realização nos próximos dias de uma campanha de esclarecimento e debate «em todos os hospitais da zona sul», campanha que culminará uma assembleia geral de médicos no dia 7 de Janeiro próximo, destinada a decidir novas formas de luta.

Gráficos poderão

ir para a greve

Os trabalhadores da Indústria Gráfica e de Transformação de Papel poderão entrar em greve a nível nacional, nos próximos dias 7, 11, 18 e 25 de Janeiro, se até lá se mantiver o impasse na contratação colectiva, cuja conciliação se iniciou no passado dia 21 no MT.

A proposta patronal, segundo um comunicado emitido pelo Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Fabricação e Transformação de Papel, Gráfica e Imprensa do Norte, retira várias regalias sociais já consagradas no contrato vigente e pretende um aumento salarial de apenas 20 por cento, pelo que, diz o comunicado «a luta vai continuar porque estão a ser postos em causa os nossos direitos e interesses colectivos e porque o patronato não se mostra aberto a soluções justas e realistas».

Entretanto, na passada segunda-feira, houve uma nova reunião no MT e nela foi apresentada nova proposta patronal, que conforme referiu um dirigente daquele sindicato, embora seja um recuo sensível da associação patronal continua a ser desfavorável para os trabalhadores. Nessa reunião, a associação patronal informou que há um princípio de acordo com o SINDERGRAF, sindicato paralelo, formado há pouco tempo, quanto ao novo clausulado, referente às regalias sociais que é lesivo dos interesses dos trabalhadores, segundo o mesmo dirigente.

Nova reunião está marcada no MT para o dia 3 de Janeiro. Se nela se gorarem as tentativas de conciliação, a paralisação será feita nos dias indicados.

Hotel Eva em greve na passagem do ano

Reunidos em plenário, os trabalhadores do Hotel Eva, de Faro, resolveram cumprir uma greve de 24 horas, entre as seis do dia 31 e as seis horas de 1 de Janeiro, em virtude de a administração se recusar a pagar os valores já acordados no CCTV.

Os trabalhadores, que responsabilizam a administração e direcção do hotel pelas consequências da paralisação, aprovaram uma moção em que denunciavam «a má gestão existente» na unidade hoteleira, «comprovada pelo baixo índice de reservas e de clientes».

O Sindicato da Hotelaria do Algarve, por outro lado, acusa a administração de, em Outubro, ter procedido a aumentos selectivos, com intuíto divisionistas, que os trabalhadores repudiaram.

Portugal deve exportar este ano 18 milhões de pares de sapatos

Portugal exportou este ano 18 milhões de pares de sapatos o que corresponde sensivelmente a metade da produção nacional, segundo informou a Associação patronal do sector.

Nos últimos anos, cerca de metade da produção das fábricas de calçado tem sido exportada e o excedente consumido pelo mercado nacional.

Aquele número de 18 milhões, estimado para o conjunto da exportação no ano de 1982, foi comunicado aos jornalistas pela Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes e Artigos de Pele e seus Sucadaneos (APICAPS) a propósito da próxima realização da Mocap-/Mostra de Calçado Português, marcada para os dias 14 a 16 de Janeiro.

Estarão representadas no certame a realizar no Palácio de Cristal do Porto, e exclusivamente

de âmbito profissional, 85 empresas do sector de calçado.

A Mocap vai apresentar aos potenciais compradores estrangeiros as colecções para Outono/Inverno de 1983.

A apresentação dos novos modelos de calçado faz-se, habitualmente, com antecedência de seis meses para o mercado interno.

O acesso ao pavilhão do Palácio de Cristal estará condicionado aos importadores estrangeiros, pessoal dos expositores e convidados da organização.

Paralelamente, decorrerão, nos três dias da exposição, passagem de modelos, com montagem e coreografia de Rui Horta.

A Mocap/10 é organizada pela APICAPS, com apoio do Instituto do Comércio Externo e duas instituições de crédito.

Salgueiro sacou antecipadamente seis milhões ao Banco central

O Banco de Portugal vai entregar imediatamente ao Ministério das Finanças seis milhões de contos, por conta dos lucros do exercício do ano em curso, segundo determina um despacho normativo assinado pelo ministro João Salgueiro e hoje publicado no «Diário da República».

Esta verba, susceptível de posterior ajustamento consoante o lucro exacto a apurar pelo Banco (as contas só mais tarde estarão disponíveis) visa cobrir parte do défice do OGE/82 que foi superior ao previsto no documento governamental. Segundo a Lei Orgânica do Banco central, a distribuição e apuramento dos

lucros do exercício é determinada pelo Ministério das Finanças e do Plano, ouvido o Conselho de Administração, pelo que o despacho em referência é absolutamente normal e dentro das competências do Governo.

A novidade reside no facto de a entrega dos lucros ser feita antecipadamente ao seu apuramento e o despacho normativo n.º 291/82, que a determina, justifica esta antecipação pelo facto de não ter sido «ainda aprovada até ao momento a legislação regulamentadora prevista no artigo 69.º da Lei Orgânica do Banco de Portugal».

Segundo o último Relatório do Banco de Portugal reverteram

para o Estado em 1980, 487 mil contos e no ano passado 646 mil e 300 contos. No entanto, ao impor já a entrega dos seis milhões por conta do exercício de 1982, João Salgueiro diz fazê-lo no pressuposto de que convém «adoptar um prudente critério de determinação do montante em apreço — resultados do exercício de 1982 — atenta a provisoriedade das estimativas disponíveis».

Esta foi a segunda vez em que idêntico procedimento foi adoptado pelo Ministério das Finanças. No entanto, observadores bancários citados pela ANOP, consideram a antecipação da recolha dos lucros do Banco de Portugal como «normal».

Subida do dólar desequilibró a balança comercial nos EUA

A firmeza do dólar em relação às principais divisas contribuiu para prejudicar as trocas comerciais dos Estados Unidos e para manter a recessão norte-americana, afirmaram peritos em questões económicas.

Para aliviar esta situação os Estados Unidos deveriam dedicar grande parte dos seus esforços a alterar a excessiva cotação do dólar em relação a outras moedas, afirmaram esses mesmos peritos, num depoimento perante o Congresso Norte-Americano.

A força do dólar aumenta também as possibilidades de que o défice norte-americano, nas suas trocas comerciais com outros países atinja um número recorde de cem mil milhões de dólares em 1983.

Isto implica, também, a perda de cerca de um a dois milhões de oportunidades de criação de postos de trabalho nos Estados Unidos nos próximos meses, afirmaram antigos destacados funcionários das Administrações Carter e de Richard Nixon.

O vigor da moeda norte-americana alimentou o défice comercial dos Estados Unidos em 1982, afirmou o antigo secretário do Comércio de Nixon, Peter Peterson, numa audiência perante a Comissão das Finanças da Câmara dos Representantes.

A Secretaria do Comércio já anunciou que o défice da balança comercial norte-americana está prestes a alcançar o número que atingiu em

1981.

Uma vez que a sobrevalorização do dólar tende a tornar mais baratos os produtos estrangeiros, os norte-americanos têm sido incentivados a consumir mais produtos fabricados no exterior.

Entretanto em Paris o dólar está agora abaixo dos sete francos e a França vê pouco a pouco desanuviar-se o horizonte, com a sua balança de pagamentos menos ameaçada pelo agravamento constante.

A forma como decorreu a última conferência do Acordo Geral das Tarifas e Comércio (GATT), em que a posição uniforme dos países do mercado comum em particular a defesa dos subsídios à agricultura praticados na Europa Comunitária foi a principal causa da incapacidade dos norte-americanos na imposição dos seus pontos de vista.

A subida do dólar — que valia em 1980, quando Reagan subiu ao poder 4,22 francos, contribuiu para fazer subir verticalmente o preço da factura petrolífera paga por vários países, uma vez que o petróleo tem o seu preço expresso em dólares.

A subida do dólar coloca, assim, países como a França — ou Portugal — que importam as suas matérias-primas e as pagam em dólares, em má situação, com o encarecimento constante dos produtos que compra, vindo assim agravados os desequilíbrios das suas balanças comerciais.

Inflação come quatro zeros ao peso argentino

A mudança da moeda argentina dar-se-á em Janeiro próximo, de acordo com uma informação publicada pelo diário especializado «Ámbito Financiero».

A versão indica que o projecto de lei já está a ser estudado pela Comissão de Acessoria Legislativa (CAL) do Governo Militar e que a modificação consistirá em eliminar a relação «quatro zeros» de forma que os actuais dez mil pesos passarão a ser um peso.

A nota de um peso novo será impressa com a mesma chapa que os dez mil pesos actuais e os valores a emitir serão de um, cinco, dez, 25, 50, cem e 500 pesos novos.

De acordo com o jornal, embora as autoridades estejam a acelerar os trâmites, o novo peso não estará em circulação antes de 30 de Janeiro.

A informação refere que esta demora constitui uma dificuldade porque se procurava que a nova relação estivesse em circulação antes de tornar-se efectiva a primeira cota do crédito «stand by» concedida pelo Fundo Monetário Internacional à Argentina.

Suécia e Banco Mundial emprestam a Cabo Verde

O Banco Mundial concedeu um empréstimo de 7,2 milhões de dólares (cerca de 663 mil contos) ao Governo cabo-verdiano — foi oficialmente divulgado na cidade da Praia.

Aquela quantia destina-se a custear parte das obras de reparação e ampliação do porto da capital do país.

O empréstimo será amortizado em 50 anos, com um juro anual de 0,75 por cento.

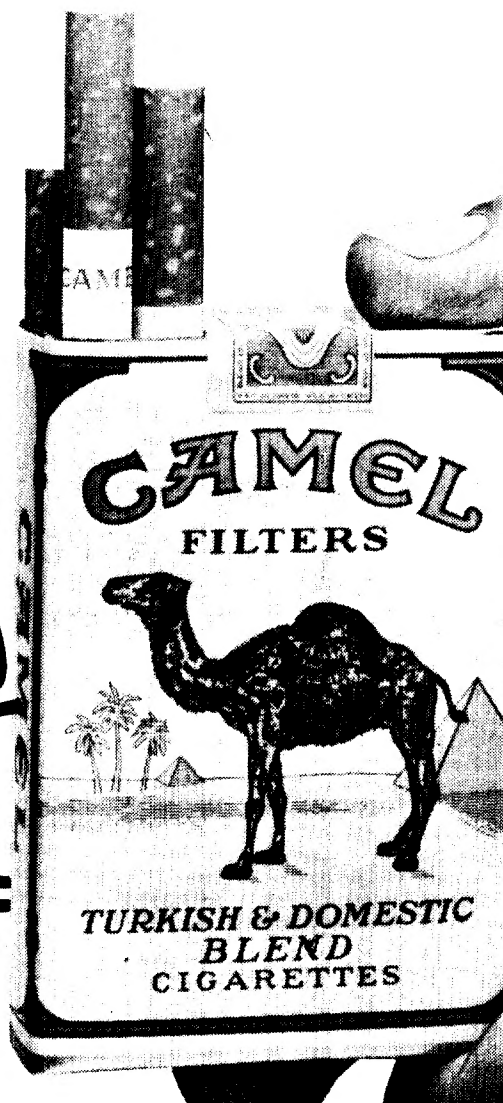
Também a Suécia vai emprestar 80 milhões de coroas suecas a Cabo Verde, segundo foi anunciado na Praia. Este empréstimo destina-se a equilibrar a balança de pagamentos cabo-verdiana e pode ser utilizado livremente pelo executivo da Praia na compra de equipamentos e outras mercadorias.

O Governo sueco anunciou, ainda, a disposição de conceder uma «ajuda de emergência» para que o governo de Cabo Verde possa fazer face a mais um ano de seca.

CAMEL

SOFT PACK

O prazer do mesmo cigarro,
do mesmo sabor
na embalagem que tornou Camel
famoso em todo o mundo.



24 horas

INCÊNDIO EM HOTEL — Morreram dez pessoas, entre as quais se contam três turistas japoneses, e vinte ficaram gravemente feridas, no incêndio que devastou, durante duas horas, um hotel da localidade de Daegu, 300 km a sudeste de Seul, sobrou-se na capital sul coreana. Segundo a Polícia, o hotel Kumho foi praticamente destruído pelo sinistro que se declarou no segundo andar e que se propagou rapidamente a todo o edifício, cujas saídas de socorro estavam bloqueadas. Enquanto alguns clientes do hotel se lançavam pelas janelas para escaparem às labaredas, outros eram socorridos por helicópteros, adiantou a mesma fonte.

IRÃO-IRAQUE — Um caça iraniano foi abatido na terça-feira às 09.51 locais pela DCA iraquiana no sector de Missan, segundo indica o 947.º comunicado militar iraquiano, citado pela agência iraquiana INA, recebida em Manama. O comunicado põe de sobreaviso os dirigentes

iranianos contra a continuação dos bombardeamentos das cidades e das localidades iraquianas. Uma tal insistência em bombardear de uma maneira «bárbara» as cidades iraquianas receberá uma «resposta violenta», afirma o texto.

ACIDENTE NA MINA — Morreram ontem quatro mineiros num aluimento que se deu na mina «Katowice», em Katowice, no sul da Polónia, informou hoje a Imprensa de Varsovia. Oito mineiros haviam ficado sepultados no aluimento, numa galeria de 630 m de profundidade. Três deles puderam ser salvos pelas equipas de socorro que acorreram imediatamente e foram hospitalizados.

AVIÕES DESAPARECIDOS — Dois aviões de combate «F-15» americanos despenharam-se, hoje de manhã, a nordeste da ilha japonesa de Okinawa, anunciou um porta-voz da base americana de Kadena (Okinawa).

Os dois aparelhos, que efectuavam uma missão de treino, desapareceram subitamente do «écran»-radar, por razões desconhecidas, acrescentou o porta-voz. Estão a fazer-se buscas para encontrar os pilotos.

«PISTA BÚLGARA» — A agência búlgara de informação BTA anunciou, hoje, a publicação pelos seus serviços de uma brochura de 72 páginas sobre a cobertura pela Imprensa ocidental do inquérito sobre o atentado contra João Paulo II, na qual a Bulgária foi posta em causa.

Sob o título «Anatomia de uma Calúnia», a brochura, com uma tiragem, segundo a agência de 30 000 exemplares, retoma as informações sobre a «pista búlgara», publicadas pelas agências de Imprensa ocidentais e por vários grandes jornais e rádios dos Estados Unidos, da Europa e da Turquia. A brochura destina-se, segundo a BTA, a «dar a conhecer as etapas de uma campanha antibúlgara e anti-socialista».

Conversações prosseguem amanhã Israelitas e libaneses em profundo desacordo

Israel e o Líbano estão dispostos a negociar pontos muito semelhantes, mas discordam na ordem de prioridades, o que produziu ontem o fracasso da primeira sessão das suas conversações — informa a agência EFE/ANOP.

Os israelitas exigem que as negociações — iniciadas ontem de manhã em Khalde, subúrbio meridional de Beirute — comecem pela normalização das relações bilaterais, prosseguindo com os acordos de segurança e terminando com a retirada militar israelita do solo libanês.

Pela sua parte, os libaneses sustentaram, na primeira sessão, realizada num hotel de Khalde, que se devia principiar pela discussão da retirada militar, estabelecendo um calendário preciso para a saída israelita, antes de se tratar dos acordos de segurança no Sul do Líbano e do «futuro das relações» entre os dois Estados.

Para os correspondentes judeus em Khalde, a primeira reunião terminou sem que se tivesse fixado a ordem do dia para os debates.

O chefe da delegação libanesa, Antoine Fatale, advertiu ontem de manhã, ao abrir as negociações, que o governo de Beirute exige a retirada de todas as forças estrangeiras que ocupam o seu território e não se encaminha para uma paz separada com Israel, nas costas do mundo árabe.

Esta crise, na primeira sessão de Khalde, indica que «algo falhou» no acordo prévio secreto que o ministro israelita da Defesa, Ariel Sharon, anunciou ter negociado com representantes do presidente libanês, Amin Ge-

mayel, e que foi aprovado pelo gabinete israelita, na sua reunião semanal de domingo.

A delegação israelita efectua hoje uma reunião de consultas, em Jerusalém, com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Isaac Shamir, antes de seguir para Kiryat Shmona, na Alta Galileia, onde se realiza, amanhã, a segunda sessão das conversações.

Nos círculos políticos israelitas reinava ontem a convicção de que as negociações serão prolongadas e «muito difíceis». Esses meios salientavam que Israel não aceitaria uma retirada militar sem uma contrapartida política, ao passo que toda a cedência política do Líbano pode custar a Beirute um possível rompimento com o mundo árabe, do qual depende.

Enquanto isto, a União Soviética criticou hoje as conversações de Khalde. A agência noticiosa soviética TASS advertiu, em contrário, que a posição israelo-norte-americana nestas negociações consiste em «sacar o máximo possível de vantagens da agressão lançada por Telavive» e impor à parte libanesa condições

que ponham em perigo a própria existência do Líbano como Estado independente.

A TASS afirmou que a única realidade é que os Estados Unidos são «cúmplices da agressão israelita ao Líbano e, com o agressor, são totalmente responsáveis pelo genocídio dos povos libanês e palestino, assim como pela ocupação do Líbano por Israel».

Confirmação

O chanceler austríaco, Bruno Kreisky, confirmou a existência de contactos entre a Organização de Libertação da Palestina (OLP) e Israel para a libertação de oito soldados israelitas aprisionados pelos palestinos.

Em férias nas Baleares, Kreisky foi entrevistado em Palma de Maiorca pela Rádio austríaca, e revelou que as negociações israelo-palestinas sobre uma troca de prisioneiros de guerra começaram há várias semanas e acrescentou que procura servir de mediador nesta questão humanitária, a pedido das famílias israelitas afectadas.

Motim em Miami

Um motim de cerca de 150 negros, revoltados após uma tentativa de detenção sangrenta num dos bairros periféricos de Miami (Florida-EUA) fez um morto e sete feridos na noite de ontem para hoje, soube-se de fonte policial.

Vários veículos, nomeadamente três carros da polícia e veículos da televisão, foram queimados, e os automóveis que passavam foram apedrejados.

Segundo o chefe da polícia de Miami, Kenneth Harms, as desordens começaram quando dois agentes da polícia pretendiam deter num clube de bilhares do bairro de Overton — um arrabalde de Miami habitado principalmente por negros — um homem que dizia estar armado. O suspeito fez um movimento brusco e um dos agentes descar-

regou a sua arma «por engano», ferindo-o na cabeça.

Formou-se imediatamente um ajuntamento diante do clube. Várias «unidades antimotins», equipadas com capacetes e longas matracas, foram imediatamente enviadas para cercar o bairro.

Durante o motim, um homem foi morto por uma bala que lhe atingiu o peito. Três pessoas foram feridas por balas.

O «suspeito» ferido no clube de bilhares foi hospitalizado em estado crítico. Foram presas nove pessoas. Foi aberto um inquérito.

Em Maio de 1980, recorda-se, um motim racial no bairro de Liberty City, também nos arrabaldes de Miami causou 18 mortos e 100 milhões de dólares de «estratos».

Leonel Brizola procura “salvação” no PTB

O governo do Brasil e o governador eleito do Rio de Janeiro, o socialista Leonel Brizola, disputam o pequeno Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) — um em busca de maioria no Parlamento, outro para assegurar a sua sobrevivência política.

Depois de um segundo encontro, no passado fim-de-semana, entre Brizola, chefe do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e Ivet Vargas, presidente do PTB, foi anunciada a formação de uma comissão interpartidária para procurar uma fórmula de união dos dois grupos sob uma igual denominação.

Brizola e Vargas decidiram não precipitar o processo de união, perante as divergências internas em cada um dos partidos sobre o assunto, e à espera das convenções nacionais, em Abril, de ambos os partidos.

O governador eleito do Rio de Janeiro pretende, aparentemente, garantir a sobrevivência do PDT antes das eleições de 1986, altura em que, pela primeira vez, a lei exigirá aos partidos, como mínimo, 3 por cento dos votos válidos em todo o país ou 5 por cento em nove dos 23 Estados da Federação.

Nem o partido de Brizola nem o de Ivet Vargas, limitados ao Rio de Janeiro e São Paulo, obtiveram esses mínimos nas eleições gerais de 15 de Novembro passado.

Tancredo Neves, um dos principais líderes do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), o principal da oposição, declarou que, face às novas exigências da lei eleitoral, a única saída para Brizola, Vargas e Luís Inácio Lula da Silva (do Partido dos Trabalhadores) é fundir os seus agrupamentos políticos num só.

Brizola tinha admitido a intenção de negociar com Vargas e Lula na procura da criação de um partido socialista brasileiro.

Em defesa da fusão com o PTB e das negociações em curso visando esse objectivo, Brizola apresenta o argumento de que o seu partido poderia ser ilegalizado proximamente, se não renovar os directórios municipais em, pelo menos, nove Estados, o que parece impossível com as actuais estruturas do PDT.

Apesar das negociações em marcha entre os dois partidos, os comentaristas políticos brasileiros dão como provável que Ivet Vargas se decida, à última hora, por um acordo parlamentar com o governo.

O Partido Democrático Social (no poder) pretende um pacto de longo prazo com o PTB para garantir a maioria no Congresso Nacional, maioria que não conseguiu nas últimas eleições.

Por Francisco Figueroa,
da EFE/serviço ANOP

Este Ano ÚLTIMO CONCURSO DO TOTOBOLA FEZ MILIONÁRIOS



O totalista António Santana Lopes: «O dinheiro é para ajudar a minha mãe e os meus irmãos».

O Totobola fechou o Ano com milionários.

No concurso de Natal, último deste ano, só quatro apostadores totalizaram 13, cabendo a cada um 2 761 816\$00.

Dos totalistas, António Santana Lopes, Mário Pelixo e dois anónimos, apenas o primeiro jogou com apostas simples. Os outros três jogaram com apostas múltiplas.

Assim, por exemplo, Mário Pelixo vai juntar àquela quantia mais 187 240\$00 por ter, além do treze, quatro 12.

Quanto a António Santana Lopes — a quem demos a notícia pessoalmente e que recebe apenas um treze — é natural de Cabo Verde, tem 24 anos, solteiro, reside na Parede e é aprendiz de carpinteiro.

O jovem, surpreendido, que pertence a uma família humilde, disse que o dinheiro é para ajudar a mãe e os irmãos. «Imagine, joguei com uma chave antiga e saí. Costumo apostar todas as semanas, não desta maneira, e nunca tinha sido premiado», acrescentou o feliz contemplado.

Sobre Mário Pelixo, com 41 anos, casado, pai de seis filhos (três raparigas e outros tantos rapazes) e servente na construção civil, apenas é conhecida a alegria que exprimiu após ter dado pelo acontecimento.

Segundo a mesma fonte o agente do Totobola local — o apostador, um trabalhador e de poucos recursos financeiros, vai adquirir uns terrenos e o equipamento para uma pequena loja de comes e bebes.

Com 12 resultados certos foram escrutinadas 236 apostas, cabendo a cada um dos premiados 46 810\$00.

Mais uma vez, e nesta quadra festiva, um concurso do Totobola fez milionários.

Não se esqueça de apostar na próxima semana... Grandes jogos para um grande concurso.

Nesta semana as Agências fecham 24 horas mais cedo.

Vão- EUA—

O novo Congresso americano de Janeiro, agravará as relações e os seus aliados da NATO ao pro despesas militares americanas n final do ano nos meios polític

O orçamento militar dos Estados Unidos, para o ano fiscal 1982/83, adoptado precipitadamente no final da sessão, antes das férias de Natal, já sofreu toda uma série de proibições que traduzem a irritação crescente dos políticos americanos perante a reticência dos aliados europeus em participarem mais amplamente nos encargos da defesa comum.

O novo Congresso, eleito no princípio do mês de Novembro, que contará mais 26 representantes da oposição democrata, será, certamente, mais determinado do que o antigo em reduzir as despesas militares, que atingem, este ano, o número recorde de 232 000 milhões de dólares, num orçamento de mais de 700 000 milhões, que poderá saldar-se por um défice de perto de 200 000 milhões.

Perante os danos da recessão prolongada causados nos Estados Unidos, os eleitos do povo estão cada vez menos inclinados a gastar o dinheiro dos contribuintes para defender os europeus ou os japoneses, que são vistos nos Estados Unidos, sobretudo, como concorrentes comerciais.

Supr é neces

O presidente norte-americano Ronald Reagan declarou ontem que «a superioridade naval é uma necessidade para os Estados Unidos».

Reagan presidiu ao regresso ao mar de um dos quatro velhos vasos de guerra que a sua Administração decidiu recondicionar para reforçar o poderio naval norte-americano.

«Em tempos de emergência, devemos estar em condições de controlar o ar, a superfície e as vias submarinas para garantir o acesso a todos os oceanos do mundo» — acrescentou o presidente norte-americano nos Estaleiros Navais de Long Beach, Califórnia, na cerimónia da nova colocação em serviço do navio de guerra 'New Jersey'.

Reagan disse que, se os Estados Unidos não conseguirem obter esses acessos, ainda que com um elevado custo, «estará em dúvida a credibilidade das forças convencionais norte-americanas».

Aproveitou ainda esta cerimónia do regresso ao mar do 'New Jersey' — o maior vaso de guerra depois dos porta-aviões nucleares da classe 'Nimitz' — para anunciar a composição da comissão especial que deverá recomendar um sistema de instalação aceitável para o polémico míssil nuclear «MX».

Apesar de o Pentágono e de o próprio presidente considerarem muito importante o 'New Jersey' e outros três vasos de guerra da Segunda Guerra Mundial, muitos peritos têm posto em causa a validade e o custo da operação, situada no âmbito do programa de

Segundo meios políticos de Washington

Se agravar as relações Europa no seio da NATO

americano, que se reunirá em fins de ano entre os Estados Unidos para proceder a novos cortes nas despesas na Europa, prevê-se neste ano a reunião americana.

Ao recusar este ano um total de 17 000 milhões de despesas militares ao presidente Ronald Reagan, o Congresso já adoptou, pelo menos, cinco emendas relativas à Aliança Atlântica, que são susceptíveis de provocar atritos com os aliados europeus. Assim, até 30 de Setembro próximo, os efectivos das forças americanas na Europa, não poderão ultrapassar o seu nível actual de 325 600 homens. O Pentágono tinha pretendido um aumento em 1983. Por outro lado, 35 milhões de dólares foram retirados dos créditos necessários à manutenção, na Alemanha, dos 4000 homens de uma das Brigadas de 1.ª Divisão de Cavalaria que a maioria dos senadores teriam querido que regressasse aos Estados Unidos. Se o Pentágono desejar mantê-los deverá ir buscar os créditos a outro lado. O Pentágono, também não poderá armazenar na Europa material para mais de quatro divisões, quando estava previsto elevar, este ano, esse número para seis divisões, a fim de aumentar a rapidez de intervenção das forças americanas suplementares na Europa em caso de crise grave.

Cerca de 44,3 milhões de dólares foram recusados ao Pentágono para pagar o equipamento necessário aos 90 000 reservistas alemães ocidentais que apoiariam logisticamente as unidades de combate que os Estados Unidos enviarão de reforço para a Europa em caso de guerra. Por fim, o Pentágono está agora proibido de comprar aos países da NATO peças sobressalentes ou elementos de sistemas de armamento que contenham ligas especiais, nomeadamente as que resistem a altas temperaturas.

Estas duas últimas disposições foram particularmente mal recebidas na Alemanha Federal, onde são interpretadas como uma recusa de se prosseguir uma cooperação normal entre aliados.

A recusa dos 44,3 milhões de dólares para o equipamento dos reservistas alemães faz com que se converta em letra morta, para o ano fiscal em curso, um acordo assinado em Abril último, em Bona, relativo à instalação rápida na Alemanha de reforços americanos em caso de crise ou de guerra na Europa.

A proibição da compra de metais especiais para os Estados Unidos vai impedir a Alemanha Federal e outros países aliados de vender certas peças soltas às companhias americanas que trabalham para o Pentágono. Era uma maneira de concretizar

as boas palavras americanas acerca da cooperação nos dois sentidos em matéria de armamento.

Todas estas manifestações de mau humor do Congresso provêm da ideia grandemente espalhada há muito tempo entre os americanos de que os Estados Unidos suportam uma parte excessivamente pesada do custo da defesa do Mundo Ocidental.

O general Alexander Haig, antigo comandante - chefe da NATO esforçou-se em vão para convencer o Congresso, durante os 18 meses que passou à frente do Departamento de Estado, que custaria muito mais caro aos Estados Unidos garantir a sua segurança sem a participação fornecida actualmente pelos aliados da NATO.

Mas a recessão mundial e a maior concorrência entre os países industrializados num mercado reduzido, combinaram-se em 1982 para exacerbar a irritação latente dos políticos americanos para com os aliados europeus e o Japão.

A obstinação do presidente Ronald Reagan em realizar cortes nos programas sociais para financiar o rearmamento da América será ainda pior suportada em 1983, e a pressão do Congresso para que a Europa e o Japão carreguem uma parte maior do fardo será sem dúvida ainda mais forte.

Claude Moisy-AFP/«DL»

Segundo Reagan

remacia naval essária aos EUA



Armada defenderam o reaccondicionamento do 'New Jersey', argumentando que os 326 milhões gastos com ele transformaram-no no «vaso de guerra mais moderno do mundo».

Os adversários do projecto sublinham que o aparecimento dos mísseis antimísseis como o 'Exocet', que afundou o contratorpedeiro britânico 'Sheffield' durante a guerra das Malvinas, convertem as grandes unidades navais em pontos altamente vulneráveis.

Do que se precisa - dizem - são unidades mais pequenas e de grande capacidade de manobra e em maior número, que permitam aos Estados Unidos «cobrir» as vias marítimas do Planeta.

Em resposta a estes argumentos, o Pentágono afirma que os grandes vasos - como os novos porta-aviões nucleares gigantes - e os navios tipo 'New Jersey' e seus irmãos gémeos que também remontam à Segunda Guerra Mundial - estarão equipados com sistemas electrónicos e mísseis superavanzados para se defenderem contra qualquer ataque e com uma blindagem tão forte que faz um 'Exocet' ricochetear como uma bola.

O 'New Jersey', de 45 mil toneladas, levará a bordo os primeiros 32 mísseis nucleares Cruise - de um total de quase quatro mil que a Armada norte-americana pretende colocar nos próximos anos - 16 mísseis Harpoon, para o combate contra os 'Exocet' e semelhantes, distintas classes de canhões e equipamentos electrónicos como «super-radares».

Para observadores, foi com base nessa oposição que o Congresso eliminou a semana passada fundos para o reaccondicionamento do «Missouri».

Reagan esteve presente na cerimónia efectuada na Califórnia, tentando exercer assim pressão sobre os congressistas.

Destacados funcionários da

Em Irun

Assassinados esta manhã dois guardas civis

Dois guardas civis foram hoje mortos a tiro, pouco antes das 8.00 locais (7.00 de Lisboa), na estação de caminhos-de-ferro de Irun (cidade fronteiriça com a França). soube-se de fonte policial.

Os dois guardas civis foram atingidos por rajadas de metralhadora quando se encontravam na gare central da estação. O primeiro de 40 anos de idade, morreu quase instantaneamente. O segundo, de 22 anos, faleceu pouco depois de dar entrada no hospital.

Segundo os primeiros testemunhos, o atentado foi perpetrado por dois jovens que dispararam com metralhadoras contra os dois guardas civis dos serviços das alfândegas, que trabalhavam na estação. O atentado desencadeou o pânico entre os passageiros que desciam de um comboio que acabava de chegar de França.

Este atentado eleva para 450 o número de vítimas do terrorismo desde o princípio do ano, em Espanha. Trata-se do segundo atentado mortal perpetrado no País Basco espanhol desde a chegada ao poder do Partido Socialista Operário Espanhol.

ETA-PM reivindica rapto

A organização separatista basca ETA Político-Militar reivindicou ontem formalmente o rapto, em 14 de Novembro último, do industrial basco espanhol Saturnino Orbeago.

Num comunicado publicado em Bilbao e cuja autenticidade não oferece dúvida, a ETA-PM precisa que Orbeago, de 70 anos, continua em poder da organização.

Em causa o controlo do mercado de droga

Um fim de ano sangrento na Sicília

Sete mortos em 36 horas: o massacre do dia de Santo Estêvão que ensanguentou Palermo logo a seguir ao Natal, tornou ainda mais pesado o balanço de crimes cometidos pela Mafia durante o ano e anuncia um recomeço espectacular das guerras intestinas da «Onorabile società».

O ministro do Interior, Virginio Rognoni, chegou ontem à capital da Sicília para estudar a situação juntamente com o alto comissário da luta anti-Mafia, Emanuele de Francesco, três meses depois do assassinato do seu antecessor, general Carlo Alberto Dalla Chiesa.

O balanço provisório dos últimos 360 dias estabelece-se actualmente em 148 mortos e pelo menos o mesmo número de desaparecidos, todos «apagados» pela «lupara branca» (caçadeira de canos serrados). Duas vítimas são simbólicas: o presidente da região siciliana, Pier-sante Mattarella, assassinado na passada Primavera, e o general Carlo Alberto Dalla Chiesa, morto juntamente com a sua mulher e o guarda-costas no passado dia 3 de Setembro. As sete últimas vítimas parecem estar ligadas, de algum modo, a clãs mafiosos vencidos na luta pelo controlo do mercado da droga.

Os investigadores perguntam-se o «massacre de Santo Estêvão» não corresponde a uma redistribuição do poder e da geografia da Mafia que o general Dalla Chiesa parecia ter decidido.

Segundo um relatório elaborado algumas semanas antes da

morte do general, as «famílias» da Mafia estão actualmente divididas em dois grandes campos: os vencedores e os vencidos, na luta pelo controlo do mercado da droga. No primeiro grupo estão os três primos Greco, instalados a leste de Palermo - Salvatore «Il Ingegnere», Michele «Il Papa» e Salvatore «Il Senatore», os Marchese, Gerlando Alberti, preso há dois anos, os herdeiros de Lucioano Liggio, a cumprir uma pena de prisão perpétua, e os Riccobono da Piana del Colle, nos arredores de Palermo.

Entre os vencidos estão: Tommaso Buscetta, sogro de Giuseppe Genova um dos mortos de Santo Estêvão, procurado desde há dois anos e emigrado, segundo parece, na América Latina, mas que, possivelmente, teria regressado à Sicília. Gaetano Badalamenti, ex-presidente do «tribunal» da Mafia e actualmente desaparecido, os Inzerillo e os Bondate (os seus chefes respectivos foram assassinados com a mesma espingarda automática kalachnikov que matou o general Dalla Chiesa), e finalmente alguns elementos traidores das famílias Greco e Marchese.

Actualmente as coisas pare-

cem algo confusas. Segundo os investigadores, o assassinato de Dalla Chiesa, cometido por uma família Catanese e patrocinado, em Palermo, por um Riccobono, causou profundas divisões no grupo dos vencedores assim como ajustes de contas «anormais». Os Greco e os Marchese teriam condenado o assassinato do general que provocou uma espécie de sobressalto nacional contra a Mafia. Rosário Riccobono desapareceu e seis homens seus foram massacrados no passado dia 30 de Novembro.

Neste panorama confuso, em que as velhas solidariedades parecem estar a desfazer-se, fala-se cada vez mais de Tommaso Buscetta, antigamente «grande patrão» da droga. Os rumores sobre o seu regresso à Sicília acompanharam os assassinatos dos seis homens do clã Riccobono. Além disso, três dos mortos de Santo Estêvão eram «buscettianos». Felicia Buscetta, irmã de Don Tommaso e presente no momento do tiroteio, foi poupada.

Segundo os investigadores, tudo leva a crer que Buscetta lançou-se na reconquista do poder e que são de prever novas violências. O que está em causa é o domínio do mercado da droga avaliado em 800 mil milhões de liras anuais (cerca de 50 milhões de contos) que transitam da Sicília para os Estados Unidos.

(Viviane Dutaut - AFP/«DL»)

Casa Branca insiste

“Não” à presença cubana em Angola

A Administração norte-americana voltou ontem a afirmar que só a retirada das tropas cubanas em Angola poderá levar a rápidos progressos no estabelecimento da independência da Namíbia.

Segundo Alan Romberg, porta-voz do Departamento de Estado, os Estados Unidos julgavam possível «caminhar rapidamente no sentido da aplicação da Resolução 435 da ONU e do estabelecimento da independência da Namíbia, na condição de se chegar a um acordo sobre o problema das tropas cubanas, actualmente estacionadas em Angola».

Romberg acentuou que «já foram conseguidos progressos importantes no sentido da independência da Namíbia», mas que o problema da «segurança da região continua a ser o único problema importante ainda não resolvido».

Esta necessidade de Alan Romberg falar está decerto ligada à denúncia, pela Zâmbia e por Moçambique, das agressões racistas que vêm sofrendo estes países.

Recorda-se que, em comunicado conjunto assinado por Almeida Bosque, por Cuba, e por Kaunda, pela Zâmbia, se considerava intratável a ligação entre a continuada agressão das forças

de Pretória (e dos mercenários a seu serviço) contra a República Popular de Angola, e as negociações para a independência da Namíbia, sublinha: «As tentativas para ligar as duas questões representam uma ingerência nos assuntos internos de Angola, contrariam a Resolução 435 do Conselho de Segurança da ONU e dificultam as negociações».

As acções terroristas da UNITA

segundo a France Presse

A União Nacional para a Independência total de Angola (mais conhecida por UNITA) lançou uma série de operações durante o período do Natal, soube-se em Luanda de fontes «bem informadas».

Durante a noite de 24 para 25 de Dezembro, a UNITA atacou vários centros económicos da cidade de Huambo. Assim, os depósitos de gasolina da SONANGOL foram destruídos, a delegação do Ministério da Agricultura encarregada da comercialização (DINAROP) foi atacada e uma fábrica de gasosas foi sabotada, indicaram essas fontes citadas pela France Presse.

Segundo outras informações da mesma agência noticiosa, a UNITA sabotou, no passado dia 22, a linha férrea de Malanje (centro-Norte de Angola) ao co-

locar uma mina nas proximidades de Cacuso. A UNITA também sabotou duas pontes na região de Luena (ex-Luso, capital do Moxico). A cidade de Luena, precisam as fontes, está a ser abastecida por via-aérea.

Por outro lado, segundo a France Presse, as Forças Armadas angolanas (FAPLA) lançaram uma ofensiva na região de Kanjala (entre as cidades costeiras de N'Gunza e Lobito) contra os grupos da UNITA que fazem reinar a insegurança nesse eixo rodoviário.

Engenheiros «desarapece-ram»

Fonte diplomática francesa em Maputo, capital de Moçambique, indicou que «desapareceram» dois engenheiros franceses da firma CGE-Alsthom. A informação chegou até nós por despacho da France Presse em que se acrescenta: «Segundo fontes não oficiais, «guerrilheiros» (as aspas são da responsabilidade de quem escreve do «Movimento Nacional de Resistência» atacaram três engenheiros franceses quando circulavam de carro na província meridional de Zambézia».

Um dos súbditos franceses, que conseguiu fugir quando do ataque, foi ligeiramente ferido e regressou já a França, indicam as mesmas fontes.

Chile

Estudante francesa libertada incondicionalmente

Devido à pronta e enérgica intervenção do governo francês, o governo militar chileno de Pinochet viu-se obrigado a libertar, incondicionalmente, a estudante franco-chilena Carolina Benítez Mouesca, que fora detida sob a acusação de ter infringido a chamada «Lei de Segurança Interna».

Presa a 10 de Dezembro, no sul do país, por ter escrito textos contra a ditadura chilena, Carolina recebeu o imediato apoio de uma representante da Embaixada da França em Santiago, sendo posta em liberdade ontem por ordem do tribunal de Valdivia.

Tendo estudado em França

desde 1973 e regressado ao Chile o ano passado, Carolina é filha de Leopoldo Benítez, antigo director da escola de arquitectura da Universidade Católica de Santiago, que morreu durante os recontros ocorridos quando do golpe fascista que derrubou o presidente Salvador Allende, em Setembro de 1973.

SISNAVAL — Cooperativa de Produção e Assistência de Electrónica, C.R.L.

Cópia extraída no 10.º Cartório Notarial de Lisboa, da escritura lavrada de fl. 66 a fl. 67 do livro n.º 175-A de escrituras diversas deste Cartório e documento complementar elaborado nos termos do artigo 78.º do Código do Notariado.

Remodelação total de estatutos

No dia 1 de Junho de 1982, no 10.º Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, licenciado Moisés dos Santos Martins, notário interino do Cartório, compareceram Manuel Dionísio Ventura Coelho, casado, natural de Avis, e António Marques Serra, viúvo, natural da freguesia de Buarcos, concelho da Figueira da Foz, residentes, respectivamente, na Avenida de Minas Gerais, 3, 6.º esquerdo, em Oeiras, e na Rua do Coronel Pereira da Silva, 5, 1.º, nesta cidade, em representação da SISNAVAL — Cooperativa de Produção e Assistência Electrónica, S.C.A.R.L., com sede nesta cidade, na Rua da Boavista, 180, 2.º, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o n.º 48 345, do livro n.º 120-C e constituída por escritura de 2 de Abril de 1975, lavrada a fl. 1 v.º do livro n.º 65-G, para escrituras diversas do 16.º Cartório Notarial de Lisboa, os quais foram especialmente designados para a outorga deste acto, por deliberação tomada em reunião da assembleia geral extraordinária, realizada em 22 de Março do corrente ano, constante da acta com o n.º 31, da qual arquivou fotocópia certificada.

Verifiquei a identidade dos outorgantes em face dos seus bilhetes de identidade n.ºs 5193059, de 15 de Março de 1979, e 4380118, de 14 de Setembro de 1978, ambos do Arquivo de Lisboa.

E por eles foi dito, que a Cooperativa, sua representada, é titular do cartão de identificação de pessoa colectiva com o n.º 500411956, e que, nos termos da citada deliberação social e de harmonia com o Decreto-Lei n.º 454/80, de 9 de Outubro, e demais legislação aplicável, pela presente escritura procedem à remodelação total dos estatutos por que se rege a Cooperativa, sua representada, e que ficam sendo os constantes do documento complementar, elaborado nos termos do n.º 2 do artigo 78.º do Código do Notariado, cujo conteúdo eles, outorgantes, declaram conhecer perfeitamente, pelo que dispensam a sua leitura.

Assim o disseram.

Adverti os outorgantes de que devem requerer o registo deste acto na respectiva Conservatória no prazo de 3 meses.

Esta escritura foi lida e explicada, quanto ao seu conteúdo, em voz alta e na presença simultânea de ambos os outorgantes.

Manuel Dionísio Ventura Coelho — António Marques Serra. — O Notário Interino, Moisés dos Santos Martins.

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DO NOTÁRIO LIC. MOISÉS DOS SANTOS MARTINS

Certifico que, por escritura de um de Junho de mil novecentos e oitenta e dois, lavrada de folhas 66 a 67, do livro 175-A, de escrituras diversas deste Cartório, procedeu-se à remodelação total dos estatutos da SISNAVAL — COOPERATIVA DE PRODUÇÃO E ASSISTÊNCIA ELECTRÓNICA, Sociedade Cooperativa Anónima de Responsabilidade Limitada, com sede na Rua da Boavista, número 180, 2.º andar, em Lisboa, que ficam sendo os seguintes estatutos:

CAPÍTULO PRIMEIRO

Disposições gerais
Artigo Primeiro
(Denominação)

A SISNAVAL — Cooperativa de Produção e Assistência de Electrónica — C.R.L., constituída em dois de Abril de mil novecentos e setenta e cinco, sob a forma de Cooperativa de Responsabilidade Limitada, passa a reger-se pelo Código Cooperativo, pelo Decreto-Lei número Trezentos e vinte e três barra oitenta e um, de quatro de Dezembro e pelos presentes Estatutos.

Artigo Segundo
(Sede)

Um. A Cooperativa tem a sua sede em Lisboa, e domicílio na Rua da Boavista número cento e oitenta, segundo andar, freguesia de S. Paulo.

Dois. A Cooperativa poderá estabelecer sucursais ou quaisquer outras instalações fora da sede, de acordo com as suas necessidades.

Três. A Assembleia Geral pode deliberar a deslocação da sede, mas a deslocação para localidade pertencente a área de Conservatória diferente daquela em que estiver registada a constituição da Cooperativa só poderá ser efectuada mediante alteração dos Estatutos.

Artigo Terceiro
(Objecto)

A SISNAVAL — Cooperativa de Produção e Assistência de Electrónica, C.R.L., é uma cooperativa de produtores de serviços pertencente ao ramo dos serviços do sector cooperativo tem como objectivo social a produção de serviços de assistência técnica e manutenção de equipamentos do âmbito marítimo, alta-fidelidade, televisão e electrodomésticos, assim como outras actividades afins.

Artigo Quarto
(Duração)

A duração da Cooperativa é por tempo indeterminado.

CAPÍTULO SEGUNDO
Do Capital

Artigo Quinto

(Capital da Cooperativa)

Um. O capital da Cooperativa, variável, é do montante mínimo de cinquenta mil escudos, encontrando-se já realizada a soma de oitenta e cinco mil escudos.

Dois. O capital é representado por títulos de mil escudos cada.

Artigo Sexto
(Entrada mínima de cada cooperador)

A entrada mínima de cada cooperador é de cinco mil escudos.

Artigo Sétimo
(Pagamento dos títulos subscritos)

O pagamento da parte ainda não realizada dos títulos de capital será feita, em dinheiro, em mensalidades iguais, não podendo exceder o período máximo de dois anos.

Artigo Oitavo
(Reforço do capital)

O capital da Cooperativa será objecto de apreciação para efeitos de reforço, anualmente, em função dos resultados da produção, na Assembleia Geral Ordinária que reunirá para discutir e aprovar o Relatório da Direcção e Contas.

CAPÍTULO TERCEIRO
Dos Cooperadores

Artigo Nono
(Admissão)

Um. Podem ser admitidos como membros da Cooperativa, no respeito do disposto no Artigo Vigésimo Nono do Código Cooperativo, e Artigo Quinto do Decreto-Lei número Trezentos e vinte e três barra oitenta e um de quatro de Dezembro, as pessoas que sejam aceites pela Assembleia Geral.

Dois. A proposta a que alude o número dois do Artigo Vigésimo Nono do Código Cooperativo deverá ser apresentada à Assembleia Geral.

Artigo Décimo
(Direitos dos Cooperadores)

Um. Os cooperadores têm os direitos constantes na lei, Artigo Trigesimo Primeiro e a parte final do número três do Artigo Vigésimo Nono do Código Cooperativo.

Dois. O exame da escrita e das contas da Cooperativa, previsto na alínea c) do Artigo Trigesimo Primeiro do Código Cooperativo, poderá ter lugar nas condições fixadas pela Direcção.

Artigo Décimo Primeiro
(Votações)

Um. Será respeitado o disposto nos Artigos Quadragésimo Oitavo, Quadragésimo Nono e Quinquagésimo do Código Cooperativo.

Dois. Para além do previsto no Artigo Quadragésimo, parágrafo quarto do Código Cooperativo, serão feitas por escrutínio secreto as votações que a Assembleia Geral deliberar.

Artigo Décimo Segundo
(Demissão)

Em conformidade com a alínea c) do Artigo Trigesimo Primeiro e do Artigo Trigesimo Quarto do Código Cooperativo, qualquer cooperador pode solicitar a sua demissão da cooperativa, em qualquer altura, com pré-aviso de trinta dias, devendo os valores referidos no número três deste último preceito ser-lhes restituídos no prazo máximo de doze meses, em prestações mensais, a contar da data da demissão.

Artigo Décimo Terceiro
(Exclusão)

Um. E causa de exclusão da cooperativa, no respeito pelo disposto no número três do Artigo Trigesimo Quinto do Código Cooperativo, o não cumprimento do Artigo Sétimo destes Estatutos.

Dois. A Direcção da Cooperativa poderá suspender um sócio mas a decisão de o exonerar compete à Assembleia Geral.

CAPÍTULO QUARTO
Dos Órgãos Sociais

SECÇÃO PRIMEIRA
Princípios Gerais

Artigo Décimo Quarto
(Duração dos mandatos)

Um. A duração dos mandatos da Mesa da Assembleia Geral, da Direcção e do Conselho Fiscal é de um ano.

Dois. Qualquer cooperador pode ser reeleito consecutivamente, para a Mesa da Assembleia Geral e para os órgãos sociais, até ao máximo de duas vezes.

Artigo Décimo Quinto
(Remunerações)

Os cooperadores e os titulares dos órgãos da cooperativa receberão as remunerações que lhes forem fixadas pela Assembleia Geral.

Artigo Décimo Sexto
(Comissões Especiais)

Tanto a Assembleia Geral como a Direcção poderão deliberar a constituição de comissões especiais prevista no número dois do Artigo Trigesimo Sexto do Código Cooperativo.

SECÇÃO SEGUNDA
Da Assembleia Geral

Artigo Décimo Sétimo
(Convocação de sessão extraordinária)

Quando o Presidente da Mesa da Assembleia Geral não convocar esta, em sessão extraordinária requerida nos termos da parte final do número três do Artigo Quadragésimo Segundo do Código Cooperativo e com observância do disposto no número seis do Artigo Quadragésimo Quarto do mesmo, poderão os cooperadores requerentes solicitar a convocação judicial da assembleia segundo o formalismo constante dos restantes números desta última disposição legal e nos termos do Artigo Mil Quatrocentos e Oitenta e Seis do Código do Processo Civil.

SECÇÃO TERCEIRA
Da Direcção

Artigo Décimo Oitavo
(Composição)

A direcção é composta por um presidente, um tesoureiro e um secretário. Sendo o secretário o substituto do presidente.

Artigo Décimo Nono
(Atribuições)

Para além da competência mencionada no Artigo Quinquagésimo Segundo do Código Cooperativo é ainda das atribuições da direcção propor a aplicação dos excedentes de acordo com a lei.

Artigo Vigésimo
(Assinaturas)

Para que a cooperativa fique obrigada são necessárias e suficientes as assinaturas de dois membros da Direcção.

SECÇÃO QUARTA
Do Conselho Fiscal

Artigo Vigésimo Primeiro
(Composição e Atribuições)

Composição e atribuições conforme o disposto nos Artigos Quinquagésimo Oitavo, Quinquagésimo Nono e Sexagésimo Primeiro do Código Cooperativo.

CAPÍTULO QUINTO
Das Reservas e dos Excedentes

Artigo Vigésimo Segundo
(Reservas)

Além daquelas a que se referem os números um dos Artigos Sexagésimo Sétimo e Sexagésimo Oitavo do Código Cooperativo, a cooperativa poderá ter uma reserva de investimento destinado à aquisição de imóveis, máquinas-ferramentas, materiais de apoio à assistência, e outros bens relacionados com o objectivo da cooperativa, por decisão da Assembleia Geral.

Artigo Vigésimo Terceiro
(Reversões para as reservas)

Cabe à Assembleia Geral determinar as percentagens dos excedentes anuais líquidos previstos nos números um dos Artigos Sexagésimo Sétimo, Sexagésimo Oitavo e Sexagésimo Nono do Código Cooperativo.

Artigo Vigésimo Quarto
(Remunerações dos títulos de capital)

Cabe à Assembleia Geral decidir da percentagem dos excedentes anuais líquidos que servirão para remunerar os títulos de capital.

CAPÍTULO SEXTO
Disposições Finais

Artigo Vigésimo Quinto
(Foro competente)

É escolhido o foro da Comarca de Lisboa para todas as questões a derimir entre os cooperadores e a cooperativa ou entre aqueles relativamente a esta.

ESTÁ CONFORME

Lisboa, dezasseis de Junho de mil novecentos e oitenta e dois

O Escriturário superior
(Maria de Lurdes Ribeiro de Castro)

Conservatória do Registo Comercial de Lisboa (1.ª Secção)

Nota de registo (matricula e inscrição da sociedade ou navio)

Apresentação n.º 5 do dia 16 de Agosto de 1982, inscrição, provisória por natureza, n.º 50, a fl. 32 v.º do livro J-1.
Foi inscrita a constituição da cooperativa denominada SISNAVAL — Cooperativa de Produção e Assistência de Electrónica, C.R.L., conferida, está conforme com o original.
Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, 16 de Agosto de 1982

O Ajudante
(Assinatura ilegível)

JÁ SABIA QUE
...
SEM FIADOR
...
1100 LISBOA ODECE

TERRENOS
Zona privilegiada a poucos km do Portinho da Arrábida D. 145 c. Tel. 2211701.

TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA
14.º JUÍZO CÍVEL
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do respectivo anúncio.
Execução de Sentença n.º 4485/B 2.ª secção. Exequentes — A Companhia de Seguros Império, EP. Executados — José Manuel Coutinho, residente em Matos Velhos, 1-1.º Esq., TORRES VEDRAS.
Lisboa, 14 de Dezembro de 1982
O Juiz de Direito,
a) Abílio Maria Peres
Pel'O Escrivão de Direito,
Rui Pedro Rosa Pagamim
a) Rui Pedro Rosa Pagamim

ARCEC — VENTILAÇÃO E FRIO, LD.ª

CARLOS PROENÇA, sócio gerente, vem convocar para uma Assembleia Geral Extraordinária, a realizar na Sede da ARCEC, no dia 24/1/83, pelas 15 horas, os sócios desta firma, com a seguinte ordem de trabalhos:

- Análise de levantamentos indevidos, de avultadas verbas, pelo sócio gerente Senhor José Crisóstomo Lucas, com morada na Urbanização da E.D.E.C., lote 13-5.º Dt.º — Odivelas.
- Análise de outros documentos relativos ao mesmo sócio gerente.
- Saber quais as razões da não entrega do balanço e contas relativo a 1981.
- Apreciação dos lucros da comercialização directa (clientes representadas) com o estrangeiro.
- Discutir se há matéria para alteração das posições sociais.
- Exoneração e nomeação de gerentes.

O Sócio Gerente
(assinatura ilegível)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

15.º JUÍZO
ANÚNCIO

PARA CITAÇÃO DE
TORAX-CONSTRUÇÕES
INDUSTRIAS E URBANAS.

Pela 2.ª Secção deste Juízo, nos autos de Execução de Sentença n.º 5759/B, movida por «Portugal Previdente», Companhia de Seguros, com sede nesta cidade, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação do presente anúncio, citando a executada «TORAX-CONSTRUÇÕES INDUSTRIAIS E URBANAS», com última sede conhecida na Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 60-2.º esq., nesta cidade, actualmente em parte incerta, para, no prazo de DEZ DIAS, posterior ao dos editos, entregar à execução o 2.º andar, lado esquerdo, do prédio n.º 60 na Rua Rodrigo da Fonseca, nesta cidade, sob pena de, não o fazendo, se proceder a essa entrega judicialmente.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1982
O Juiz de Direito,
Heri

a) Martinho Delca
-DL- — 29/12/82
2.ª Publicação

FESTA DE FIM DE ANO
31 DE DEZEMBRO
às 21.30h.

TEMPOS DIFÍCEIS
texto de ROMEU CORREIA
encenação de JOAQUIM BENITE

GRANDE SHOW

CARLOS MENDES • CARLOS PAREDES • HENRIQUE VIANA
HENRIQUETA MAYER • IO APOLONI • IVONE SILVA
JOSÉ JORGE LETRIA • JÚLIO CÉSAR • LUÍSA BASTO
SAMUEL • TERESA PAULA BRITO • TÉTÊ • CARLOS PAULO
DANIEL GARCIA • FRANCISCO SEIA • JOÃO FERNANDO
JOSÉ FARIA • JÚLIA LARANJEIRO • LE-A-FAR
MACEDO DE BRITO • ZURK • CONJUNTO R/C ESQ.
GRUPO CORAL «AMIGOS DO BARREIRO»

MAIS DE UMA CENTENA DE PRÉMIOS

1 semana em Londres, Las Palmas ou Palma de Maiorca para 2 pessoas • Viagem ida e volta a Londres para 2 pessoas • Fim de semana no Algarve para 2 pessoas • **AGÊNCIA ABREU**

**SERVIÇO DE CEIAS
ESPUMANTE GRATUITO**

GRUPO DE CAMPOLIDE (COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA)
TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE — TEL: 275-2175/275-6567

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

DESPORTO

ponta esquerda

Veiga Trigo: só uma palavra

Cumprindo o que anunciara, justificando a sua palavra, o árbitro bejense José Alberto Veiga Trigo (31 anos e 5.º classificado na mais moderna tabela de apreciação arbitral) renunciou ao apito, face à passagem a «internacional» do conterrâneo José Rosa Santos (dezena e meia de anos mais velho, 10.º cotado na bolsa de valores).

Marítimo: uma 'mina'

Depois de ter sido grande abastecedor do futebol nacional e, inclusive, «berço» de alguns dos mais cotados nomes do nosso jogo-rei, o Marítimo entrou numa apressada fase de contratação de tudo o que aparece à mão, seja ou não nacional. As últimas notícias falam do seu interesse por dois desconhecidos ingleses (Andy Moore e David Pearce, recém-juniões) que Mário Lino vai amanhã observar no Estádio dos Barreiros. Por seu lado é dado como certo o regresso de mais um brasileiro (Becas) que já esteve ao serviço do clube madeirense.

Luto na família Cavém

Faleceu, (com 78 anos) Norberto Gomes Cavém, que foi figura grada do futebol algarvio na década de 30 e treinador do Lusitano de Vila Real, aquando da ascensão à I Divisão, além de ter chegado a alinhar no Benfica ao tempo do seu serviço militar. Funcionário municipal aposentado, era pai de Doméciano Cavém (antigo bicampeão europeu do Benfica e treinador), Amílcar Cavém (que foi titular do Lusitano e do Covilhã, na 1.ª Divisão) e Norberto Cavém (antigo guarda-redes do clube vila-realense) e tio do actual dianteiro do Benfica, Nenê.

Pescador deixa o mar

O Varzim escamoteia um pescador ao mar: Belmiro (estreante face ao Rio Ave, antigo jogador da Maconde) aparece aos 23 anos como profissional de futebol. A defesa esquerdo quer fazer carreira.

José Moniz: ele ou certos jogadores

Afirmado publicamente por Fernando Paixão (presidente do Amora) nas páginas do nosso colega «Record»: «José Moniz disse-me, depois do jogo com o Marítimo, que preferia ir-se embora a propor o afastamento de alguns atletas.»

Gargalhada de desprezo

Hernâni Ascensão, vice-presidente do Boavista, diz para quem quiser ler o nosso camarada «Record»: «Ainda há tempos — dei uma gargalhada de desprezo, quando o dr. Lopes Marques, director-geral dos Desportos, que tudo deveria fazer para o fomento do desporto, até no sector feminino, fez comentários depreciativos ao futebol feminino.»

Juiz dita a sentença

Pouco divulgado: Trindade, o avançado direito da turma da Associação Desportiva de Poiares (o presidente é Fernando Ferreira, durante muitos anos o homem-forte do Belenenses) exerce as funções de juiz de Direito e, aos domingos, lá está, de chuteiras calçadas, jogando futebol, praticando desporto, divertindo-se e cultivando o físico. No embate-desempate com o Barreirense (para a «Taça de Portugal») Trindade rubricou o 2-0, irreversível e derradeiro para os homens de beira-Tejo.

Poiares: um fato de treino e oito notas de conto

Atirado fora da «Taça» o Barreirense, aí temos o prémio para cada jogador da Associação Desportiva de Poiares: um belo fato de treino e oito mil escudos.

O anzol das palavras

Joaquim Rocha, futebolista do Vitória de Guimarães: «Tem faltado ao Vitória, no entanto, um maior apoio da massa associativa. Nos momentos maus, tem mesmo ajudado a uma ainda maior desorientação da equipa. Isso vem tirar tranquilidade à equipa, o que não se compreende. De qualquer maneira, reconheço também que esse grupo de sócios empenhados em desestabilizar não é muito grande e não é por causa de «meia dúzia» que nos vamos deixar abater. Há pessoas que não olham a meios.»

Darasselia: morte aos 25 anos

O futebol soviético está de luto: o «internacional» Vitali Darasselia (25 anos) um dos melhores elementos do Dynamo Tbilissi (Geórgia), perdeu a vida num acidente de viação. O jogador georgiano era essencialmente um elemento de meio-campo, actuando na posição de médio esquerdo. Tendo sido distinguido com o título de «Mestre Emérito dos Desportos da URSS», Darasselia figurava este ano, pela 5.ª vez desde o início da sua carreira, na lista dos 33 melhores jogadores estabelecida anualmente pela Federação Soviética de Futebol.

Cá: o lutador do ano

Joaquim Vieira, veterano do Sporting, foi considerado o lutador do ano, prémio instituído por iniciativa da secção da modalidade do clube leonino.

O galardão atribuído ao atleta, que foi olímpico em Montreal, destina-se a premiar o lutador mais regular e de maior assiduidade e qualidade.

Joaquim Vieira, com 20 anos de actividade nas lutas amadoras, recolheu 79 pontos, seguido de Fernando Ardisson, 55, Paulo Ambrósio 45, Ernesto Rodrigues, 42, Rui Ambrósio 29 e Alberto Covas 37.

Como melhor júnior foi eleito Eduardo Ardisson e o melhor juvenil foi Paulo Ambrósio, que apenas com 13 anos conta por vitórias todos os combates disputados

Mundial de Futebol: Brasil ou México?

Os quatro países candidatos a organizar o Campeonato Mundial de Futebol de 1986 (México, Brasil, Estados Unidos e Canadá) vão manter-se em compasso de espera até dia 20 de Maio de 1983. Nessa data, o Comité Executivo da Federação Internacional de Futebol (FIFA) reúne-se em Estocolmo para decidir a qual dos candidatos concederá a organização do Mundial-86, face à renúncia da Colômbia. O país eleito, tal como a FIFA confirmou a 18 do corrente, (em Zurique, Suíça) **terá que ser americano.**

Os países candidatos terão que confirmar oficialmente as respectivas candidaturas até 10 de Janeiro. A Confederação Brasileira de Futebol enviou um telex à FIFA, apresentando a sua candidatura, imitando o México. Tudo indica que Estados Unidos e Canadá apresentarão igualmente em breve as suas candidaturas.

De 10 a 19 de Janeiro, a FIFA

remeterá aos candidatos o chamado «caderno de reivindicações», o mesmo que provocou a desistência da Colômbia, cujo presidente (Belisário Betancourt) considerou, num discurso no dia 26 de Outubro, «as extravagâncias da FIFA».

A partir dessa altura, os candidatos terão 50 dias para examinar as petições e exigências da FIFA e apresentar o seu projecto definitivo. Entre 11 de Março e 15 de Abril, uma comissão formada pelo presidente do Comité Organizador do Mundial-86 (o alemão-federal Hermann Neuberger, pelo argentino Carlos Alberto Lacoste, pelo suíço Joseph Blatter, pelo alemão-federal Horst Schmidt e pelo italiano Artémio Franchi) estudará a documentação enviada pelos candidatos. De 15 a 22 de Abril, a Comissão realizará diversas viagens de inspecção aos países candidatos, elaborando um relatório final que será examinado na reunião de Estocolmo, dia 20 de Maio. Brasileiros e mexicanos parecem reunir maiores probabilidades de conquistar a organização. O Brasil, três vezes campeão mundial (1958, 1962 e 1970), três vezes semifinalista (1938, 1974 e 1978), organizou o Mundial de 1950 (ganho pelo Uruguai) e a sua «torcida» aspira a ver a selecção «canarinho» conquistar o título no próprio país.

O Brasil possui, entre outros, seis estádios com capacidade para mais de cem mil espectadores: Maracanã, Rio de Janeiro (180 mil), Morumbi, São Paulo (150 mil), Porto Alegre (115 mil), Mineirão, Belo Horizonte (cem mil), Mangueira, Salvador (cem mil) e Rei Pelé, Maceio (cem mil). O México, que organizou o Mundial de 1970, conta também com excelentes estádios, como o Asteca (107 mil lugares), o da Cidade Universitária (cem mil) e o Jalisco (70 mil).

A batalha decisiva será travada a 20 de Maio (em Estocolmo) dia em que o Comité Executivo da FIFA dirá a palavra final. A partir desse dia, o país eleito terá apenas três anos para organizar o campeonato.

Na opinião de entendidos, Brasil e México parecem reunir melhores condições de virem a satisfazer as exigências da FIFA no que respeita a instalações, hotéis, meios de comunicação e deslocamentos das 24 seleções finalistas, número que, após o Mundial de Espanha (este ano) será reunido pela 2.ª vez após o início dos Mundiais, em 1930, no Uruguai.

“Ases das Avenidas”: o dever bem cumprido

Guilherme Sá Viana, «almapa-ter» de «Os Ases das Avenidas», pode (muito legitimamente) estar satisfeito: apesar de não oferecer televisores, frigoríficos, senhas para compras ou prémios de presença, foram cerca de 600 os concorrentes ao «Grande Prémio do Natal», que, como noticiámos, decorreu entre o Campo Grande e a Praça dos Restauradores, em Lisboa.

Hoje, divulgamos a classificação oficial, depois de devidamente elaborada pelos elementos oficiais.

PROVAS MASCULINAS:

Infantis A — 1.º Luís Guerra (Galamares); 2.º Francisco Oliveira (Monte Abraão); 3.º José Dias (Alhões); 4.º Sérgio Soeiro (Galinheiras); 5.º Artur Araújo (Galinheiras).

Infantis B — 1.º João Cunha (Leais da Beira); 2.º Carlos Rocha (Alhões); 3.º António Ramos (Alhões); 4.º António Manuel (Leais da Beira).

INICIADOS — 1.º Rui Ferreira (Monte Abraão); 2.º Hélder Mota (Amigos); 3.º Nuno Oliveira (Bicesse); 4.º Carlos Matos (Leais da Beira); 5.º José Miguel (Kolossal).

Juvenis — 1.º Hélder Mestre (Brandoense); 2.º João Marreiros (Benfica); 3.º Paulo Oliva (Bicesse); 4.º Luís Dias (Bicesse); 5.º Hélder Costa (Benfica).

Juniões — 1.º José Carlos (Galamares); 2.º Paulo Silva (Bicesse); 3.º João Pereira (Galamares); 4.º Carlos Ribeiro (Marmaleira); 5.º Fernando Toledo (Monte Abraão).

Seniores — 1.º Álvaro Costa (Sporting da Liberdade); 2.º Rui Rosa (Mercês); 3.º Valdemar Silva (Olivais-Sul); 4.º Hélio Santos (Mercês); 5.º José Raimundo (Fernão Ferro).

Veeteranos — 1.º José Grada (Mercês); 2.º José do Carmo (Alfacinhas); 3.º Custódio Augusto (Monte Abraão); 4.º Hipólito Luciano (Benfica); 5.º José Nunes (Os Amigos).

PROVAS FEMININAS:

Infantis A — 1.ª Paula Coelho (Leais da Beira); 2.ª Isabel Fátima (Kolossal); 3.ª Dulce Coelho (Galamares); 4.ª Sandra Silva (Ases das Avenidas); 5.ª Susana Mesquita (Leais da Beira).

Infantis B — 1.ª Paula Amigui-nho (Belenenses); 2.ª Sónia Ferreira (individual); 3.ª Ana Maria (Galamares); 4.ª Ana Conceição (GD Quimigal); 5.ª Benvenida Ferreira (Ases das Avenidas).

Iniciadas — 1.ª Manuel Alves (Kolossal); 2.ª Manuela Cruz

(Kolossal); 3.ª Teresa Ribeiro (GD Quimigal); 4.ª Lúcia Anacleto (Ases das Avenidas); 5.ª Maria Manuela Silva (Ases das Avenidas).

Juvenis — 1.ª Helena Galante (Belenenses); 2.ª Teresa Ferreira (Alhões); 3.ª Maria Emília (Kolossal); 4.ª Maria João (Alhões); 5.ª Madalena Nunes (Os Amigos).

Juniões/Seniores — 1.ª Isabel Santos (Alhões); 2.ª Ana Correia (Marmaleira); 3.ª Paula Tomé (Ases das Avenidas); 4.ª Paula Peres (Belenenses); 5.ª Elvira Ferreira (Monte Abraão).

Classificações colectivas: PROVAS FEMININAS — 1.ª Ases das AMVENIDAS, 96 PONTOS; 2.ª Alhões, 84; 3.ª Kolossal, 63. PROVAS MASCULINAS — 1.º Monte Abraão, 93 pontos; 2.º Alhões, 86; 3.º Bicesse, 84. CONJUNTO — 1.º Alhões, 170 pontos; 2.º Monte Abraão, 137; 3.º Ases das Avenidas, 120.

Pena que as vedetas, os nomes com maior popularidade, não tivessem compreendido: naturalmente, reservam o seu trabalho (amador) para as competições em que as notas correm sob as mesas ou os prémios são muito mais compensadores que simbólica medalha, aplausos e uma certa alegria íntima.

São Paulo: Carlos Lopes na 1.ª linha da S. Silvestre

Carlos Lopes, o queniano Henry Rono, o colombiano Victor Mora (tetracampeão) e o belga Alexander Hagelsteels são os favoritos da 58.ª S Silvestre, de São Paulo (Brasil).

Para a corrida, que se disputa como tradicionalmente alguns minutos antes da meia-noite de 31 de Dezembro, os observadores atribuem ainda algum favoritismo aos brasileiros João da Silva (vencedor em 1980) e Cláudio Ribeiro e ao inglês David Clark.

A organização aguarda uma participação de oito mil atletas de 12 países. A distância da prova foi aumentada este ano em quase 4,6 quilómetros (de 8,9 para 13,548 quilómetros) devido

ao grande número de inscritos. Espera-se que o nível técnico de uma das mais famosas São Silvestres seja superior ao do ano passado, quando Victor Mora triunfou, em tempo recorde de 23 minutos, 13,2 segundos e, na prova feminina, a vitória coube à portuguesa Rosa Mota.

Se vencer este ano, Mora (que ganhou em 1972, 73,75 e 81) superará o recorde de triunfos do belga Gaston Roelants (vencedor em 1964, 65, 67 e 68).

A São Silvestre de São Paulo foi criada em 1925 e oficializada em 1967. O primeiro estrangeiro a vencê-la foi o uruguaio Oscar Moreira (em 1947) e o único brasileiro até agora triunfador foi João Silva (1980).

Fernando Peres: morte a uma janela de Lisboa



Passou a dura e ingrata vida entre os alcatruzes da nora, vivendo cada hora talvez como se fosse a última, o cerrar de pano. Ou, pelo contrário, a primeira de nova etapa que lhe parecia sempre mais cativante e risonha. Percorreu a longa e sinuosa via lactea de todos os trabalhos jornalísticos, depois de ter sido pugilista quase profissional, entremendo em prosas de alguma transparente margura versos de sorrir a Deus, desses que os marchantes soltavam para o ar nas descidas de avenida, em noites de muitas luzes.

Esvoaçou como andorinha batendo asa por sobre quase todos os jornais diários, esteve nas rádios possíveis, deixou textos esbanjados a esmo, quase a centavo, por tudo o que foi publicado em largas três décadas. Levou longe a sua mensagem de sonho e ilusão, de amor e paixão pela cidade que tinha acolhido de braços abertos esse rapaz de Évora que afinal cantaria Lisboa como se nunca tivesse batido à porta da fronteira da grande capital.

Éra (como dizer?) uma simbiose entre a morte sempre próxima e a vida sempre continuada, uma espécie de amálgama entre as rimas doces ou fustigantes de Vasco de Lima Couto e os fados que ficam por escrever em torno dos quadros de Arnaldo Ferreira, das telas de Botelho e Manta. Foi (quem sabe?) o último autêntico poeta que conhecia Lisboa dos meandros e dos prostíbulos, da aguardente e da faca, da rusga e da fuga, das vigílias pelos becos como dos prémios nos salões. E tinha de acabar assim, pobre, triste, meio só, certamente espiando o último olhar sobre o casario que continua intacto o desfile nos versos das suas marchas, impecável no cerrar das horas em que não pode deter-se para soltar uma flor, uma só e pobre flor, sobre aquele que vai a sepultar e se chamou Fernando Peres. Afinal, a uma janela de Lisboa, que vale um poeta em mundo de máquinas e guerras?

Neves de Sousa



DESPORTO

“Capitão” Rodolfo: aviário, antiquário e a “incompetência” do dr. Camacho Vieira

O capitão portista (Rodolfo Reis Ferreira, 29 anos a 29 de Janeiro próximo): proprietário de um aviário (1200 pintos nascidos diariamente) vai ainda (segundo «A Bola») estabelecer-se com um negócio de antiquário. Reside numa quinta, é proprietário de dois automóveis (um Porsche e um Citroën Visa), considera-se apolítico, é casado com uma antiga campeã de hipismo, garante que a primeira grande entrevista da carreira foi dada esta semana ao jornalista Joaquim Rita e, em outra entrevista dada para Eugénio Queirós («Gazeta dos Desportos») não se escusa a afirmar, referindo-se à lesão contraída em Israel e ao tratamento imediato: só não levei Camacho



Vieira a tribunal porque o meu advogado disse-me que, para tal, tinha de provar a má-fé, quando esta não houve, mas sim incompetência.

CARTÓRIO NOTARIAL DE MOSCAVIDE

Rua António Maria Pais, n.º 6, 2.º esq.º
Lic. António Ramos Pires

CERTIFICADO, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada neste Cartório, no dia 17/12/82, a fls. 42 e seguintes do livro 31-C, foi por ANA MARIA ALMEIDA DE SALES CALDEIRA; JOSÉ MANUEL DE ALMEIDA DE SALES CALDEIRA; MARIO FERNANDO PEDROSA PEREIRA VAREIRO; e JOÃO MANUEL PEDROSA PEREIRA VAREIRO, constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «CALDEIRA & VAREIRO, LIMI-TADA», vai ter a sua sede na Rua Torcato Jorge, número um, cave, freguesia de Odivelas, concelho de Loures, tem o seu início hoje e durará por tempo indeterminado.

SEGUNDO — A sociedade tem por objecto a produção e comercialização de produtos alimentares, podendo dedicar-se a qualquer outro ramo de indústria ou comércio permitidos por Lei e em que os sócios acordem.

TERCEIRO — O capital social é de UM MILHÃO DE ESCUDOS, está inteiramente dividido em 100.000 quotas, cada uma de 10.000 escudos, e corresponde à soma de quatro quotas iguais ao valor de duzentos e cinquenta mil escudos cada, pertencendo uma a cada sócio.

QUARTO — Qualquer sócio poderá fazer suprimentos à sociedade quando esta deles carecer, nas condições de remuneração e vencimento que previamente forem estabelecidas em assembleia geral e constarem da respectiva acta.

QUINTO — A cessão total ou parcial, de quotas efectuar-se-á nos termos dos números seguintes:

UM — A cessão de quotas entre sócios e livre.

DOIS — Na cessão de quotas a estranhos, a sociedade terá direito de preferência, em primeiro lugar, e os sócios em segundo.

TRES — O sócio que pretenda alienar a sua quota comunicá-la à sociedade por meio de carta registada com aviso de recepção, indicando o nome do eventual cessionário e demais condições e elementos essenciais da cessão, podendo ser convidado a esclarecer ou completar qualquer comunicação considerada insuficiente.

QUARTO — Decorrido o prazo de trinta dias a contar da data da recepção da referida comunicação, ou de esclarecimento desta, sem que a sociedade tenha exercido o seu direito de preferência, o cedente dará conhecimento da sua pretensão aos demais sócios, nos termos dos números anteriores os quais poderão exercer aquele direito no prazo de oito dias.

QUINTO — Havendo vários sócios a preferir, a quota será dividida entre si na proporção do capital que cada um possuir, salvo acordo entre eles em contrário.

SEXTO — Se nada for comunicado aos cedentes nos prazos referidos, considera-se que os preferentes renunciaram ao direito de preferência digo de, preferir.

SEXTO — A sociedade poderá proceder à amortização de quotas nos casos seguintes:

a) — Quando houver acordo com o seu titular.
b) — Quando haja recaído sobre a quota penhora, arresto ou arrolamento, e

ainda quando, por qualquer motivo, tenha de proceder-se à sua arrematação, adjudicação ou venda em processo judicial, administrativo ou fiscal.

c) — Quando o sócio ceder a sua quota sem haver cumprido as obrigações que lhe são impostas neste pacto.
d) — Quando o titular da quota prejudique dolosamente ou desacreditar, por forma notória, a sociedade.

DOIS — Em todos os casos de amortização de quotas, à excepção do previsto na alínea a) do número anterior, o preço corresponderá ao valor nominal da quota amortizada.

TRES — O preço da amortização deverá ser pago, ou consignado em depósito, nos trinta dias seguintes à reunião de assembleia geral que a deliberar, devendo, se for necessário, os restantes sócios fazer suprimentos à sociedade para o efeito.

SETIMO

UM — A gerência dos negócios da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa ou passivamente, cabe a todos os sócios, que, desde já, ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

DOIS — A sociedade só fica validamente obrigada com as assinaturas conjuntas de dois gerentes, sendo uma dos sócios Mário Fernando Pedrosa Pereira Vareiro ou João Manuel Pedrosa Pereira Vareiro, e a outra dos sócios Ana Maria Almeida de Sales Caldeira ou José Manuel de Almeida de Sales Caldeira.

TRES — Ficam os gerentes autorizados a propor, impugnar, desistir, confessar e transigir em quaisquer acções ou processos, bem como comprometer-se em árbitros renunciando a quaisquer direitos ou privilégios, e a constituir mandatários para a prática de quaisquer actos que forem necessários, designadamente para efeitos do parágrafo único do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

QUARTO — Fica inteiramente vedado aos gerentes obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor, avales e quaisquer outros actos estranhos ao objecto social, sob pena de responderem individualmente perante a sociedade pelos prejuízos que esta venha, a sofrer.

OITAVO

UM — As reuniões de assembleia geral convocadas por meios de cartas registadas expedidas com oito dias de antecedência, sem prejuízo dos casos em que a Lei exija outros prazos e formalidades.

DOIS — As reuniões serão presididas pelo sócio que for designado no início de cada uma.

TRES — Para que qualquer sócio se possa fazer representar por outro nas reuniões de assembleia geral será suficiente que, por meio de carta ou telegrama, o faça saber a quem assinou a convocatória da assembleia geral, salvo se esta tiver por fim alterar o pacto social ou dissolver a sociedade casos em que a representação apenas poderá ser feita nos termos legais.

NONO

A sociedade apenas se dissolverá nos casos previstos na Lei, sendo liquidatários os sócios gerentes.

ESTÁ CONFORME:

Cartório Notarial de Moscavide,
27/12/82

O ESCRITURÁRIO SUPERIOR
(Orlando da Conceição Ramos Rodrigues)

Real Sociedad arrebatou “supertaça” espanhola

O Real Sociedad (próximo adversário do Sporting na «Taça dos Campeões») conquistou a primeira «Super-Taça» do futebol espanhol ao bater o Real Madrid por 4-0, na segunda «mão», disputada no seu terreno. Na 1.ª «mão» (em 13 de Outubro), o vencedor da «Taça do Rei» e actual líder do campeonato espanhol (Real Madrid) vencera apenas por 1-0, em «Santiago Bernabeu».

A partida de ontem, no Estádio Atocha, foi assinalada por incidentes causados pelo público, que chegou a lançar garrafas e outros objectos para o campo de jogo.

No termo dos 90 minutos, o resultado era de 1-0, favorável ao Real Sociedad (campeão da época passada) e no prolongamento a equipa de San Sebastian marcou nada menos do que três vezes.

Uralde apontou o único golo dos 90 minutos regulamentares, pelo que foi necessário recorrer ao prolongamento. No início deste período, o «internacional» Lopez Ufarte elevou para 2-0, antes de Uralde apontar mais dois golos que fixaram o resultado final. A quatro minutos do final do prolongamento, o holandês Metgod desperdiçou uma grande penalidade, possibilitando a defesa do guarda-redes do Real Sociedad (Luis Arconada). Dois jogadores do Real Madrid (Juan José e Angel) foram expulsos por agressões a adversários.

Sob arbitragem de Pes Perez, que teve trabalho difícil num jogo recheado de incidentes, alinharam:

Real Sociedad: Arconada; Celayeta, Gorritz, Gajate e Murillo (Beguiristain, 73); Larragaca, Diego (Sukia, 61) e Orbeogozi; Baquero, Uralde e Lopez Ufarte.

Real Madrid: Agustín; Juan José, Bonet, Gallego e Camacho; Metgod, Angel, Fraile e Portugal (San José, 61); Pineda (Salguero, 83) e Isidro.

Fixem: Amarilla

O paraguaio naturalizado espanhol Vicente Raul Amarilla

MICROSEPIO

Xadrez: perdemos

O português Luis Galego perdeu a partida com o francês Gilles Miralles a contar para a 8.ª jornada do Campeonato da Europa de Xadrez (juniões), que decorre na Holanda. O soviético Jan Ehlvest encontra-se em 1.º lugar, seguido do dinamarquês Curt Hansen, detentor do título.

Ténis: idem, idem

A portuguesa Marta Varanda foi derrotada pela mexicana Mariela Morales (por 3-6, 6-7) na 1.ª jornada do torneio feminino da Taça do Mundo de Ténis Juvenil, que decorre na capital do México.

tornou o Saragoça a revelação da actual época futebolística espanhola. O Saragoça, a uma jornada do termo da 1.ª volta, está em 3.º lugar, a dois pontos do líder (o Real Madrid) e a um do Atlético de Bilbao, que ocupa a 2.ª posição.

Amarilla encabeça a lista dos melhores marcadores do campeonato espanhol, com 12 golos, tantos como Hipolito Rincon, (do Bétis) o futebolista de origem paraguaia surge como sério candidato ao prémio dos marcadores, que nas últimas temporadas foi pertença do catalão Quini. Amarilla (21 anos) foi chamado pelo seleccionador nacional Miguel Muñoz para a selecção de esperanças e o seu nome também integra a lista de uma equipa nacional renovada. O Barcelona tem já uma opção para aquisição do «passe» da nova «estrela» do futebol espanhol.

Supertaça da Europa

Barcelona, vencedor da Taça das Taças, e Aston Villa, campeão europeu de clubes, fixaram já as datas dos jogos da Super-Taça. As duas mãos do troféu vão ser disputadas em 19 e 26 de Janeiro, com o primeiro jogo no «Nou Camp» de Barcelona e o segundo em Villa Park, Birmingham.

Viseu atende selecções

Previsto para o mês de Fevereiro do ano próximo: exhibições dos blocos nacionais de esperanças e juniores, no alindado Estádio do Fontelo (Viseu).

Calendário muda

Dos jogos do calendário oficial antecipados pela Federação apenas há a assinalar o Belenenses-Farense, a realizar na 6.ª feira, às 15 horas, no Estádio do Restelo. Quanto a alterações, para domingo serão as seguintes na 3.ª divisão: SL Olivaes-Cacém, às 11 horas. Juniores (em atraso): Vila Real-Vilanovense e Amora-Sporting Cuba (no Seixal), ambos às 11 horas. O jogo em atraso, da Taça de Portugal, entre o Cinfães e o Penafiel do Castelo, foi marcado para 5 de Janeiro, enquanto a partida Alfarede-Torres Novas, (da 3.ª divisão) foi adiada para 23 de Janeiro, às 15 horas.

Paolo Rossi

O futebolista italiano Paolo Rossi foi eleito o melhor desportista do ano, num inquérito realizado pela agência soviética TASS. Rossi, que no mundial de futebol deste ano, disputado em Espanha, ganhou a bota de ouro (melhor marcador) e a bola de ouro (melhor jogador).

Liga Inglesa

Resultados dos jogos da Liga Inglesa que contam para o Totobola português, concurso número 69: Arsenal - Tottenham, 2-0; Liverpool - Manchester City, 5-2; West Ham - Swansea, 3-2; Luton

Town - Watford, 1-0; Birmingham - Aston Villa, 3-0; Brighton - Southampton, 0-1; Ipswich - Norwich, 2-3; Manchester United - Sunderland, 0-0; Nottingham -

Conventry, 4-2; Stoke City - Everton, 1-0 e West Bromwich - Notts County, 2-2. Da 2.ª Divisão, contando ainda para o Totobola: Oldham - Leeds, 2-2.



Eder: o 11 da «canarinho»

Eder: milhões e milhões

O Atlético Mineiro fixou em seis milhões de dólares (546 000 contos) a transferência do seu «internacional» Eder. O Barcelona estava interessado nos serviços de Eder por cinco meses, mas o clube mineiro só aceitaria mediante um pagamento imediato de 1 milhão de dólares. O Atlético Mineiro, que atravessa grave crise económica (como a maioria dos clubes brasileiros) não está interessado, contudo, em «vender» os seus jogadores ao desbarato.

Quanto a Eder, é mais «modesto»: pede «apenas» 10 000 dólares por mês e 20 000 no acto de assinatura, para renovar o contrato com o Atlético Mineiro.

Árbitros argentinos dão exemplo

A Associação Argentina de Árbitros decidiu não dirigir jogos de futebol na província de Formosa. Os filiados da Associação decidiram igualmente não dirigir os jogos em que participe a equipa do Huracan (de San Rafael de Mendoza) e ameaçaram estender a medida contra todos os clubes ou cidades onde algum árbitro tenha futuramente a ser agredido. A decisão foi adoptada por cerca de 200 árbitros de todas as categorias, em assembleia geral presidida pelo secretário-geral da AAA (Alberto Clerc). Durante a reunião foi também aprovada uma proposta da Associação Argentina de Futebol (AFA) no sentido de esta tomar **resoluções drásticas** contra os clubes que promovam distúrbios ou incidentes contra os árbitros. Um castigo poderia obrigar um clube em cujo estádio ocorram incidentes a ter que jogar (por exemplo) a 60 quilómetros de distância. A decisão contra a província de Formosa foi provocada por um incidente em que uma equipa de arbitragem foi detida pela Polícia, na sequência de denúncia de um futebolista, pouco tempo depois de uma agressão a outros juizes, na cidade de San Rafael.

Peñarol: ganhar custa muito

Os dirigentes do Peñarol, detentor da Taça Intercontinental de Futebol, estudam fórmulas para conseguirem cumprir o pagamento dos prémios aos jogadores que deixarão de treinar se não lhes pagarem até ao dia 3. O clube venceu esta temporada a Taça dos Libertadores da América, a Taça Intercontinental e o campeonato uruguaio, mas deve aos futebolistas um total de prémios de 250 mil dólares (cerca de 22 mil contos). Representantes dos jogadores exigiram o pagamento imediato dos prémios sob ameaça de suspenderem os treinos e não participarem nas viagens que o clube tem programadas para os próximos meses. A direcção argumentou que lhe falta ainda receber cerca de 50 por cento da receita da final da Taça intercontinental disputada em Tóquio, com o Aston Villa, campeão europeu, sob o patrocínio de uma marca de automóveis japonesa.

Schuster contra dirigentes do ‘Barça’

O futebolista alemão federal Bernd Schuster acusa os dirigentes do seu clube, o FC Barcelona, de «falta de nível». Em entrevista ao diário «El Periódico», Schuster afirmou: **no Barcelona não me surpreendem as mudanças de atitude dos dirigentes, pois todos sabemos como é este clube: é absolutamente normal ter a mandar num dia um homem como Udo Lattek e amanhã outro como César Menotti**. Schuster disse que estes factos influem muitíssimo no comportamento da equipa: **estamos sempre nervosos. Os dirigentes deveriam trabalhar com mais calma**. Comentando as suas relações pessoais com Lattek, Schuster afirmou: **Ultimamente temos conversado muito e o que mais falta fazia a ambos era exactamente poder falar tranquilamente sem ninguém a interromper-se**. Tanto eu como ele temos trabalho bem e eu considero que é muito difícil ser-se treinador do Barcelona.

Everest: outro nome para o ‘Guiness’

Um alpinista japonês, Yasuo Kato, conseguiu, sozinho, atingir o topo do monte Everest, realizando assim a primeira ascensão invernal do ponto mais alto do Mundo (8848 metros). Yasuo Kato (de 33 anos) atingiu o cume durante a tarde passando pela vertente sul, no meio de um nevoeiro e de ventos fortes. O seu companheiro Toshiaki Kobayashi (também de 33 anos) foi obrigado a parar a 100 metros do alvo por causa da cansação.

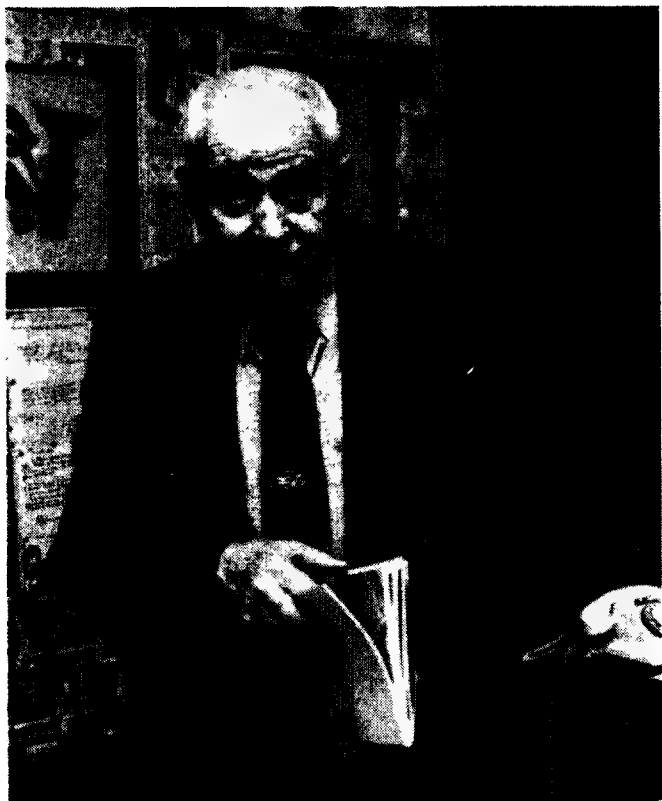
TOTO BOLA a chave

Varzim-Rio Ave	1
Arsenal-Tottenham	1
Birmingham-Aston Villa	1
Brighton-Southampton	2
Ipswich-Norwich	2
Liverpool-Man. City	1
Luton-Town-Watford	1
Man. United-Sunderland	x
Nottingham-Conventry	1
Stoke City-Everton	1
W. Bromwich-Notts County	x
West Ham-Swansea	1
Oldham-Leeds	x

TOTO BOLA jogue connosco

Sporting - Benfica	1
Amora - Porto	x
Portimonense - Guimarães	x
Braga - Estoril	1
Espinho - Salgueiros	1
Bragança - Riopele	x
Vizela - Penafiel	x
Leixões - Paços de Ferreira	1
Rio Maior - Águeda	2
Peniche - Académico	x
Odivelas - Sesimbra	x
Olhavense - Atlético	x

No concurso das Apostas Mútuas Desportivas apuraram-se apenas quatro apostas com os 13 símbolos certos, cabendo a cada uma a quantia de 2 762 816 escudos. Com 12 resultados certos apuraram-se 230 apostas que vão receber (cada), 48 031 escudos.



Última homenagem a Aragon

Milhares de pessoas prestaram ontem na sede do Partido Comunista Francês uma derradeira homenagem ao poeta e militante Louis Aragon, falecido sexta-feira em Paris com 85 anos.

Em filas intermináveis, personalidades do mundo político e artístico e simples admiradores da obra romanesca e poética de Aragon desfilarão perante a urna contendo os seus restos mortais.

À última homenagem ao escritor estiveram presentes o primeiro-ministro Pierre Mauroy, o ministro do Interior Gaston Deferre, entre outros membros do governo francês, dirigentes do Partido Comunista, a actriz e cançonista Juliette Greco e o escritor Hervé Bazin, presidente da Academia Concourt.

No termo do desfile dos presentes perante o féretro, François Chaumette, membro da «Comédie Française», leu um dos poemas do poeta.

Jacques Attali, conselheiro

privado de François Mitterrand, e Jean Louis Bianco, secretário-geral do Eliseu, representaram o presidente da República Francesa.

O primeiro-ministro Pierre Mauroy proferiu uma alocução evocativa de Aragon.

«Quando morre um poeta, disse, parte com ele esse fogo que só ele podia acender em nós.»

A dupla qualidade de artista e militante que foi a de Aragon durante toda a sua vida foi várias vezes assinalada na alocução de Mauroy, que finalizou dizendo: «Ele precede-nos na viagem para outros mistérios; mistérios para os quais se tinha preparado há muito tempo.»

Também o secretário-geral do Partido Comunista, George Marchais, proferiu palavras de louvor e emocionada evocação do escritor.

Aragon foi enterrado junto da sua companheira Elsa Triolet, a inspiradora de muitos dos seus poemas.

Na Ópera Cómica de Berlim (RDA)

Quando Mozart não quer que se cante

Voltei pela quarta vez ao **Rapto no Serralho** de Mozart, na Ópera Cómica de Berlim, espectáculo a que já me referi com largueza no «DL» de 4/9/82. Não se trata de retomar agora a crónica da encenação e dos intérpretes, embora deva mencionar, pelo menos, quanto cada um deles me pareceu desta vez se possível ainda mais profundo, coerente e verdadeiro na edificação global da personagem respectiva.

O «pathos» que Felsenstein pretendia fosse determinante da necessidade de cantar — como expressão única, insubstituível, da verdade dramática tornada evidente perante os espectadores — pareceu-me porventura ainda mais assumido, mais natural, mais convincente.

Nesse contexto, a declamação — só declamação, do princípio ao fim — do Paxá Selim (Hans-Peter Minetti) ganhou um desusado significado, dir-se-ia trágico, de impotência quer para comover o coração de Constança (Magda Nador), quer para agir em conformidade com os impulsos elementares da emoção. A generosidade revolucionária e subversiva que o transforma no símbolo iluminista em que as massas se reconhecem no sonho de libertação, esse supremo esforço de humanidade que nesta encenação nos comove até às lágrimas tal a autenticidade com que é realizado o potencial músico-dramático contido na partitura, a impossibilidade real — e por isso tanto mais «subversiva» — de o mais cristão dos princípios cristãos perdoar, naquelas condições e com aquele alcance, como perdoa o turco (também em Sade a força moral esta sempre nos «bárbaros», nos «selvagens», nos seres que a «Europa civilizada» despreza e anatematiza), tudo isso se reconhece logo ali naquela voz calada para a música: porque a luta interior do sentimento e da razão, da razão que cria um sentimento superior de dimensão sobrehumana, põe constantemente em causa a adequação dramática ao canto. No caso de Mozart, fazer cantar Selim seria falsear o carácter da personagem, seria introduzir um factor de ambiguidade na tensão interior que a personagem há-de transmitir precisamente porque não canta. Hans-Peter Minetti, com a experiência e o saber de um grande mestre da arte de representar, deu-nos esse novo «pathos» que se perderia no quadro do teatro declamado e se perderia do mesmo modo no quadro de uma montagem convencional, rotineira, desta ópera: o «Pathos» que se traduz em tornar evidente a impossibilidade de cantar num contexto em que todos os outros, em todas as situações-chave, impõem o canto como única linguagem possível.

Mário Vieira de Carvalho



REVEILLON DA AMIZADE

no pavilhão n.º 5 da
F. I. L.

ENTRADA PELA RUA DA JUNQUEIRA
(Frente ao H. Egas Moniz)

a partir das 22 h
as atracções:

HELENA ISABEL
IO APOLLONI
JOSÉ JORGE LETRIA
NUNO GOMES dos SANTOS
SAMUEL
TERESA PAULA BRITO
e
FILIPE G. dos SANTOS

BAILE
até de madrugada
com o conjunto
METAFASE

uma iniciativa
Cantarabril

LEVA COMES, QUE BEBES TEMOS NÓS!!!

Informações pelos telefones n.º 80 42 42/80 02 46 Av.ª Est. Unidos da América, 51/C — Lisboa

O «rock'n'roll» em leilões na «Sotheby's» de Londres

Os Beatles, Elvis Presley e os Rolling Stones ilustravam, há dias, em Londres, os cartazes da «Sotheby's» do primeiro grande leilão de objectos da «idade do ouro» do «rock and roll».

Cerca de quinhentas pessoas — a maior parte das quais eram quarentões, mas onde se encontravam também alguns «velhos» jovens, apresentando-se à moda dos anos 60 e uma ínfima minoria de verdadeiros jovens — acotovelavam-se nos salões do célebre comerciante de arte para participarem, de catálogo na mão, nessa estranha cerimónia da recordação, que durou mais de três horas.

A venda dos cerca de 300 artigos — fatos utilizados em palco, fotografias, revistas amareladas pelo tempo, cartas a admiradoras apaixonadas e outros objectos de culto dos mais variados e muitas vezes irrisórios — totalizou 105 320 libras (cerca de 15 500 contos). O comércio da nostalgia do rock tem futuro.

pensa a «Sotheby's», que tentou organizar outras vendas do mesmo género.

Mas o dinheiro venceu a fidelidade aos ídolos: foi um homem de negócios japonês, Kosaku Koishihara, quem arrematou o mais forte lance: o disco de ouro do álbum «Sergeant Pepper» dos Beatles, que foi adjudicado por 13 000 libras (cerca de 1900 contos).

Kosaku Koishihara, que comprou lembranças dos Beatles num valor de 50 000 libras (cerca de 7300 contos), confessou, depois da venda, que detesta a música «pop» e que adquiriu todos estes objectos unicamente com o intuito de lançar uma campanha de promoção do seu supermercado no Japão.

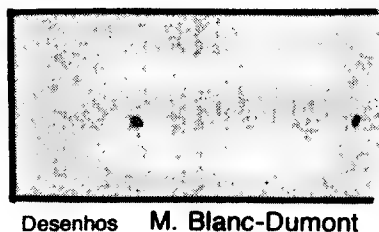
O segundo comprador importante, Terry Smith, um «discjockey» de uma estação de rádio de Liverpool, a cidade natal dos Beatles, quer criar um museu em glória dos «4 rapazes ao vento»,

tendo adquirido uma bateria pertencente a Paul McCartney, por 1200 libras (cerca de 180 contos), e a consola que serviu para a mistura do disco «Imagine», de John Lennon, por 5500 libras.

No «top» da recordação, os Beatles eclipsaram Elvis Presley. O busto deste último rendeu apenas 200 libras (cerca de 30 contos) e o seu radiotelefone, metido numa mala «à diplomata», não passou das 600 libras.

Uma caixa servindo de embalagem a um bombom gigante em forma de bebé assinada pelos «4 Beatles» e com a dedicatória «para todos os companheiros do Hospital de Booth Hall, com os nossos melhores votos», atingiu o inesperado preço de 140 libras.

O catálogo explica, com um tom sentencioso, que George Harrison dissera que adorava guloseimas, «depois do que os seus fãs o inundavam regularmente de bombons em palco».



Desenhos M. Blanc-Dumont



BLANC-DUMONT 76

Texto Laurence Harle

ALGUMAS HORAS MAIS TARDE...

MINHA SENHORA, UM SUJEITO DE WHITE WATER TRAZ-LHE UMA CARTA...

QUERIDO NELSON... DÊ-ME A CARTA... É CURIOSO, VOCÊ NÃO TEM ASPECTO DE LENHADOR, SENHOR...?

JONATHAN CARLAND... AH, ENTÃO ESTAVA COM O NELSON NO BARCO, CONVIDO-O PARA JANTAR E VAI-ME CONTAR AS VOSSAS AVENTURAS, NÃO É?

COM PRAZER, MINHA SENHORA!

MANDE ENTRAR, ELLIOTT.

CHAME-ME SILVER-BLUE...

BOA NOITE, JONATHAN... VOCÊ ESTÁ UMA ESTAMPINHA! QUER BEBER ALGUMA COISA? COMO ESTÁ O NELSON? É SEMPRE MUITO LACÔNICO, NUNCA SEI O QUE LHE ACONTECE. O NOSSO AMIGO TEREILL É MUITO TO, MAS POR VEZ NÃO DE ES-NADA!

BOA NOITE.

BOA NOITE, JONATHAN... VOCÊ ESTÁ UMA ESTAMPINHA! QUER BEBER ALGUMA COISA? COMO ESTÁ O NELSON? É SEMPRE MUITO LACÔNICO, NUNCA SEI O QUE LHE ACONTECE. O NOSSO AMIGO TEREILL É MUITO TO, MAS POR VEZ NÃO DE ES-NADA!

WAOUH! QUE PERSONAGEM!!

NO MESMO INSTANTE...

DEVE TER SIDO TERRÍVEL! JULGO NUNCA TER HAVIDO UM BARCO QUE ARDESSE TÃO DEPRESSA. TAMBÉM NÃO SE FALA OUTRA COISA DESDE BENTON. VOCÊ TEVE SORTE!

SAFAMO-NOS BEM NESTA CURSIVA VIAGEM, SALVO O PORRE BILLINGS, CLARO!

Tylenol: suspeito de envenenamento declara-se inocente

James Lewis, principal suspeito do caso de envenenamento de cápsulas de Tylenol, declarou-se ontem, num tribunal federal, inocente da acusação de extorsão de um milhão de dólares aos fabricantes do analgésico.

As únicas palavras de Lewis na audiência, a primeira a que comparece desde que foi detido em 13 de Dezembro em Nova Iorque, foram para confirmar que tivera tempo para consultar o seu advogado antes de se declarar inocente.

O juiz distrital John Nordberg acedeu ao pedido do fiscal federal Dan Webb para que fosse imposta uma fiança de cinco milhões de dólares a Lewis.

Lewis, 36 anos, foi detido na Biblioteca Pública de Manhattan após dois meses de buscas em todo o país, acusado de ter exigido à Johnson and Johnson um milhão de dólares para terminar os envenenamentos de analgésicos, que custaram a vida a sete habitantes dos arredores de Chicago.

O juiz concedeu aos defensores um prazo até 31 de Janeiro para apresentarem apelos, tendo o Governo uma semana para responder.

A próxima audiência realiza-se em 14 de Fevereiro, coincidindo com o aniversário da célebre «Chacina de San Valentin», que ocorreu em 1929 em Chicago.

Vagabundo morre no Natal: uma história digna de Dickens

O silêncio do enterro do vagabundo George Cox, em Grimsby, Humberside, no frio do norte da Inglaterra, assinalou segunda-feira o final de uma história que merecia ser levada ao cinema.

Como se fosse um personagem de Dickens, George Cox morreu em pleno Natal, atropelado por um automóvel, sem que seja possível determinar se se tratou de acidente ou suicídio.

Deixou apenas um papel amarrotado em que pede que a sua «fortuna» — o equivalente a 90 contos — seja repartida assim: metade para os seus «colegas alcoólicos» e metade para «um funeral de primeira».

A soma deixada pelo vagabundo foi o que restou de uma colecta que há quatro anos, para o auxiliar, organizada por Virginia Cooper, estudante de Grimsby, ao saber que Cox vivia numa carvoeira por os hospitais terem proibido a entrada do seu companheiro, um cão chamado «Lassie».

Com os seus farrapos e a cara esborratada de carvão, como um mineiro ao sair do fundo do poço, Cox era uma figura popular na sua terra e várias foram as instituições de caridade que o quiseram ajudar. Ele, porém, só aceitou a ajuda da pequena Virginia.

Acosado pelo frio, pela fome, pela solidão e pela sua consciência, George Cox passou o Natal em busca de um refúgio ou, quem sabe, dos faróis de um automóvel, esses mesmos que iluminaram o final da sua vida.

O seu último erro foi crer que o dinheiro que deixou bastaria para um enterro de luxo. Nem isso pode ter.

Homem do coração artificial convalesce lentamente

Barney Clark, primeiro homem a sujeitar-se à implantação de um coração artificial, está a convalescer lentamente, pelo que os médicos decidiram acabar com as conferências de imprensa diárias sobre o seu estado de saúde — informou ontem um porta-voz do Hospital Universitário de Salt Lake City.

«Está a melhorar lentamente, mas não existem alterações significativas», acrescentou o porta-voz, dr. John Dwan. Deste modo, declarou ainda, vai ser suprimido o Centro de Imprensa que desde o passado dia 2 de Dezembro funcionava na cantina do hospital.

Só voltarão a ser organizadas conferências de imprensa sobre Barney Clark quando houver alterações importantes na convalescença ou em caso de incidentes ou complicações.

Toneladas de marijuana capturadas ao largo da Jamaica

A Polícia da Jamaica capturou, sábado, a nordeste da ilha, dois barcos com pavilhão dos Estados Unidos transportando no total 1,7 toneladas de marijuana, e prendeu quatro americanos.

A Polícia interceptou primeiro o «China», ao largo de Falmouth. Os seus dois ocupantes, originários da Flórida, foram presos e 1,5 toneladas de marijuana capturadas.

Duas horas depois, um outro navio, o «Kama», era interceptado no mesmo local e os seus dois ocupantes, um homem e uma mulher, presos. A bordo, os polícias encontraram quatro espingardas e pistolas automáticas e 200 quilos de marijuana.

Plasma experimental pela primeira vez a partir dum reactor de fusão

O novo reactor de fusão da Universidade de Princeton (Néw Jersey), o «Tokamak», produziu pela primeira vez, no dia 24 de Dezembro, plasma experimental, anunciou o dr. Harold P. Furth, director do Laboratório de Física do plasma desta Universidade.

O plasma é um estado da matéria em que todos os átomos estão completamente ionizados. Quando o reactor estiver plenamente operacional, a temperatura do plasma poderá ultrapassar grandemente os 100 milhões de graus.

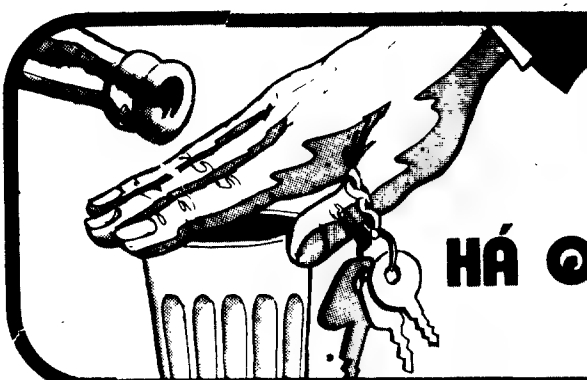
O projecto «Tokamak» visa a produção de electricidade a partir da fusão de átomos de hidrogénio.

continua

54 45 45



centro S.O.S. voz amiga



CONDUZIR
OU
BEBER

HÁ QUE ESCOLHER!

circular e viver.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Culturemos, irmãos

Há quem diga que a RTP não liga a assuntos culturais. Mentis, vilões, com quantos dentes tendes na boca! Ontem, por exemplo, manhã cedo, já cultura havia: Manuela entrevistava José Carlos a propósito de modas. Mais propriamente, de maquiagens.

Assim, soubemos que se usam sobancelhas superfinas, com eye-liner e tons beige na pálpebra, mais claro na superior. Também se usa no olho uma banana em tom esbatido. Discute-se sobre os contrastes entre o olho verde e o olho preto. Repare-se na Paula: tem o olho preto. Será que se mantém o olho claro? José Carlos, para o olho das senhoras prefere os tons neutros.

Esta conversa sobre o olho das senhoras deu-me, como se calcula, imensa formação cultural. Mas vai continuar. Ficou apazada nova sessão para o fim do mês, para se saber se as senhoras vão entrar no novo ano com o olho verde ou preto.

A mim, leigo, fica-me a impressão de que se discute, não o olho de cada qual, mas o chá. Curiosamente, Maria João Metello, numa fúria absolutamente cultural, viria a começar o seu programa com uma informação preciosa: a de que o sítio, em

todo o mundo, onde se consome mais chá, é na Austrália. Imaginem! eu a pensar que os australianos só consumiam cangurus!

Alguns cultura, esta a sério, nos poderia ser fornecida na rubrica «África 80» se Mário Crespo (oh homem de Deus, veja-me essa dicção, pergunte ao Moniz como foi que ele cuidou a dele!) tivesse tratado a reportagem do Tarrafal com menos ligeireza. Concluiu-se, a bem dizer, que aquilo era mau, mas não tanto como se proclama. Engana-se igualmente quando refere os anarquistas (os «anarcas», como ele dizia) como as vítimas exclusivas do Tarrafal. Por acaso ainda ontem de manhã estive com um Homem que lá passou vários anos e que a tal respeito — e a outros respeitos — podia contar muitas coisas, em discurso directo. Chama-se Francisco Miguel. Mas se Mário Crespo pretendesse fazer obra cultural, e não superficial, poderia falar com muitos outros tarrafalistas.

Diga-se que teve profundo interesse a reportagem sobre o massacre da União Sul-Africana, no Lesoto. Massacre gratuito, 42 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. O Telegiornal, na altura, falou nisso, pela rama. Como falou

pela rama, dos massacres em Beirute. Mas depois colocou uma pedra sobre o assunto. Que diabo, n'é, não se pode estar sempre a falar das mesmas coisas...

De cultura ainda nos fala a série inglesa «Reviver o Passado», esse lento viajar por dentro da decadência que ataca as sociedades e as pessoas, na Inglaterra, no período de entre duas guerras.

Evidentemente que a experiência, em Portugal, se processou a outro nível e noutro ritmo. Evidentemente que «Reviver o Passado» nos remete um conjunto de sinais de que nos falta a óptima chave. Para o caso, uma chave inglesa. Mas os esforços para compreender os gestos, os indícios, as demonstrações, em si mesmo, um acto cultural. De que, infelizmente, os telespectadores portugueses correm o perigo de ficar cada vez mais afastados. E os grandes responsáveis disso são as séries americanas.

São-no em dois planos: a vertigem do relato violento, o direito do espectador à assimilação inteligente (os telespectadores já se sentem deslocados, por exemplo, quando confrontados com a lentidão das séries inglesas ou francesas) e a facilidade da chamada «Kultura de mas\$as», de que os americanos abusam, é uma droga que cria dependência e afasta outras peças mais exigentes. Daí que, em Portugal, «Reviver o Passado» já ameace converter-se num teleproduto para elites. Maigode!

No fim da emissão, por volta das dez horas, chegou o «Tópico», segunda emissão de uma aposta cultural na televisão.

Continuaram a marcar-se pontos positivos. Tende-se, louvavelmente, para um magazinismo que não rasteja e para um culturismo que não anda nas nuvens. Quando o telespectador não boceja, isso quer dizer que a primeira parte da batalha está ganha.

Vasco Brilhante, Vera Varela Cid, (prazer em tornar a vê-la!) Alçada Baptista, João de Freitas Branco estão fazendo uma equipa jeitosa. O próprio Eládio Clímaco se integra nela com alegria. Aponte-se como ponto de grande interesse a reportagem na Barraca. E a propósito da Barraca: que tal vai o problema da sala de teatro? Não deu já provas bastantes de ser projecto cultural estável, logo com direito absoluto à... estabilidade?

Duas notas mais: é indispensável modificar o tipo das legendas de identificação. Que diabo, não há binóculos em todas as casas!

Depois, aquela preocupação de não mostrar as editoras dos livros. Ridículo. Se a RTP quer mesmo seriedade para com a publicidade oculta, deve olhar para outras rubricas. Se quiser, posso dizer alguma coisa a esse respeito.

Acabe lá com a perseguição aberrante às casas editoras. Deixe lá que elas não enriqueçam. Infelizmente. Era bom sinal...

TV MARCELO

Repara hoje em sua casa até as 24 horas todas as marcas com garantia. Coloca ainda outro aparelho enquanto repara o seu. Serviço permanente incl. sab e domingos. Tel. 654118 - 654119 - 654110

Hoje



Na RTP-1 exibe-se esta noite o filme «Millie, Rapariga Moderna», em que Julie Andrews (na foto), é a principal intérprete

- 16.17 Filme — «Um, Dois, Três, Quatro».
- 18.20 Tempo dos Mais Novos
- 18.45 Nunca é Tarde
- 19.10 Património
- 19.55 O Tempo
- 20.00 Telegiornal — notícias do País e do estrangeiro.
- 20.30 Direito de Antena — PSD (Partido Social Democrata). Sindicato dos Engenheiros do Norte, Associação dos Oficiais de Justiça, Associação Nacional dos Correspondentes Bancários e Associação Portuguesa de Informática.
- 20.50 Noite de Cinema — «Millie, Rapariga Moderna». Intépretes: Julie Andrews, James Fox, Mary Tyler Moore.
- 23.00 Últimas Notícias

2 RTP



Prosseguem na RTP-2 as exibições da telenovela «Cabocla»

- 19.32 País, País
- 19.55 Desenhos Animados
- 20.15 Documentário — «3.ª Idade».
- 20.50 Hoje Convidamos — convidado: Heitor Gil de Vilhena.
- Telenovela
- 22.00 Jornal da Noite
- 22.30 Jornal da Noite

Amanhã

1 RTP

2 RTP

08.00. Bom Dia Portugal; 09.30: Desenhos Animados; 10.00: Cozinha Fácil; 10.30: National Geographic Magazine; 11.30: «Erros Judiciais»; 12.00: «Baila Comigo»; 13.00: Jornal da Tarde; 17.00: «Tristeza Não Paga Dívidas»; 18.30: Tempo dos Mais Novos; 18.50: Mais um Natal em Hamburgo; 19.30: Autovisão; 19.55: O Tempo; 20.00: Telegiornal; 20.30: Concurso Toma Lá Dá Cá; 22.00: Grande Reportagem; 22.45: Últimas Notícias

GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

1 RTP

«Millie, Rapariga Moderna»
(20.50)

2 RTP

Hoje Convidamos Heitor Gil de Vilhena
(20.50)

...e sugere para hoje...

2 RTP

Joaquim percebe que Pequetita e Belinha combinaram qualquer coisa em relação a Boanerges. Luís conta a Boanerges o sonho que teve com Zuca, no qual Tobias tenta matá-lo. Boanerges não consegue dormir, preocupado com as atitudes de Justino. Justino decide pagar aos empregados em dinheiro e Neco fica muito feliz. Neco diz a Justino que ele poderá vencer Boanerges nas eleições para Prefeito se se mostrar interessado nos problemas do povo. Diz que poderá ajudá-lo mas que o seu preço é Belinha.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

**UM GRANDE EXITO DE
CRITICA E DE PUBLICO**

**4 "CESARES"
DO CINEMA FRANCÊS
1.º PREMIO DO FESTIVAL
DA FIGUEIRA DA FOZ**

CLASSIFICADO OFICIALMENTE COMO
«FILME DE QUALIDADE»

**Em PARIS: há 92 semanas
em exibição**



**A DIVA
E OS GANGSTERS**
(DIVA)

Um filme de
JEAN-JACQUES BEINEIX
Musica de **VLADIMIR COSMA**

**13.ª
Semana**

AGORA NO

estudio e portate



INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS



OCARINA

Artesanato

Brinquedos regionais e antigos. Peças de: Júlia Ramalho, Mistério; Rosalina Baraça, João Couto, Rosa Carriça

Trav. do Poço da Cidade, 40 (Bairro Alto)
Aberto das 10.00 as 24.00. Todos os dias no mês de Dezembro

Grupo de Campolide
compañia de teatro de Almada

**A
menina,
o gato
e o robot**

História de Joaquim Benite
encenação de J. Benite e J. Benite
SAB 1.ª DOM 2
às 16 e 18H
TEATRO DA ACADEMIA
ALMADENSE

A BARRACA
RUA ALEXANDRE HERCULANO, N.º 70
TE 66 300



— 3 últimos dias
às 21.30 h

TUDO BEM!
«A BARRACA»

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA FARRACHA

roteiro cultural

Teatro

O Festival de Teatro de Tomar, iniciado em Junho, termina amanhã com a apresentação da peça «O Concerto» de Karl Valentin pelo Grupo «Fátias de Cá».

Alexandra Amaral, da equipa que organizou o Festival, fez à ANOP o balanço do Festival dizendo que inúmeras dificuldades tinham sido enfrentadas pelos organizadores, em grande parte devido à escassez dos subsídios atribuídos.

A inicial pretensão dos organizadores, que era dar dimensão internacional ao certame não pôde ser concretizada precisamente porque os apoios para tanto faltaram, assinalou.

Apesar das dificuldades, Alexandra Amaral acentuou que a organização está determinada a deitar ombros a uma nova edição do Festival já no próximo ano, mas segundo um esquema substancialmente diferente do agora seguido.

O Centro Cultural de Évora apresenta, no Teatro Garcia de Resende, «O Auto da Índia», de Gil Vicente, numa encenação de Mário Barradas. Esta produção, a 38.ª do grupo, será estreada brevemente em Lisboa, no espaço do TNT, à Praça José Fontana.

Entretanto, começaram

em Évora as representações de «Corda Bamba», espectáculo do CCE para crianças maiores de 6 anos.

Música

O Quinteto de Fernando Girão apresenta-se hoje, amanhã e depois, no Hot Club de Portugal (Praça da Alegria, 39), às 22.30 e às 0.30 horas. Lembrando, nos seus melhores momentos, os grandes Al Jarreau e Milton Nascimento, a música de Fernando Girão tem sempre as características de comunicabilidade, eficiência rítmica e criatividade que fazem da sua permanência no Hot Club as «festas» que se conhecem. A sua banda actual comporta músicos de passado reconhecido no jazz, como Emílio Robalo, e um dos melhores bateristas de Lisboa, o Zezé N'Gambi (do grupo de Carlos Mendes).

Rádio

Prossegue no Programa 2 da RDP o ciclo de programas dedicado ao Marquês de Pombal e ao século XVIII. Hoje, às 21 horas, teremos «O Marquês de Pombal no Teatro», com a participação do dramaturgo Luís Rebelo. Amanhã, às 19 horas, «Para além da leitura: a figura de Pombal e os escritores portugueses do século XIX — Rebelo da Silva, Arnaldo, Gama, Camilo, com a colaboração de



Uma cena de «Auto da Índia», de Gil Vicente, pela companhia do Centro Cultural de Évora

Margarida Barahona. Entretanto, hoje, às 23 horas, teremos ainda Retrospectiva-82-Música (segundo programa): depoimento sobre a actividade musical do país durante o ano de 1982. Colaboração, entre outras personalidades, de Humberto Ávila.

João de Freitas Branco, José Atalaya e Helena Pimentel. Amanhã, ainda, às 21 horas, «Mesa-Redonda», debate sobre o poder do consumidor com Beja Santos, Pombo Cardoso e Magalhães Mota, e às 23 horas Retrospectiva/82 - Literatura (romance estran-

geiro traduzido em Portugal), com a participação de Eduardo Prado Coelho, Nuno Mendes, Luís Francisco Rebelo, António Melo e Lyon de Castro.

Exposições

O Centro Cultural do Alto

Minho organiza, a exemplo do que aconteceu no ano passado, a II Exposição «Viana, o Natal e as Criações» de 22 de Dezembro a 5 de Janeiro do próximo ano, no Salão da Cultura nos Antigos Paços do Concelho. Para esta exposição foram convidadas todas as Escolas Primárias do concelho de Viana e das Escolas Preparatórias do distrito.

Uma exposição sobre Rodrigues Sampaio está patente ao público na Sala dos Espelhos do Palácio Foz, até ao próximo dia 18 de Janeiro. Entre as obras seleccionadas constam na exposição as revistas «Ocidente», «Ilustração Portuguesa», «Arquivo Pitoresco», «Universo Ilustrado», «Arquivo Popular», «Panorama», etc.

Arménio Reis expõe aguarelas na sala de arte do Restaurante Escorial (Rua Portas de Santo Antão, 47, Lisboa) até ao próximo dia 3 de Janeiro.

Presépios tradicionais de Setúbal estão patentes ao público (até 28 de Fevereiro) no Museu de Arqueologia e Etnografia setubalense.

Alusivas ao Marquês de Pombal estão patentes ao público, em Lisboa, duas importantes exposições: sobre Lisboa e o Marquês, no Museu da Cidade, ao Campo Grande, e outra bibliográfica e iconográfica, na Biblioteca Nacional.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

Concurso n.º 3-2542/82
Fornecimento de arcas congeladoras para o Serviço de Sangue do Hospital de S. José.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 20 de Janeiro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 21 de Dezembro de 1982.

O Chefe do Serviço
a) Ilídio Luís de Sousa

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUESE

BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	66\$70	72\$70
ALEMANHA FED. (marco)	37\$15	38\$25
AUSTRIA (selim)	5\$15	5\$35
BELGICA (franco)	1\$715	1\$915
BRASIL (cruzeiro)	\$160	\$410
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	70\$65	72\$65
(notas de 5 a 1000)	71\$15	73\$15
DINAMARCA (coroa)	10\$90	10\$90
ESPAÑA (peseta)	\$665	\$795
EURO (notas de 1 e 2)	87\$65	89\$65
(notas de 5 a 1000)	88\$15	90\$15
FINLÂNDIA (marka)	16\$60	17\$20
FRANÇA (franco)	13\$10	13\$80
HOLANDA (florim)	33\$50	34\$50
INGLÂTERRA (libra)	142\$05	146\$05
IRLÂNDIA (libra)	123\$80	127\$80
ITALIA (lira)	\$058	\$068
JAPÃO (yen)	\$339	\$374
NORUEGA (coroa)	12\$50	13\$00
SUECIA (coroa)	12\$05	12\$65
SUIÇA (franco)	44\$00	45\$10
SWITZERLAND (franco)	16\$80	17\$80

Observações

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Duplo J. 18.45: Catequese semanal, do Papa João Paulo II; 19.00: Música; 20.00: «Os Miseráveis», de Victor Hugo; 20.15: O espaço é seu; 21.00: Toda a gente é pessoa; 21.30: Viva a noite. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.00: Curiosidades musicais; 16.55: Música sinfónica; 18.05: Música portuguesa; 19.00: O canto e os seus intérpretes; 20.10: A voz de Roma; 20.20: Música coral; 20.40: «O Espírito das Águas», de Dvorak; 21.00: Ciclo Marquês de Pombal; 21.30: Intercâmbio musical; 23.00: Retrospectiva musical 1982 (2.º programa); 00.00: «Missa da Meia-Noite para o Natal»; de Charpentier; 00.40: Intérpretes portugueses; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Hora luterana; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: Som da frente; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Musicando; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.20: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terceiro; 19.03: Programa da LAR; 20.00: Dé no vinte; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: O som da noite; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Bola branca (2.ª edição); 23.55: Meditando. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 21.00 e 22.00 horas.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: 16.00: Todos à uma; 21.00: Programas culturais; 21.30: Via Láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

HORIZONTAIS:

- 1 Nome de letra. Ave colombina.
2 Conjunção. Preposição e artigo.
3 Negros da costa da Libéria, pertencente ao grupo dos Mandingas. Home de baixa estatura.
4 Peneira. Clima.
5 Besuntou. Interjeição brasileira. Pronome pessoal.
6 Nesse lugar. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontíficos de interesse para Portugal. Isto é (abrev. e inv.).
7 Célio (s.q.). Mediana. Abreviatura da palavra inglesa mister.
8 Prendo. Manuel (abrev.) Mulher chinesa da classe baixa.
9 Chefe etíope. Rio de Espanha. Artigo definido.
10 Quinhentos e um em romano. Nome de mulher. Crómio (s.q.).
11 Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Cuncaram.
12 Racharam. Lutécio (s.q.).

Resoluiu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9473

HORIZONTAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Caminha. Alteza Sereníssima.
2 Moeda de Dio. Desperta.
3 Laço. Enviar.
4 Hectare (abrev.). Sufixo que designa estado.
5 Cantiga. Nota musical.
6 Figura que simboliza o povo americano. Casa humilde.
7 Maior. Apelido. Conjunção.
8 Arteria. Das mãos.
9 Vedo. Freguesia do concelho de Penafiel.
10 Ligara. Fedor.
11 Nota musical. Filtras.

VERTICAIS:

- 1 Cidade do Siquião (Turques-tão chinês). Nome de pássaro.
2 Ladrão do mar. Ilha pertencente a Macau.
3 Rurais. Artigo definido.
4 Cada uma das partes duras e calcificadas que forma o esqueleto dos animais.
5 Cidade da Alemanha. Tigela para a sopa.
6 Autores. Sofrer.
7 Recusa. Induz em erro.
8 Género de orquídeas. Prefixo de negação.
9 Artigo definido. Crómio (s.q.).
10 Secular.
11 Operários. Mulo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13612

HORIZONTAIS:

- 1 A. CORDA DA
2 Navio. Meios.
3 Sarrá. Aso.
4 Osa. Tu.
5 Mosa. Laura.
6 Eos. Féria.
7 Anas. Tuca.
8 Ted. Ruço.
9 Iró. Ana. Ira.
10 Rás. Odiento.
11 Am. NS. Amuas.

VERTICAIS:

- 1 Ans. MENTIRA.
2 Aarão. Eram.
3 CVI. Usados.
4 Oros.
5 Róis. Faraós.
6 Aalesund.
7 Am. Ar. Caia.
8 E. MUITO. Em.
9 Dia. Rau. Uni.
10 Aosta. CURTA.
11 Sou. Ta. Aós.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9472

HORIZONTAIS:

- 1 Mealhada. SE.
2 Amo. Urraram.
3 Sarpas. Ob.
4 Ce. Alio.
5 Assoamos. Ar.
6 Ia. Sa.
7 Si. Cantavas.
8 Algália.
9 Ana. Tara.
10 Ama. Ruara.
11 Sara. Raul.

VERTICAIS:

- 1 Massais. Tas.
2 Ema. Saia. Ma.
3 Aoros. Aar.
4 Orçaria.
5 Huaca. Ali.
6 Arremangara.
7 Dra. Ta.
8 Aai. Assaltar.
9 Rai. Aviara.
10 Sabia. Aarau.
11 Em. Oras.

Provérbio: A CORDA DA MENTIRA É MUITO CURTA.

cartaz de cinemas e teatros



A saudade de Verónica Voss de Fassbinder, em exibição no QUARTETO

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
- Para Todos
Desenhos animados
O SEGREDO DE NIMH
Falado em português

SALA B

Às 14.15, 17, 19, 21 e 23
- N. ac. men. 13 a.
O PRESENTE

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

ASTERIX E CLEOPATRA

3.ª Semana

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24

- N. ac. men. 13 a.

ROMANCE EM NOVA IORQUE

2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.

UMA AGENTE MUITO ESPECIAL

2.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

E. T., O EXTRATERRESTRE

2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

PAPUÇA E DENTUÇA

Falado em português

4.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Para Todos

ANNE**CINE 222** 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 21.30 - Int. men. 13 a.

O HOMEM DAS LENTES MORTAIS

Às 24

O CASO ODESSA**CINEBOLSO** 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Estreia às 12.30, 14.30, 16.45 e 19

- Int. men. 18 a.

AS 1001 NOITES ERÓTICAS

Às 24

O GRITO DE GUERRA**DOS APACHES****CINE BLOCO** 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

VEIO DO OUTRO MUNDO

8.ª Semana

Às 24

O TRITURADOR**CINE CAMÕES** 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

PEDE PERDÃO A DEUS**CONDES** 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

É o máximo para as Festas de 82!**O AS DOS ASES**

c/ Jean-Paul Belmondo

Colombo

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

O BOMBARDEIRO

2.ª Semana

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.

Uma história de intenso interesse**A DIVA E OS GANGSTERS**

c/ Frederic Andrei, Roland Bertin e Richard Bohringer

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

AMOR IMPOSSÍVEL**IMPÉRIO** 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30

- M. 6 a

ANNIE

2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

É o máximo para as Festas de 82!**O AS DOS ASES**

c/ Jean-Paul Belmondo

Colombo

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

AC/DC, ALTA TENSÃO

Às 24

UM HOMEM UMA ARMA**MONUMENTAL** 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

TRON

c/ Jeff Bridges e Bruce Boxleitner

Reveillon 82/83

Bilhetes à venda

13.

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

A FACE DO PODER

2.ª Semana

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15 e 18.15 - N. ac. men. 13 a.

Sempre prontos para um arrabal de pa-

cadaria

Os 3 INDOMÁVEIS MALUCOS**EM FÉRIAS****PATHE** 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

O BOMBARDEIRO

c/ Bud Spencer

Colombo

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15

- Int. men. 13 a.

YOL**SALA 2**

Às 14.30, 16.45, 1, 21.15

- Int. men. 13 a.

DIVA**SALA 3**

Às 15, 17, 19, 21.15 e 23.30

A SAUDADE DE**VERONIKA VOSS**

- N. ac. men. 18 a.

SALA 4

Às 14, 16.30, 19, 21.15 e 23.30

- N. ac. men. 18 a.

NOITES ESCALDANTES**ROMA** 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30

- Para Todos

O MESTRE ESCOLA

2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

SUPERTOTO**S. JORGE** 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

NA PISTA DA PANTERA

c/ Peter Sellers e David Niven

2.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.15

- Para Todos

O SEGREDO DE NIMH

2.ª Semana

S. JORGE SALA 3

- N. ac. men. 18 a.

Às 14, 16.15, 19 e 21.15

POLTERGEIST, O FENÓMENO

9.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

- N. ac. men. 13 a.

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

ROMANCE EM NOVA IORQUE

2.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.30

- N. ac. men. 13 a.

NA PISTA DA PANTERA

Domingo às 11.15 - Para Todos

ASTERIX, O GAULES**STAR** 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

OS DEUSES DEVEM ESTAR**LOUCOS**

16.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

- N. ac. men. 18 a.

NOITES ESCALDANTES

9.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

Walt Disney Productions apresenta

PAPUÇA E DENTUÇA

Technicolor

Falado em português

4.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

O VARREDOR

c/ Mario Moreno (Cantinflas)

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

FÚRIA DE VENCER

11.ª Semana

outros cinemas

Lisboa**ALFA-1** - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)**ALFA-2** - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)**ALFA-3** - «Papuça e Dentuça», às 21.30 (6 anos)**MUNDIAL** - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)**CITY CINE** - «O As dos ASES», às 21.30 (13 anos)**CAPITÓLIO** - «O Calor das Calorais», às 21.00 e 23.00 (18 anos)**POLITEAMA** - «O Varredor», às 21.30 (13 anos)**OLÍMPIA** - «Uma Mulher para Todos», sessões permanentes (18 anos)**RESTELO** - «A Fúria da Razão», às 21.30 (18 anos)**ROYAL** - «Pela Mira da Espingarda», às 21.30 (13 anos)**PROMOTORA** - «Tiro de Escape», às 21.30 (18 anos)**Linha de Cascais****ALGÉS** - Stadium - «A Noite Fez-se para Amar», às 21.30 (13 anos)**PAÇO DE ARCOS** - Chaplin - «Ambição de Glória», às 21.15 (18 anos)**OEIRAS** - Oeiras-Cine - «Terror dos Bárbaros», às 21.15 (13 anos)**PARADE** - Royal-Cine - «Os 4 Malucos Mosqueteiros», às 21.15 (6 anos)**SÃO JOÃO DO ESTORIL** - Cinelândia - «A Roubar é que a Gente se Entende», às 21.15 (13 anos)**ESTORIL** - Casino - «Grease II», às 21.15 (13 anos)**CASCAIS** - Oxford - «Annie», às 21.30 (13 anos)**CASCAIS** - Impala - «Star Trek II», às 21.30 (13 anos)**Outra banda****ALMADA** - Cine-Estúdio - «Grease II», às 21.30 (13 anos)**ALMADA** - Incrível - «Outland. Atmosfera Zoro», às 21.15 (13 anos)**ALMADA** - Academia - «Os Cavalos do Valdez», às 21.15 (13 anos)**TRAFARIA** - Pavilhão Jardim - «A Professora na Praia», às 21.15 (18 anos)**Linha de Sintra****DAMAIA** - D. João V - «A Colina dos Sarrilhos», às 21.30 (13 anos)**AMADORA** - Cine-Plaza - «Grease II», às 21.30 (13 anos)**AMADORA** - Lido - «Nunca Digas Adeus», às 21.30 (1

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos
 e Publicidade:
 RUA LUIZ BORGES, 44 - 1000 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 305740
 Agência, Assinaturas e Circulação:
 Rua Castilho, 145-1 - 1000 LISBOA
 Telefones: 314331/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229
 Endereço telegráfico: DIBOA
 Telex: 12363 LISBOA PORTUGAL
 Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
 Telefones: 20954/5



O TEMPO
 MARES DE HOJE
 PREIA-MAR BAIXA-MAR

1.49	4,1 m	7.37	1,0 m
14.15	4,1 m	19.55	0,9 m
Dia 30			
2.39	4,3 m	8.25	0,8 m
15.06	4,2 m	20.42	0,8 m

TEMPERATURAS DO AR
 ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	3°
BRAGANÇA	2°
VILA REAL	1°
PORTO	6°
PENHAS DOURADAS	4°
COIMBRA	10°
C. CARVOEIRO	10°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	8°
ÉVORA	8°
BEJA	5°
SAGRES	11°
FARO	8°
P. DELGADA	13°
FUNCHAL	14°

últimas

Transportes aumentam

Continuação da pág. 1

cidadão tem apenas utilidade como animal produtor e fora disso a sua utilização de transportes não deve ser subsidiada, ainda que os subsídios lhe saiam igualmente do bolso, através dos impostos e contribuições para o Orçamento Geral do Estado.

A recolha de informações mais precisas sobre os quantitativos dos aumentos e as modalidades dos novos passes foi extremamente dificultada junto das fontes oficiais do sector.

Nem no gabinete do ministro, Viana Baptista, nem no do secretário de Estado, Abílio Rodrigues, foi possível recolher qualquer outra informação complementar. E é de Nuno Rebocho a previsão confiada ao «DL» de que todo o processo de aplicação dos aumentos nas tarifas dos transportes estará completa em 7 de Janeiro e a respectiva portaria publicada talvez já depois de amanhã.

Até então mantém validade os passes de Dezembro, enquanto os operadores podem vender ao preço actual os bilhetes pré-comprados.

Choque de carros em Vialonga

Num acidente ocorrido esta manhã na auto-estrada do Norte junto de Vialonga, envolvendo duas dezenas de viaturas, ficaram feridas dezassete pessoas, que recolheram Hospitais de Santa Maria e de Vila Franca de Xira. A identidade conhecida das vítimas do choque em cadeia provocado pelo nevoeiro é a seguinte: Fernando Miguel Gavira, de 58 anos, residente em Sacavém e a sua mulher, António Feliciano Ferreira, de 60, ambos internados no Hospital de Santa Maria; António José dos Reis, de 40 anos; Francisco José Pereira, de 66; António Paulo Ferreira, de 17; Maria Cerqueira Pimenta, de 23; Maria Tomásia Pires, de 50; Maria Filipe Tinoco Guerreiro, de 14; Assumption Inés Peralta, de 33 anos, de nacionalidade espanhola, e os seus dois filhos Ana Maria Peralta, de nove e José Xavier Peralta, de 11; e Américo Alves Pires, de 50, que deram entrada no Hospital de Vila Franca.

A hora do fecho do nosso jornal, a auto-estrada ainda se encontrava cortada pela Brigada de Trânsito da GNR no sentido Norte-Sul, pelo facto de um camião envolvido no embate permanecer atravessado no eixo rodoviário.

Entretanto, e quase à mesma hora, dois autocarros «laranjas» da Carris enfiaram-se junto a passagem de nível de Alcântara provocando vinte feridos ligeiros. António Ferreira, motorista de um dos veículos, que se dirigia para a Maçudo de Deus, afirmou que o motor do «laranja» acelerou não tendo sido possível pará-lo.

Faz hoje 23 anos de «fábulas» diversas

O Metro medido pelo tempo

O Metro, que hoje completa 23 anos sobre a sua inauguração, tem uma história fabulosa — de tantas fábulas. As cerimónias de hoje são chãs como o dia-a-dia de comboios superlotados. Há almoço comemorativo, medalhas por anos de serviço, um discurso, no mínimo, pela certa.

A tinta que o Metro fez correr antes de ser o primeiro buraco a céu aberto... A 6 de Janeiro de 1948 a Câmara de Lisboa aprovava a constituição de uma sociedade que teria «de levar a efeito no prazo máximo de três anos pormenorizados estudos quer sob a distribuição geral dos transportes quer sob as condições do subsolo da cidade».

Os termos em que então se falava do novo meio de transporte poderiam fazer pensar que estava para breve. Mas as discussões continuaram durante muito tempo. Um ano depois de constituída a sociedade, já se prenunciava o funcionamento do Metro para daí a quatro anos. Ou seja, para 1953.

A realidade, porém, foi um contínuo travão às especulações mais variadas, entre as quais a extensão das linhas a construir. Em 1949, por exemplo, previam-se quatro linhas, a primeira das quais teria de ir de Alvalade ao Lumiar passando pelo Rossio.

A linha 1-bis, planeava-se então, ligaria a Rotunda a Benfica. A número 2 iria do Poço do Bispo a Algés, passando pelo Rossio, e a número 3 dos Barbadinhos ao Conde Barão, passando pelos Anjos e pela Rotunda.

A realidade, sempre a realidade, fazia as notícias concretas. A 29 de Dezembro de 1959 juntava-se nos Restauradores a «fina flor» da política de então, com presidente de Câmara e Cardeal-Patriarca, ministros e comitais. Houve bênção e viagem até à Rotunda, com beija-mão do Cardeal enquanto se aguardava a chegada de Américo Tomás.

O Presidente da República da época estava cansado pela certa. Na Rotunda, informaram os jornais de então, fez «curtos momentos de repouso num dos gabinetes da estação».

O nevoeiro da CEE

«Aquilo a que nos votámos não foi o metropolitano pelo metropolitano mas sim o metropolitano por Lisboa» — dizia, na cerimónia de inauguração, o presidente do Conselho de Administração da Empresa do Metropolitano de Lisboa engenheiro D. Francisco Melo e Castro.

O repórter do «DL» que fez a cobertura da inauguração escrevia assim, localizando os factos: «Manhã fria a que o nevoeiro cerrado dava uma atmosfera europeia de trabalho».

O sonho da CEE assim esboçado aterrava no que se passava em Lisboa. O jornalista dizia que a entrada em funcionamento do Metro seria «a primeira compensação que o lisboeta recebe dos inúmeros incómodos a que esteve submetido desde Agosto de 1955».

A história do Metro é assim, fabulosa. Desde sempre as críticas surgiram. Depressa as estações para duas carruagens se revelavam pequenas e os passageiros acotovelavam-se nas horas de ponta.

O número de passageiros, por exemplo. O número de bilhetes vendidos em 1962 sofreu um acréscimo de 2,8 milhões relativamente ao ano anterior. E em 1965, já se assinalava que os utentes do Metro tinham chegado aos 22 milhões. Três anos depois já estava nos 33 milhões.

O Metro, também se pode recordar, a sua dimensão, era relacionada com a dos governantes de então. O primeiro troço ligava o Rossio a Entrecampos e Sete Rios. Era diferente dos planos traçados anos antes. Rapidamente começavam as obras para levar os comboios até Alvalade. Em 1968, a Câmara de Lisboa tratava o tema numa das suas reuniões, pouco depois de ter sido alargado até aos Anjos.

Começo a 1\$50

Os bilhetes começaram por custar 1\$50 quando vendidos avulso. Uma proposta camarária ao ministro das Comunicações previa duas modalidades mais: cadernetas para os trabalhadores «no sentido mais lato», com horários limitados e a um escudo por unidade, cadernetas de 10 bilhetes por 13\$50.

A pressão dos preços era então menor, com o preço do pão mantido a um «preço político», a crise do petróleo ainda nem advinhada. Mas, em 31 de Janeiro de 1969 a Câmara recusava uma proposta da empresa que visava um aumento de 50 centavos em cada viagem.

O Metro, nas suas perspectivas de crescimento e insuficiências sufocadas na imprensa pela censura de então, era descrito assim, no «DL», de 23 de Janeiro de 1969: «Passaram-se 20 anos, e o objectivo do Metro continua por atingir: por falta de visão, por falta de meios financeiros e por falta de dinamismo».

O nosso articulista augurava que «ou o Metro toma rapidamente uma forma adulta ou morrerá por asfixia».

O crescimento fazia-se lentamente. As estações de duas carruagens provocavam atropelos, planeava-se o seu crescimento, avançava-se nessa obra.

«Após três anos de morosa construção entrou ontem em funcionamento o novo troço do metro de Anjos a Alvalade» — assinalava o nosso jornal em 19/6/72. Constatava-se, na oportunidade, uma «afluência inesperada» no primeiro dia.

Então foi Abril

O subterrâneo abria-se à liberdade em 1974, quando se verificava que o número de passageiros subia aos 250 mil por dia. Coisas nunca contadas, sempre sufocadas nas relações laborais de então, subiam as escadas até às ruas de Lisboa.

«As nossas condições de trabalho são as piores que imaginar se possa» — dizia uma funcionária do Metro ao «DL». Durante anos as mulheres tiveram horários que não podiam contestar, condições gravosas. Obrigadas a fazer horas extras, não lhes era permitido comer entretanto, nem sequer uma bolacha no gabinete. Por exemplo.

E houve greves, desde então. E começaram-se obras para prolongar este transporte até regiões nunca antes suspeitadas, como ironicamente se poderia comentar. O reeleito presidente da Câmara de Lisboa anunciava essa direcção por debaixo do Zoo, servindo o Luna Parque dos seus sonhos, até ao Centro Administrativo já contestado.

«Tenho bichos-carpinteiros» — justificava, falando em cerimónia no Jardim Zoológico. Uma confissão nunca antes feita por qualquer dos seus antecessores. Antes de Abril, um presidente não falava assim.

Oito anos, estes últimos, na vida do Metro trouxeram muita coisa. Greves feitas e outras recusadas. Horários discutidos e indiferença perante a ampliação, finalmente, da estação dos Restauradores.

A poucos dias do aniversário, por exemplo, anunciava-se que estava concluída a estação do Socorro, em mais obras de ampliação. Pouco tempo antes, houve inaugurações em véspera de eleições autárquicas.

Agora, o Metro parece estar condenado a crescer, com esta cidade, que serve, afinal, de forma tão deficiente. Mas o Metro não tem culpa de tudo isto. Ele ainda só tem 23 anos...

Rogério Vidigal

Provedor acredita no «bom senso» dos trabalhadores

Lotaria do Fim de Ano e Totobola ameaçados por greve na Santa Casa

A greve dos cerca de dois mil trabalhadores da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, marcada para amanhã e depois, poderá conduzir ao cancelamento da extracção da Lotaria do Fim de Ano e do primeiro concurso de 1983 do Totobola. Os trabalhadores, que à hora do fecho do nosso jornal se encontravam reunidos em plenário, na sala de escrutínio do Totobola, já entregaram à Provedoria daquela instituição o pré-aviso de greve, exigindo alterações nos quadros e nas carreiras.

Em comunicado ontem divulgado, o Sindicato da Função Pública da Zona Sul e Açores afirma que «a responsabilidade pelos prejuízos que possam surgir para apostadores e agências cabe inteiramente ao Governo e à Administração da Santa Casa, uma vez que esta greve vem culminar um processo de luta que há dois anos se arrasta e que passou já pela anulação de duas greves marcadas para o mês de Novembro último e anuladas pelo simples facto de os trabalhadores terem credi-

tado que finalmente o Governo e a Administração mostravam interesse em resolver o conflito que os opunha aos trabalhadores».

Registe-se que o Ministério dos Assuntos Sociais já assinou a portaria que satisfaz as principais reivindicações dos trabalhadores, mas os Ministérios da Reforma Administrativa e das Finanças ainda não o fizeram. Por outro lado, segundo refere o Sindicato, ainda continuam por definir as normas de transição para o novo quadro e a data de entrada em vigor do diploma (retroatividade).

Entretanto, o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, dr. Pedro Pestana de Vasconcelos, considerou esta manhã ao «DL», como «inopertuna» a greve num momento em que o Governo está demissionário, «embora, disse, reconheça como justas as reivindicações dos trabalhadores». O dr. Pestana de Vasconcelos mostrou-se, por outro lado, «convicto de como até aqui irá prevalecer o bom senso e a dedicação dos trabalhadores à casa».



TEMPO DE ANTENA

CGTP-IN

A CGTP-IN E A ACTUAL SITUAÇÃO POLÍTICA

Balanço de 1982
 Perspectivas para 1983

com a participação de:

JOSÉ ERNESTO CARTAXO
 KALIDÁS BARRETO

da comissão executiva do
 secretariado nacional da CGTP-IN

DIA 30/12
 ANTENA 1 DA RDP

após o noticiário das 13 horas



A história de S. João da Madeira não é preenchida com factos sumptuosos, com grandes feitos, mais ou menos míticos. Mas vem de muito longe. Uma pequena povoação, à volta de uma igreja, foi crescendo, relativamente ignorada dos grandes centros. Durante mais de mil anos como que acumulou energias para uma explosão de desenvolvimento económico que só veio a verificar-se pelo final do século XIX, com a instalação das suas primeiras indústrias.

Depois foi um crescimento constante e um desenvolvimento a princípio baseado fundamentalmente na indústria de chapelaria e calçado, às quais viriam juntar-se outras. Foram a seguir crises cíclicas de algumas delas e a saída dessas crises, mas sempre uma saída pela porta do futuro.

S. João da Madeira, que é o mais pequeno concelho do país, apenas com 6,48 km² de superfície, é todavia o terceiro em índices de produção e consumo. A próxima etapa é ver concretizada a justa aspiração de ser elevada à categoria de cidade.

Texto e coordenação de Augusto Vilela



S. JOÃO DA MADEIRA

TERCEIRO CONCELHO DO PAÍS
EM ÍNDICES DE PRODUÇÃO E CONSUMO

S. JOÃO DA MADEIRA

Mil anos para se tornar vila menos de 100 para ser cidade

Povoação muito antiga, durante séculos, adormecida nas suas potencialidades, foram precisos mais de mil anos para que S. João da Madeira, conseguisse alcançar o seu estatuto de vila e garantir a sua autonomia administrativa. Praticamente só no Século XX, em consequência de um enorme surto de desenvolvimento da sua agricultura, do seu comércio e depois da sua indústria, despertou da existência obscura de cerca de um milénio.

Em termos de superfície é actualmente o concelho mais pequeno do país, com apenas 6,48 km² para uma população de cerca de 18 mil habitantes, mas é também em índices de rendimentos e «consumo per capita», o terceiro concelho a seguir a Lisboa e Porto.

Esses índices derivam do facto de se ter transformado num importante centro de comércio e produção industrial, embora possa dizer-se que S. João da Madeira está ainda no início do ciclo histórico que lhe abriu as portas do futuro, um futuro com tanto maiores perspectivas quanto mais cedo veja concretizada a sua aspiração de passagem a cidade, o que poderá acontecer num espaço de tempo relativamente curto se a Assembleia da República der andamento à legislação que se encontra em seu poder nesse sentido.

Remontam ao ano de 1088 da nossa era os primeiros documentos que referem especificamente S. João da Madeira como povoação e indicam a sua localização nas chamadas terras de Santa Maria, uma extensa área que abrange o território conquistado aos mouros por antigos fidalgos e cavaleiros da idade média. Por terras de Santa Maria, estendia-se toda uma vasta região compreendida entre os rios Douro e Caima e o Oceano Atlântico e o Rio Arda, onde ficaram bem assinalados os vestígios da dominação de celtas, romanos, árabes e visigodos.

Um pergaminho de 1088 fala da «vila de S. João que dizem de Mateira». Refira-se todavia que a palavra vila não tem nos documentos destas épocas recuadas o significado que hoje se lhe atribui. Vila era sinónimo de uma povoação com maior ou menor número de habitantes, na órbita de uma igreja ou de um mosteiro, compreendendo em termos administrativos, uma unidade tributária.

Os documentos encontrados, sobre os quais o historiador dr. Serafim Leite baseou importantes estudos sobre a origem e desenvolvimento de S. João da Madeira, foram por este sistematizados em quatro séries.

A primeira vai de 1088 a 1109 e compreende três contratos de

SE a imagem nos é permitida, quase poderíamos dizer que S. João da Madeira subiu a pulso a hierarquia do desenvolvimento. Mil anos foram necessários para se tornar vila. Agora o objectivo é tornar-se cidade, uma grande cidade, dar expressão nova a todo o seu enorme potencial económico e humano. Mas todas estas etapas nasceram e têm sido concretizadas através do esforço das suas populações, da iniciativa dos seus empresários, da qualidade dos seus trabalhadores.

Na verdade não se trata de uma terra bafejada pelos investimentos estrangeiros ou pelos favores do poder. Tudo o que é deve-o aos seus naturais.



aquisição de propriedades por Truilo e sua mulher Donadeo Álvares aos herdeiros de Godino Vimaraz. Estes terrenos ficavam localizados de acordo com tais documentos, na «vila de S. João que dizem de Mateira», nas proximidades do Rio Ul.

O pergaminho de 1088 é o que possibilita aos historiadores afirmar da existência de S. João da Madeira como entidade histórica antes da fundação da nacionalidade, nos tempos de Afonso VI de Leão (avô de D. Afonso Henriques, que reinou de 1072 a 1109) pois nele se faz referência à Igreja.

A segunda série de documentos estudada pelo dr. Serafim Leite, compreende o período de 1109 a 1143, e consta igualmente

de uma colecção de títulos de compra, efectuada por Gundivalvo Menendes (Gonçalo Mendes) e sua mulher, que assim se tornaram senhores da terra, com direito a apresentar pároco.

Há neles também referência a uma estrada romana e outra mourisca, a primeira das quais seria a via romana de Aeminium a Cale. Um outro documento é a carta de criação e doação do Couto de Cucujães, assinada por D. Afonso Henriques, ainda infante, e faz referência a S. João da Madeira, quando trata da demarcação territorial.

A terceira série de documentos respeita à doação feita pela mulher de Gundivalvo Menendes ao Mosteiro de Rio Tinto, da Igreja de S. João da Madeira e da

S. Martinho de Fajões, conjuntamente com as terras circundantes.

Mais tarde, já no Século XIII, nas «inquirições» de D. Diniz, aparece também uma outra referência a duas «quintas», existentes em S. João da Madeira, pertencentes uma a Estevão Soares e outra a Pero Viegas.

É nesta época que S. João da Madeira aparece provavelmente como povoação de certa importância, extremamente beneficiada pela sua situação relativamente às vias de comunicação da época.

A quarta série de documentos citados trata das nomeações de abades de S. João, feitas pela Abadessa do Mosteiro de Rio

Tinto, confirmadas pelo bispo do Porto. Estes documentos vão de 1256 a 1598.

Em 1609 desencadeou-se um longo pleito judicial entre o vigário do Couto de Cucujães e os párocos de S. João da Madeira. O contencioso teve origem na marcação abusiva pelo primeiro do lugar de Casal delo, como pertencendo àquele mosteiro, quando na verdade sempre pertencera a S. João da Madeira.

Foi uma questão interminável, que se arrastou durante anos terminando só em 1788, com a assinatura amigável de um documento que separava do Couto de Cucujães o lugar de Casal delo e com uma nova demarcação.

Até final do Século XIX, S.

João da Madeira pertenceu como freguesia à Vila da Feira. Em 1801 por decreto do príncipe regente D. João VI, a freguesia de S. João da Madeira foi mandada anexar ao concelho de Oliveira de Azeméis, que conseguira o título de vila por alvará da rainha D. Maria, de 1779.

A freguesia de Arrifana havia sido também incluída no concelho de Oliveira de Azeméis mas alguns anos depois voltou de novo à jurisdição da Vila da Feira.

Só em 1924 S. João da Madeira ascendeu à categoria de vila, desligando-se de Oliveira de Azeméis.

Como muitas outras terras de Portugal cujos habitantes nos momentos de maior perigo lutaram pela liberdade e pela independência do país, S. João da Madeira teve também os seus mártires.

Em 1809, por altura da segunda invasão francesa, comandada pelo general Soult, guerrilheiros patriotas mataram numa emboscada, na freguesia de Ul, junto a uma ponte, o tenente-coronel Lameth, oficial de ligação das tropas francesas da linha do Vouga com o quartel general de Soult. Na emboscada pereceu ainda um outro oficial francês.

Irritado com este acto e com os revezes que as suas tropas vinham sofrendo, Soult enviou um destacamento do comando do general Thomières, para aplicar sanções aos rebeldes e à população.

Num domingo (17 de Abril de 1809) a igreja repleta de pessoas, muitas das quais se tinham ali refugiado, foi cercada pelas tropas francesas à hora da missa. Sem qualquer respeito pelo local e pelas cerimónias litúrgicas que ali decorriam, os soldados franceses entraram na Igreja expulsando os fiéis para o exterior onde eram contados ficando um apripado de cada cinco que saíam.

As vítimas num total de cerca de 300, foram depois levadas para o campo da Bussiqueira e fuziladas. Cerca de uma dúzia de habitantes de S. João da Madeira contavam-se entre os populares justicados pelas tropas de Soult.

Em 1802, instala-se em S. João da Madeira a primeira fábrica de chapéus. Era praticamente uma pequena oficina artesanal mas marcava o início de uma nova época e trazia consigo uma certa tradição local, pois já nos meados do Século XVIII existiam ali pequenas manufacturas de chapéus de lã.

Inicialmente a produção limitava-se a grandes chapéus usados pelos alentejanos e aos chapéus característicos da in-

Continua na pág. 5

SAPACUP

COOPERATIVA DE PRODUÇÃO DE CALÇADO S. C. A. R. L.

ESPECIALIZADOS EM CALÇADO DE HOMEM

Rua Visconde, 2077-3700 S. JOÃO DA MADEIRA
Telef: 24759

FÁBRICA DE GUARDA-SOIS



Vaidosa

Neto & Santos, Lda.

TELEFONE, 23530
APARTADO 84

R. Comendador Rainho, 1111 — (Quintã)
S. JOÃO DA MADEIRA — Portugal

CENTRO



O 1º PASSO NO 1º EMPREGO

**CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL
DA INDÚSTRIA DE CALÇADO**

**APARTADO 13 — 3701 S. JOÃO DA MADEIRA
TELEX-26174 CFPIC P**

S. JOÃO DA MADEIRA



26151/2/3/4

OLIVEIRA DO DOURO



7820814

FELGUEIRAS



922861

MELHOR QUALIDAD

Objectivo da Câmara

REELEITO para novo mandato nas listas da AD, mas afirmando-se independente e exterior aos partidos, ou tendo apenas como partido os interesses de S. João da Madeira, José da Silva Pinho, presidente do município sanjoanense é um daqueles exemplos frequentes do poder local de uma personalidade forte e prestigiada. Há muito quem diga que não foram os partidos que o elegeram mas ele próprio a eleger-se e que, qualquer que fosse a lista em que participasse, ganharia sempre.

Não sendo um político e reafirmando veementemente a sua independência também não é um recém-chegado à política. Pertenceu à candidatura do general Humberto Delgado e participou mesmo numa assembleia de voto, em S. João da Madeira, onde, afirma, «o general ganhou as eleições».

Orgulha-se de não ter prometido nada na campanha eleitoral para não falhar nas promessas, mas repudia as afirmações de que não fez nada. Tem consciência das dificuldades deste concelho que apresenta como uma das características mais significativas o facto de ter apenas cerca de 18 mil habitantes e no entanto nele trabalham cerca de 40 mil pessoas, ou seja, quase o dobro da sua população.

Reconhece que S. João da Madeira não tem, por exemplo, uma rede de tratamento de esgotos, que faltam habitações para que as pessoas que trabalham no concelho possam também lá morar.

«Mas a Câmara deu um grande passo, quer por iniciativa directa quer tornando possível a actividade da iniciativa privada.

Posso dizer que foram construídas mais de 1700 fogos, ou seja, mais do que nos 20 anos anteriores. E para o futuro estão programados mais de 2000 fogos.

S. João da Madeira tem interesse em fixar as populações que aqui trabalham. Há operários que deixam aqui o seu trabalho e nós não podemos dar-lhes as condições de vida que desejariamos porque vivem noutros concelhos onde a Câmara não pode ter interferência».

João da Silva Pinho traduz todos os objectivos da sua gestão no desejo de «melhorar a qualidade de vida dos cidadãos», o que depende obviamente de vários factores conjun-

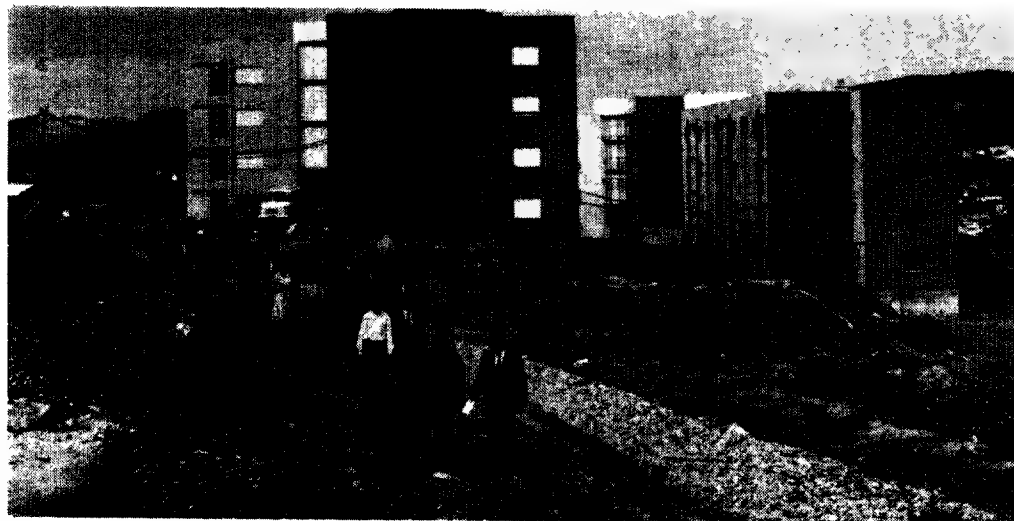
gados, desde o saneamento básico à habitação, à água ou aos espaços verdes.

«Em associação com Oliveira de Azeméis está já projectada e localizada uma estação de tratamento de esgotos. Quanto ao abastecimento de água está também assinado um protocolo com a Câmara da Vila da Feira para trazermos água de Lever, embora estejamos também a proceder a captações provenientes de furos artesanais.

Mas um dos grandes problemas é a renovação da rede de água que tem cerca de 35 anos. Alguns troços foram já substituídos mas a remodelação vai custar mais de 400 mil contos.»



José da Silva Pinho, presidente da Câmara de S. João da Madeira



A construção de habitação sofreu importante incremento nos últimos três anos



**FÁBRICA
DE
CURTUMES**

*União Distribuidora de Curtidos
do Alviela, Lda.*

SEDE:
Vila Moreira
Apartado 13
Telef. 82439-P.P.C.

DEPÓSITO:
S. João da Madeira
R. 5 de Outubro, 62
(Junto à Estação da C.P.)
Telef. 23534



Silva & Azevedo, Lda

FÁBRICA DE CALÇADO

● **SECÇÃO DE MALAS DE SENHORA**

TELEFONE 22587 ● S. JOÃO DA MADEIRA ● PORTUGAL

E DE VIDA

presidida por Silva Pinho

Quanto aos equipamentos sociais o presidente da Câmara de S. João da Madeira pensa que o concelho está razoavelmente servido e cita como exemplo mais elucidativo um lar da terceira idade, inaugurado em Outubro passado, para 150 idosos, que é considerado talvez o melhor do país.

«Temos também um número aceitável de creches e infantários. Damos já uma boa cobertura mas queremos mais para dar apoio aos trabalhadores que vêm exercer a sua actividade em S. João da Madeira.»

O desporto está também servido, com um pavilhão polivalente com piscina aquecida, e um outro com cerca de 3500 lugares que pertence à Sanjoanense. O Estádio Dias Garcia é um dos melhores do distrito e o Campo Municipal, que pertence à Câmara, serve os clubes do concelho.

A zona desportiva inclui também, além da piscina e do pavilhão, uma outra piscina que vai

arrancar em breve, campos de ténis, mini-golf, etc.

No domínio dos grandes empreendimentos Silva Pinho destaca-nos o novo edifício dos Paços do Concelho e o Centro de Educação Integrada, ambos em construção.

«Há mais obras realizadas por esta Câmara do que nos dez anos anteriores. As obras actualmente em curso no concelho ultrapassam os dois milhões de contos.»

Qual é o grande desafio do seu novo mandato?

«No fundo é concluir as obras que foram iniciadas pela Câmara anterior e procurar que através da melhoria dos espaços verdes que a população tenha uma melhor qualidade de vida. Não vale a pena afirmar coisas ambiciosas.

Durante a campanha disse que não prometia nada e que não aceitava ficar na Câmara com menor apoio do que o tinha tido. Quero melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e evitar que tenhamos só betão alto.»



O Centro de Terceira Idade de S. João da Madeira considerado um dos melhores do país



Blocos de habitação social em construção

Mil anos para ser vila

Continuação da pag. 2

dumentária das varinas da Beira Litoral.

Em 1858, por iniciativa do mesmo industrial, foi montada uma nova fábrica. Quatro anos mais tarde surgiu uma outra.

Em 1867 existiam já em S. João da Madeira umas 15 fábricas de chapéus utilizando como matéria-prima a lã.

Só em 1892 foi introduzida a indústria de chapéus de pelo e feltro. Esta indústria, que durante muitos anos contribui para o desenvolvimento económico do concelho encontra-se hoje em crise, por razões que a transcendem e que derivam essencialmente das profundas alterações que surgiram nos últimos anos na forma de vestir.

A indústria de calçado é agora a mais importante mas a sua implantação é relativamente recente. A primeira oficina de que há notícia foi instalada no ano de 1900 por Gaspar de Almeida Pinho.

Mas rapidamente a indústria de calçado se expandiu servida

por uma mão-de-obra qualificada. Hoje, e depois de vencidas algumas crises contam-se por centenas as fábricas de calçado existentes na área de S. João da Madeira, desde importantes unidades industriais, equipadas com a maquinaria mais moderna e sofisticada até oficinas mais tradicionais onde ainda sobrevive uma certa forma de artesanato, especializadas em determinado tipo de calçado.

Nos últimos anos os progressos desta indústria têm sido notáveis, com importantes avanços qualitativos tanto na tecnologia de produção como na própria pesquisa de mercados externos, o que tornou o nosso País, num importante exportador, incluindo para países com grandes tradições no fabrico de calçado.

Todavia a indústria de S. João da Madeira, não se esgota no calçado. Também na metalomecânica, no mobiliário, e produtos para a indústria automóvel, entre outros se registam valores muito importantes no contexto do produto bruto do concelho.

CIPRO
Desenvolver é preciso.

Consultores internacionais em projectos de desenvolvimento, somos 80 profissionais: Arquitectos, Economistas, Engenheiros, Geógrafos, Sociólogos e outros Técnicos. Constituímos a Cipro há 10 anos. Trabalhamos em Angola com a Emprojetos, U. E. E. e em Cabo Verde. Orgulhamo-nos de possuir vários prémios:

- PREMIO VALMOR 81
- PREMIO DE ARQUITECTURA E URBANISMO DOS CADERNOS MUNICIPAIS - CATEGORIA A
- PREMIO DIRECTOR DE EVORA
- PLANO DE CIRCULAÇÃO E TRANSPORTES DE EVORA

Somos a Cipro, em Portugal, com um lema: Desenvolver é preciso.

Av. Conselheiro Fernando de Sousa 19 9. 1000 Lisboa Portugal
Telefs. 857041 / 84 / 5 654674 Telex 15038 CIPRO P

CONSULTORES INTERNACIONAIS EM PROJECTOS DE DESENVOLVIMENTO, SARI



PREPARAR HOJE OS TÉCNICOS

SEM a iniciativa dos empresários muitas indústrias não teriam ganho a dimensão que hoje possuem. Mas também não é menos verdade que sem uma mão-de-obra especializada e tecnicamente habilitada também nunca essas indústrias poderiam ter-se desenvolvido. Durante muito anos a preparação de um operário especializado era o produto de muitos anos de trabalho, de uma aprendizagem baseada na experiência dos mais velhos, muitas vezes, até, na experiência acumulada de gerações de operários e artesãos.

Mas vai longe o tempo do aprendiz, essa pequena vítima que pagava o seu treino bem caro, entre a exploração de patrões menos escrupulosos e os sopapos dos operários mais velhos, que mais não faziam do que repetir nos mais novos aquilo que lhes haviam feito a eles.

Hoje são outras as exigências da indústria. Não é à exploração de aprendizes que as empresas vão buscar os seus lucros, mas a um trabalho qualificado e especializado.

A formação de base assume assim um papel preponderante e responde à inquietação de muitos empresários que por vezes se interrogam sobre a forma como renovar o pessoal das suas empresas.

O Centro de Formação Profissional da Indústria do Calçado é uma experiência única em Portugal que pode marcar o caminho a seguir noutros sectores industriais.



Instalações do Centro de Formação Profissional de Indústria do Calçado, em S. João da Madeira

Nenhuma indústria pode ter futuro se não dispuser de pessoal qualificado que lhe permita atingir os índices de qualidade e produção exigidos por mercados cada vez mais competitivos. As máquinas, sempre mais perfeitas, mais sofisticadas, são importantes, mas o factor humano continua a ser determinante, muito especialmente numa indústria como a do calçado, em que à mão-de-obra é exigido um elevado nível de qualificação.

S. João da Madeira possui um Centro de Formação Profissional da Indústria do Calçado que constitui um caso único no País contribuindo desde há alguns anos para lançar na indústria um número elevado de jovens aptos a substituir os operários especializados, feitos através da experiência, mas que tendiam a desaparecer sem que surgisse uma nova geração para os substituir.

Fundado em 1975, ao abrigo de um protocolo celebrado entre o então Ministério das Corporações, o Grémio Nacional das Indústrias de Calçado e o Sindicato Nacional dos Operários Sapateiros, o Centro de Formação Profissional da Indústria do Calçado é uma escola de formação que prepara os profissionais para aquela indústria, desde a mão-de-obra directa até cursos de encarregados modelistas, de gestão e de chefias.

Está instalado num moderno edifício à entrada de S. João da Madeira e tem delegações em Felgueiras e Oliveira do Douro.

Depois do 25 de Abril e apesar das convulsões então vividas em todos os sectores da vida nacional, o protocolo passou a ser respeitado pelo Ministério do Trabalho, pela Associação dos Industriais de Calçado e pela Federação dos Sindicatos.

Ao abrigo deste protocolo o Centro tem interferência a nível nacional e é o único organismo a fazer formação para a indústria do calçado dentro do País, visto



Nas oficinas do Centro os es

todos os outorgantes desse protocolo serem de âmbito nacional.

Trata-se de um organismo com autonomia administrativa e financeira, de utilidade pública, em que o Ministério do Trabalho está representado através do Instituto do Emprego e Formação Profissional, que cobre 50 por cento dos encargos financeiros. O restante provém da venda de artigos que o Centro fabrica e de outros rendimentos de actividade própria.

Tem um conselho de administração com um representante de cada um dos outorgantes (cabendo sempre a presidência aos representantes do IEF) e um director que é responsável por todas as actividades do Centro, com base nas orientações gerais do conselho de administração.

Importante ajuda à indústria de calçado

Ao longo da sua existência e designadamente nos últimos anos, o CEPIC tem tido um enorme desenvolvimento acompanhando a evolução da respectiva indústria, para a qual aliás fornece importante contributo. Pode dizer-se que uma parte importante da dinâmica de modernização da indústria do calçado deve-se ao Centro.

Durante vários anos o CEPIC foi buscar a sua inspiração a centros mais avançados da Europa, sobretudo a França e Itália, com estágios do corpo docente do Centro nesses países, designadamente em Lyon, no Centro Técnico do Couro, em Romans, onde existe um Centro de Formação igual a este, e na ARS Sutoria, em Milão.

Antes a formação estava baseada nos chamados Centros de Formação Profissional Acele-rada, inspirados em experiências do pós-guerra, mas que tinham feito a sua época visto que se dedicavam à reconversão de adultos.

«O Centro de Formação Profissional da Indústria do Calçado — diz-nos o seu director, eng.º Octávio Duarte — surge noutro contexto, quando o que a indústria necessitava já, era de técnicos jovens e qualificados desde a base. Este Centro estruturou-se recolhendo a experiência de outros países e de certo modo

ultrapassando essa experiência».

Trabalhando de preferência com jovens a seguir à escolaridade obrigatória e preparando-os tecnicamente, o Centro teve inicialmente dificuldades na aceitação dos seus estagiários por parte dos industriais, que não consideravam os profissionais saídos dali devidamente habilitados. Tratava-se todavia de uma falsa questão que gradualmente foi sendo ultrapassada. No fundo, o que alguns industriais mais antiquados pretendiam era iludir a contratação colectiva na questão dos «aprendizes», considerando-os nesta qualidade para além do tempo necessário.

Os profissionais formados no Centro apresentavam-se já qualificados, o que eliminava a situação de aprendizes. A situação foi-se alterando. A técnica e a preparação acabaram por vencer e hoje, os profissionais que saem do CEPIC são disputados pelos industriais do calçado que vêem neles o futuro.

Poderá dizer-se que o Centro é responsável, numa parte, por ter tomado a indústria nacional de calçado competitiva internacionalmente em termos qualitativos?

«Trata-se de uma indústria que se baseia essencialmente na mão-de-obra e onde a máquina apenas repete os gestos do operário — salienta o eng.º Octávio Duarte. Ou esta mão-de-obra é qualificada ou então não é possível atingir os padrões de qualidade hoje exigidos em toda a Europa, para onde nós exportamos muito.

A máquina é para substituir e evitar a fadiga do operário mas a qualidade final depende sempre dele. O elemento humano é pois fundamental.

Este Centro veio possibilitar que no momento em que em vários países europeus com tradição na indústria do calçado, a mão-de-obra especializada começa a desaparecer, por falta de renovação, Portugal surja com profissionais aptos, abrindo melhores perspectivas à indústria e assegurando-lhe as que já tem».

OS CURSOS

O CEPIC tem cursos que comecem pelo chamado sector do



O Centro de Formação Profissional comercializa a sua produção atenuando assim os custos do seu funcionamento

Sociedade de Construções ARSOL, Lda.

Estores ARSOL

METÁLICOS • PLÁSTICOS E DE ALUMÍNIO ANODIZADO

ALUMINOMETAIS

Toda a estrutura em Perfis de Alumínio Anodizado

PORTAS — MONTRAS — CAIXILHARIA — ETC.

RUA DO BRASIL 1131
TELEFONE 23291

3700 S. JOÃO DA MADEIRA

ICOS DE AMANHÃ



Estagiários aprendem todas as fases do fabrico de calçado, desde a modelação e corte até ao acabamento

corde, com quatro secções destas a funcionar, e cerca de 15 estagiários em cada uma. Há também seis secções de costura em funcionamento contínuo, também com 15 estagiários cada uma. A secção de montagem, nos vários sistemas de fabrico, ocupa cerca de 70 estagiários, o que totaliza 220 estagiários só no sector de mão-de-obra directa.

O horário é das 8 da manhã às seis da tarde e os estagiários recebem um subsídio mensal de 7500 escudos, incluindo o almoço e um reforço alimentar a meio da manhã. Os cursos duram cerca de dez meses.

Com os restantes sectores — encarregados e manutenção de equipamentos — o total de esta-

giários que frequentam o Centro diariamente ascende a cerca de 350.

Estes últimos cursos desenvolvem-se sobretudo à noite, em horário post-laboral. As oficinas têm assim uma ocupação que vai das 8 da manhã às 10 da noite.

O Centro dispõe das oficinas correspondentes às várias fases de fabricação equipadas com máquinas bastante actualizadas, embora não sofisticadas.

O eng.º Octávio Duarte faz-nos notar que o equipamento deve corresponder aos sistemas modernos de fabrico mas que, para efeitos de formação, não interessa que seja o mais sofisticado porque o que está em causa é a formação de mão-de-

-obra e não ganhos de produtividade.

Neste momento o recrutamento dos estagiários é sobretudo local e é feito através da publicidade que o próprio Centro leva até junto dos interessados. As inscrições são registadas e depois canalizadas para os Centros do Serviço de Emprego para efeitos de testes psicotécnicos. A partir das classificações elaboradas através desses testes, o Centro de Formação Profissional da Indústria do Calçado recebe os candidatos.

Este é o método, sobretudo para os jovens que procuram o primeiro emprego. Uma vez concluído o estágio o Serviço de Emprego encarrega-se da colocação dos estagiários. Se tal colocação não for possível de ime-

diato, o que só aconteceu uma vez na altura do afluxo de retornados, os estagiários ficam com direito a subsídio de desemprego. Por outro lado, logo que começam a frequentar os cursos, os estagiários são imediatamente abrangidos pela Previdência para efeitos de assistência médica.

Os cursos nocturnos destinam-se sobretudo a pessoal que já está na indústria e que pretende aperfeiçoar-se ou melhorar as suas condições de trabalho adquirindo maiores qualificações. Estes entram recorrendo também ao serviço de Emprego ou através de solicitação das próprias empresas em que trabalham. Há todavia uma prioridade para os pedidos das empresas.

Continua na pág. 8

Serviços Sociais serão em breve uma realidade

Com delegações em Oliveira do Douro e em Felgueiras, dois outros núcleos importantes da indústria do calçado, o Centro de Formação Profissional está vocacionado a desempenhar um papel fundamental na manutenção da qualidade dos profissionais que tornaram competitiva esta indústria. A sua expansão é inevitável e para além disso necessária.

As suas instalações em S. João da Madeira ocupam um vasto edifício concebido para o efeito e respondem, de momento, às necessidades, no plano oficial.

Mas a falta de instalações para serviços sociais de apoio é uma carência evidente. Dela tem resultado que o recrutamento de estagiários é sobretudo local. A falta de instalações e alojamentos para jovens e quadros e operários provenientes de outras localidades e impede que muitos tenham acesso a uma formação profissional de bom futuro.

Este problema parece estar no entanto em vias de resolução a curto prazo. A Câmara Municipal de S. João da Madeira, que vê no Centro de Formação Profissional da Indústria do Calçado uma instituição que valoriza a terra e a indústria local, cedeu já um terreno junto às actuais instalações para ali serem construídos os respectivos serviços sociais de apoio.

O projecto é todavia mais ambicioso, e de acordo com os planos do município sanjoanense ali ficará também instalada uma escola hoteleira, outra carência grave no Norte do País.



S. JOÃO DA MADEIRA AGORA MAIS PERTO DO MUNDO

S. João da Madeira tem agora uma nova central telefónica interurbana. Com este investimento de cerca de 50 mil contos os CTT vieram assegurar uma melhor qualidade nas comunicações desta região.

A entrada em funcionamento desta nova central tornou possível um melhor escoamento do tráfego telefónico entre o Grupo de Redes de S. João da Madeira e o resto do País, permitindo também o acesso automático a 17 países da Europa.

Conscientes da importância das comunicações no desenvolvimento económico do País, os CTT contribuem com este investimento para o progresso da região de S. João da Madeira. Agora S. João da Madeira está mais perto do mundo.

TELECOMUNICAÇÕES



CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

CENTRO DE FORMAÇÃO

Continuação da pág. 7

Ao contrário dos cursos diurnos estes são pagos através de uma propina que no caso da modelação é de 3500 escudos por mês, o que normalmente é suportado pelas empresas.

Os cursos de modelação do CFPIC atingem craveira internacional, reconhecida não só pelos industriais como por todos aqueles que o têm frequentado.

Os profissionais preparados são altamente qualificados e disputados pelas empresas, registando-se casos em que ex-estagiários deste Centro se encontram a ganhar ordenados superiores a 100 mil escudos.

No fundo trata-se de cursos de «design» para calçado e que têm a duração de 18 meses.

São considerados dos melhores que se fazem em todo o mundo porque os estagiários começam por ter que frequentar as oficinas familiarizando-se com a tecnologia do fabrico.

Aqui entra-se numa parte delicada da nossa indústria de calçado que é questão do estilismo. Curiosamente, os estagiários oriundos das Belas-Artes, que em princípio deveriam ser os que reuniam maiores possibilidades, têm falhado. Uma das razões é

que o problema do «design» industrial não consiste apenas em criar modelos bonitos ou mesmo esteticamente inovadores. É necessário também que eles sejam exequíveis do ponto de vista da fabricação e que do ponto de vista comercial encontrem mercado. Igualmente é necessário que possam ser produzidos a preços competitivos.

Os estagiários oriundos de Belas-Artes, pela sua formação cultural e estética, são capazes de absorver com mais facilidade as tendências da moda, o bom gosto e o requinte mas falta-lhes, na maioria dos casos, a sensibilidade industrial que possuem aqueles que passam pelas oficinas.

O director do Centro salienta-nos que não conseguiram ainda uma solução capaz de entrosar todos estes factores mas que a questão do estilismo e do desafio que à indústria portuguesa está a ser feito nesse campo é um objectivo imediato sobre o qual se debruçam.

Acredita que também neste campo poderemos atingir posições de vanguarda.

De qualquer modo grandes passos foram já dados. Do ponto de vista de técnica de modelação a indústria consegue já reproduzir o melhor que há em modelos, o que não acontecia antes da

existência deste Centro.

«Dantes chegavam-nos aqui clientes com modelos pretendendo que fossem fabricados cá e isso era impossível de conseguir. Agora nós estudamo-los, analisamos a tecnologia de fabrico, os tempos e demais elementos e fornecemos sem problemas os métodos e os processos de fabricação.»

No que respeita ao estilismo os italianos seguem na vanguarda seguidos dos franceses, mas a curto prazo é bem provável que se debatam com problemas graves, ou seja, podem ver-se na situação de possuírem os melhores estilistas mas não terem operários tecnicamente habilitados para os produzirem. Neste aspecto são boas as perspectivas da indústria portuguesa, graças ao Centro de Formação, que tem permitido renovar os profissionais que atingem a idade de reforma.

Para se conseguir uma posição internacionalmente destacada sob o ponto de vista de estilismo, o eng. Octávio Duarte sugere que em traços gerais a solução poderia estar na criação de uma instituição que se dedicasse a investigar o fenómeno moda e depois tratasse da sua implementação no sector industrial.

O futuro

De certo modo o Centro de Formação Profissional da Indústria do Calçado é uma instituição do futuro mas este não é um objectivo estático. Que horizontes estão no futuro desta verdadeira escola de profissionais?

«Há um salto em frente em perspectiva que passará pela análise de tecnologias de vanguarda, salienta o eng. Octávio Duarte. Neste momento está em preparação alguma literatura sobre o corte pelos raios «laser» e outros sistemas mais avançados.

Está prevista também a formação de quadros médios e superiores, como cronometristas, agentes de métodos, analistas de trabalho, técnicos de manutenção de equipamentos mais sofisticados, etc. Trata-se de cobrir toda a área de necessidades desta indústria de uma forma cada vez mais avançada e à medida das exigências do sector.»

A cooperação com os países africanos de língua portuguesa é outra é outra área a desenvolver e conta já com algumas experiências positivas. A mais recente refere-se a Cabo Verde onde existe desde há pouco tempo uma fábrica de calçada cujos operários foram preparados em S. João da Madeira e mais tarde acompanhados em Cabo Verde por monitores do Centro. Em Janeiro virão mais dois quadros técnicos estagiar, além daqueles que já cá estiveram.

Estas experiências podem ser alargadas a outros países à medida que os instrumentos de cooperação a nível de Estado forem produzindo efeitos.

Mas, para além destes países, mesmo na Europa, em países desenvolvidos nesta indústria olha-se cada vez com mais interesse para o Centro de Formação de S. João da Madeira que surge como uma verdadeira surpresa.

Ao longo da sua existência, o CFPIC preparou já perto de 3000 profissionais que foram introduzidos na indústria. Por enquanto é uma pequena percentagem do total de trabalhadores do sector mas a sua influência é cada vez maior, garantindo aos empresários uma certa tranquilidade quanto ao grave problema de renovação da mão-de-obra qualificada.

Criação e Investigação

O CFPIC tem criações próprias de modelos com predominância neste momento para o sapato de desporto e desenvolve produtos novos dedicando-se à investigação, nomeadamente de modelos com determinadas exigências técnicas, como é o caso dos sapatos de ténis, de maratona, botas de moto-«cross», sapatos de «ballet», etc.

Isto tem sido um sucesso na medida em que muitos dos produtos que se encontravam no mercado nem sempre respondiam às exigências dos utilizadores.

O Centro recolhe todos os dados relativos ao produto em questão, formula a sua aplicação prática junto dos fornecedores de matérias-primas, faz os testes junto dos atletas das várias modalidades e desenvolve e viabiliza a tecnologia de produção industrial.

Esta tecnologia, uma vez experimentada e provada, é posta à disposição da indústria sem qualquer encargo.

Paralelamente existe uma biblioteca e um serviço que recolhe toda a documentação, a qual é posta também à disposição dos industriais.

Uma parte da receita para o funcionamento do Centro é obtida através da venda do diverso tipo de calçado que vai produzindo, dentro dessa óptica de desenvolvimento de produtos novos.

Embora os preços sejam significativamente mais baixos daqueles que se encontram normalmente no mercado, não se trata de concorrência aos industriais, mas de dar escoamento e utilidade a uma produção que há uns anos não era comercializada. Agora existe um posto de venda directa ao público. Alguns dos produtos que ali se encontram nem existem normalmente no mercado como é o caso das botas de moto-«cross» e de cavaleiros.

As receitas assim obtidas aliam o erário público e as entidades privadas que subscreveram o protocolo de criação do Centro.

A curto prazo o Centro vai aumentar a sua actividade, tanto no que respeita a instalações como ao âmbito dos seus cursos de formação.



uma presença em todo o país

TEMOS, PARA O SERVIR, 146 AGÊNCIAS E DEPENDÊNCIAS

Consulte-nos. Dar-lhe-emos todas as informações

e o apoio de que necessitar.

em S. JOÃO DA MADEIRA
desde 1966

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
da experiência para o futuro



Caminhos de Ferro
Portugueses

FESTAS DO NATAL E ANO NOVO

ALTERAÇÕES DE HORÁRIOS

Informam-se os Senhores Passageiros de que no período do Natal e Ano Novo serão efectuadas circulações especiais até ao dia 6 de Janeiro de 1983.

Entretanto serão suprimidas algumas circulações nos dias 24, 25, 26, e 31 de Dezembro e 1 e 2 de Janeiro de 1983.

Para informações mais detalhadas, os Senhores Passageiros devem consultar as nossas secções de Informações ou os Avisos afixados nas estações.



OLHE O PERIGO DE FRENTE!



Na estrada
caminhe sempre
pelo seu lado
esquerdo

circule e viva.

CULTURA TEM 2 MIL CONTOS

A actividade cultural não está desprezada em S. João da Madeira. Numa zona densamente industrializada, próxima de outros grandes centros urbanos são, naturalmente, muitas as solicitações que podem afastar os seus habitantes da actividade cultural, mas o município não a despreza. Pelo contrário, dedica-lhe, anualmente, uma verba de 2 mil contos, bem superior, tanto em valor absoluto como em percentagem, ao que se verifica noutros concelhos bem mais importantes. Nuno Vieira, vereador socialista, é o responsável por este pelouro e afirma-nos que há um movimento cultural bem visível.

«Esse movimento está bem demonstrado pelas diversas realizações levadas a efeito em S. João da Madeira como, por exemplo, o Ciclo de Cinema Português, anualmente realizado, e onde se passa uma média de seis a oito filmes, com a presença dos respectivos realizadores. É uma iniciativa do Clube de Campismo, com o apoio da câmara.»

No domínio da música destaca a «Tuna dos Voluntários, que é um agrupamento musical constituído por cerca de 50 elementos das mais diversas origens sociais, homens e mulheres, e que mantém uma intensa actividade não só no âmbito do concelho como fora dele.

Este grupo actua sempre a título gratuito e é solicitado, em geral, para participar em espectáculos cujas receitas se destinam a fins de beneficência.

«Trata-se de uma instituição recente, apenas com cerca de quatro anos, e que reflecte um revigoramento da nossa actividade cultural nos últimos anos.»

Outro agrupamento cultural

com importância, este já com cerca de dez anos, é o Coro dos Amadores de Música, constituído por cerca de 40 elementos.

Ainda no campo da música destaca-se a Banda dos Bombeiros Voluntários de S. João da Madeira. É uma instituição com mais de 120 anos e um longo historial que procura manter. As dificuldades por que passa, actualmente, são muitas e só consegue sobreviver graças, também, ao forte apoio que recebe, «e continuará a receber», afirma o eng. Nuno Vieira.

Mas, desde há pouco tempo, emerge em S. João da Madeira um novo foco de cultura que poderá vir a ter grande importância futura, principalmente para as camadas mais jovens da população. É a Academia de Música, criada pela Câmara Municipal, em Outubro do ano passado, e que se destina a fomentar a criação de novos valores para a música, servindo, depois, de suporte aos mais diversos agrupamentos culturais.

Funciona já em instalações próprias, propriedade da Câ-



mara e arrancou na altura da sua criação com 130 alunos.

Há dois meses, iniciou o seu segundo ano lectivo com 170

alunos, tendo já a funcionar os cursos de iniciação musical e direcção musical, piano, violino, flauta e canto. Para Janeiro pró-

ximo, está projectado o início de um curso de ballet.

O teatro está representado pelo Núcleo Amador. É um grupo

que engloba diversos tipos de pessoas mas, sobretudo, dinamizado pelas camadas mais jovens. A sua actividade parece, no entanto, atravessar uma certa crise.

S. João da Madeira dispõe, também, de um excelente auditório municipal para 350 espectadores, devidamente equipado, onde se realizam as mais diversas iniciativas, desde o teatro à música, dança, colóquios, etc.

O eng. Nuno Vieira refere, também, outra iniciativa do Município local que é a dinamização de cursos de francês, inglês e alemão para todas as pessoas que os queiram frequentar e que, neste momento, têm cerca de 200 alunos.

A alfabetização tem recebido, também, um apoio importante, quer técnico quer financeiro, por parte da câmara, em colaboração com o Ministério da Educação que fornece os alfabetizadores.

«Praticamente, no nosso concelho, não há analfabetos ou, se os há, a taxa é absolutamente insignificante.»

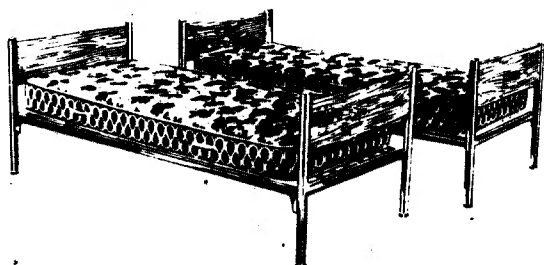
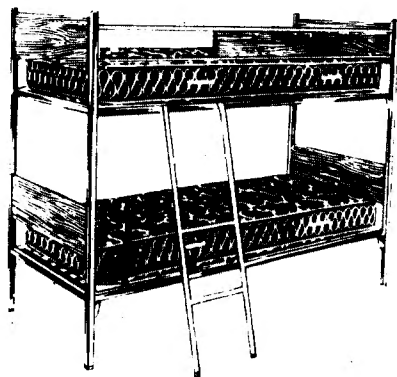
O desporto é, também, da responsabilidade deste vereador que considera S. João da Madeira como o primeiro centro desportivo a nível distrital, com tendência para aumentar, o que justifica a iniciativa da construção de novas instalações para a prática desportiva.

«Há, no concelho, uma grande massa de praticantes. O pavilhão da Sanjoanense tem uma ocupação de, praticamente, 100 por cento e os próprios pavilhões das escolas estão permanentemente ocupados, sobretudo com a ginástica.»



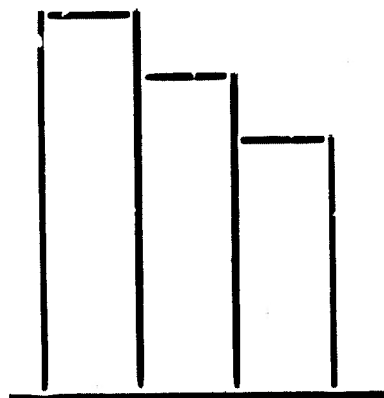
ZAGO-MÓVEIS E INDÚSTRIA, LDA.

- Beliches
- Divãs «Zagolex»
- Móveis-cama «Movizago»
- Estruturas metálicas para móveis-cama
- Colchões de molas



APARTADO 94
S. JOÃO DA MADEIRA

TELEFONE: 25111/2
TELEGRAMAS: ZAGO



OBRAS PÚBLICAS E CONSTRUÇÃO CIVIL

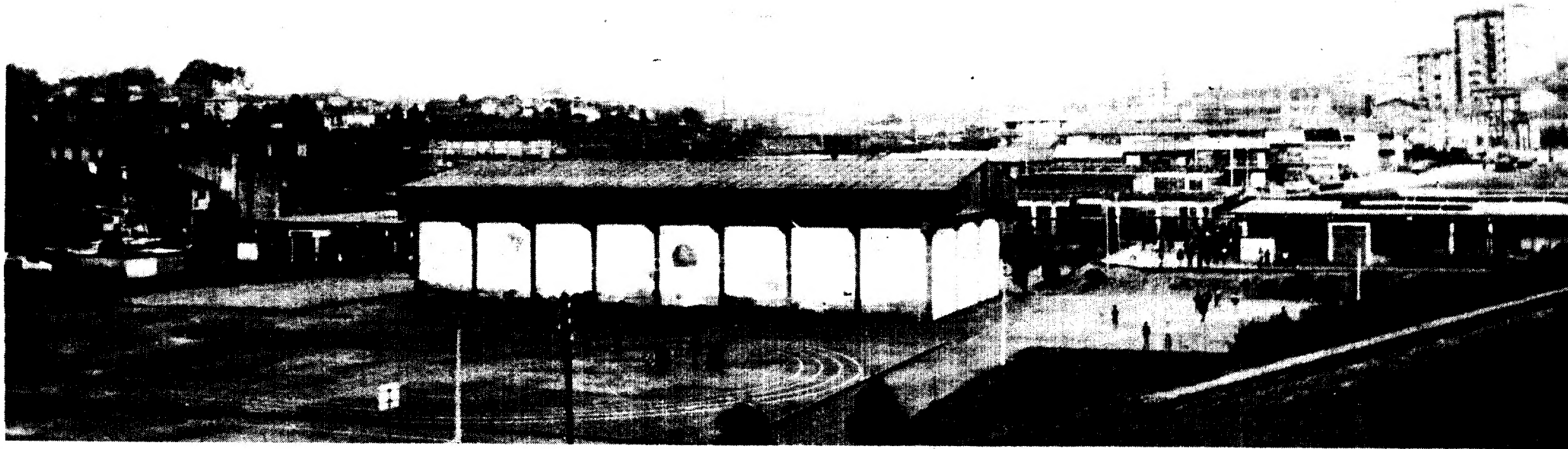
Ferreira da Rocha, Lda.

- ABASTECIMENTO DE ÁGUAS
- ESGOTOS

TELEFONE 24252

R. PADRE ANTÓNIO MAIA DE PINHO, 114

3700 S. JOÃO DA MADEIRA



Pavilhão ginnodesportivo das escolas, um outro recinto ao serviço do desporto local

SANJOANENSE QUER SUBIR

FUNDADA em 25 de Fevereiro de 1924, a Associação Desportiva Sanjoanense é o cartaz desportivo de S. João da Madeira e ao longo dos anos tem desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento desportivo da região. A sua base é o futebol, mas poucas colectividades com esta terão dado um apoio tão significativo às chamadas modalidades amadoras. De tal modo que a Sanjoanense é hoje o quarto clube a nível nacional tendo em conta as modalidades que pratica e o escalão em que se encontra em cada uma delas.

Jorge Pina, presidente da Sanjoanense, considera que esta colectividade «é socialmente um clube com grande impacte, apesar dos seus poucos 4000 associados e alvo de uma simpatia grande ao nível da periferia do concelho».

«É o clube que representa desportivamente, a nível mais superior, toda uma zona densamente povoada e desenvolvida».

Tem neste momento mais de um milhar de atletas nas diversas modalidades. Os desportos considerados amadores têm um apoio grande. O presidente salienta contudo que isso de modalidades amadoras «já passou».

«Amadores, amadores já não há — afirma. Se se quer ser amador a cem por cento não se entra na alta competição».

«A grande vantagem das nossas equipas consideradas amadoras é elas serem auto-suficientes em termos administrativos. Geram as suas próprias receitas através de iniciativas que proporcionam essas verbas para a manutenção da sua actividade, situação que pensam num futuro rápido venha a alterar-se profundamente».

Porquê?

«Porque estamos a ir longe de mais quando se trata de modalidades amadoras. Se tivermos em conta que o próprio Sporting acabou este ano com o basquetebol, isto obriga-nos a parar e pensar».

E quanto ao futebol?

«Na Sanjoanense as modalidades amadoras têm muita força, mas é evidente que o futebol continua a ser a modalidade que prende a atenção dos associados. Aliás é um fenómeno mundial».

Qual a situação actual do futebol? Corresponde àquilo que pretendem e têm planeado ou há projectos para ir mais além?

«Em termos de futebol a Sanjoanense tem procurado dar um salto qualitativo, simplesmente, ao longo dos anos, temos encontrado contrariedades de várias ordens».

«O grande problema, sobretudo nesta época, é o facto de à partida fazermos um determinado orçamento, determinados projectos e

verificarmos que conseguindo em parte o cumprimento desse programa ele começa a ser afectado por outros fenómenos que não são aliás alheios ao futebol como é o caso das arbitragens. Um mau árbitro pode dar cabo dos planos de um clube. Um homem com um apito na boca pode alterar todo um plano que uma direcção, jogadores e treinador planearam».

Jorge Pina queixa-se de que a Sanjoanense tem sido vítima esta época de «um homem de Braga» que «em Leixões fez o resultado» e que nesta mesma época já lhes calhou outra vez no seu próprio terreno.

«Mais uma vez se sentiu o apito mordaz de Azevedo Duarte de Braga».

Que significa hoje a Sanjoanense para o concelho?

«É o clube representativo na região. O concelho vê na Sanjoanense o seu clube e a Câmara dá-lhe todo o seu

A SOBERANA FÁBRICA DE GUARDA-SÓIS DE CÂNDIDO DA COSTA LIMA, LDA.

FABRICO DE:

GUARDA-CHUVAS

GUARDA-SÓIS

BARRACAS PARA PRAIA E CAMPO

RUA VISCONDE, 1959

TELEF: 22377

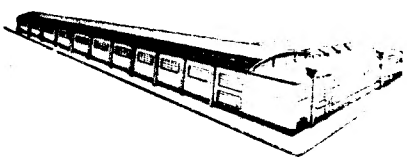
APARTADO 58

S. JOÃO DA MADEIRA — PORTUGAL

MARCAS DE FABRICO: *Airoda - Airoalta - Eata*



Santos Leite & Irmão, Lda



FÁBRICA MECÂNICA
DE CALÇADO

Apartado 27

///

Telef. 22013

S. JOÃO DA MADEIRA

PORTUGAL

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 339 REFERENTE A DEZEMBRO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinal já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos ensinamentos recuperareis mais bem-estar e alegria de viver.

Director e Proprietário: DR. INDIVERI COLUCCI

Do sumário destacamos os seguintes artigos:

- No limiar de alterações governamentais
- Mais um alerta contra os fármacos
- Degenerescência e Vitamina E
- As armas da alimentação saudável na resistência contra o frio
- Cenoura alimento valioso
- O médico da família
- A alergia doença de «desadaptação»
- Sua magestade O Limão
- A medicina de outrora Fitoterapia e Aromoterapia
- Tratamento do Lumbago
- A Tisana remédio popular velho como o mundo etc., etc.

RUA ANTERO DE QUENTAL, 35 1.º ao Intendente

Telefone 55 64 98

Assinatura anual 350\$00 • Semestral 200\$00

Estrangeiro 600\$00 • Avulso 35\$00

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc.º 6037 EXECUÇÃO SUMARIA
3.ª secção
EXEQUENTE
JOÃO DE FREITAS, residente na Rua Gomes Freire, nº 130-1.º em Lisboa.

EXECUTADO

LUÍS MARIA DE JESUS GRAÇA FERNANDES, ausente em parte incerta e que teve a sua residência conhecida na Reboreda - Forte Velho, lote 18 em Setúbal.

Correm editos de trinta dias, contados da 2.ª e última publicação de anúncio, citando o Executado acima identificado, para no prazo de cinco dias findo o dos editos, deduzir a oposição, pagar à Exequente a quantia de Esc. 36 268\$00, e demais despesas, ou nomear à penhora bens suficientes para tal pagamento, sob pena de não o fazendo, esse direito se devolver ao Exequente.

Os duplicados da petição encontram-se na Secretaria deste Juízo.

LISBOA, 7 de Dezembro de 1982

O JUIZ DE DIREITO

a) Eduardo Nunes da Silva Baptista

O ESCRITURÁRIO

a) José Luis Martins da Silva

apoio. Não será logicamente aquele porque a direcção ao longo dos anos anseia, mas é aquele que com toda a sua boa vontade em colaborar pode dar. Mas relativamente à autarquia a Sanjoanense só pode estar radiante por todo o apoio que tem vindo a sentir. Basta dizer que a Câmara Municipal tem ao dispor desta colectividade um campo de treinos que muito vem facilitar o trabalho em termos técnicos.»

O apogeu da Sanjoanense foi sem dúvida a passagem pela primeira divisão nacional. Qual a situação agora e que projectos para futuro?

«Diríamos que está numa posição estagnada. Isso deve-se sobretudo e mais directamente ao facto de na periferia haver já bastante movimento desportivo e como é lógico à criação de novas colectividades que vêm dificultar o seu crescimento. Mas isso é um fenómeno desportivo normal.

Foi feito um planeamento apontando a I Divisão, mas estamos a pagar bem caro não sei o quê. Este objectivo está cada vez mais dificultado, embora não comprometido. Estamos apenas com 11 jornadas. Dispomos de ambiente de trabalho e quer a equipa técnica quer jogadores e direcção sentem perfeitamente que nada está ainda perdido.

A passagem à primeira divisão poderia dinamizar o clube. Diria mesmo, pelos conhecimentos que tenho, que seria muito mais fácil, em termos económicos, aguentar a Sanjoanense na I Divisão, para além do interesse social que isso criaria e de todo um manancial de vantagens que traria a S. João da Madeira, terra que tem condições soberbas para manter

um clube na I Divisão.»

O orçamento do clube, revela-nos Jorge Pina, é de cerca de 28 mil contos, correspondendo 18 mil ao futebol e os restantes 10 mil às modalidades amadoras.

Há equilíbrio financeiro?

«Se atendermos à realidade dos clubes a nível nacional, dir-lhe-ia que a Sanjoanense tem perfeito equilíbrio financeiro. Os saldos negativos à data de transporte de época para época, ou seja de sucessão de direcção, trazem sempre dificuldades, mas não são motivo forte para encravar a vida do clube.»

Quanto às instalações desportivas, o presidente da Sanjoanense afirma que elas neste momento satisfazem embora se impusesse uma remodelação.

«Mas concretamente sabemos, e com muito desgosto nosso, que das entidades oficiais os apoios são muito poucos ou quase nenhuns. E quando vêm são sobretudo muito morosos, o que dificulta qualquer tipo de iniciativa a encetar».

O problema mais premente da Sanjoanense, frisou-nos também, é o da sede. Em sua opinião a sede actual de modo algum se coaduna com as necessidades de uma colectividade como esta».

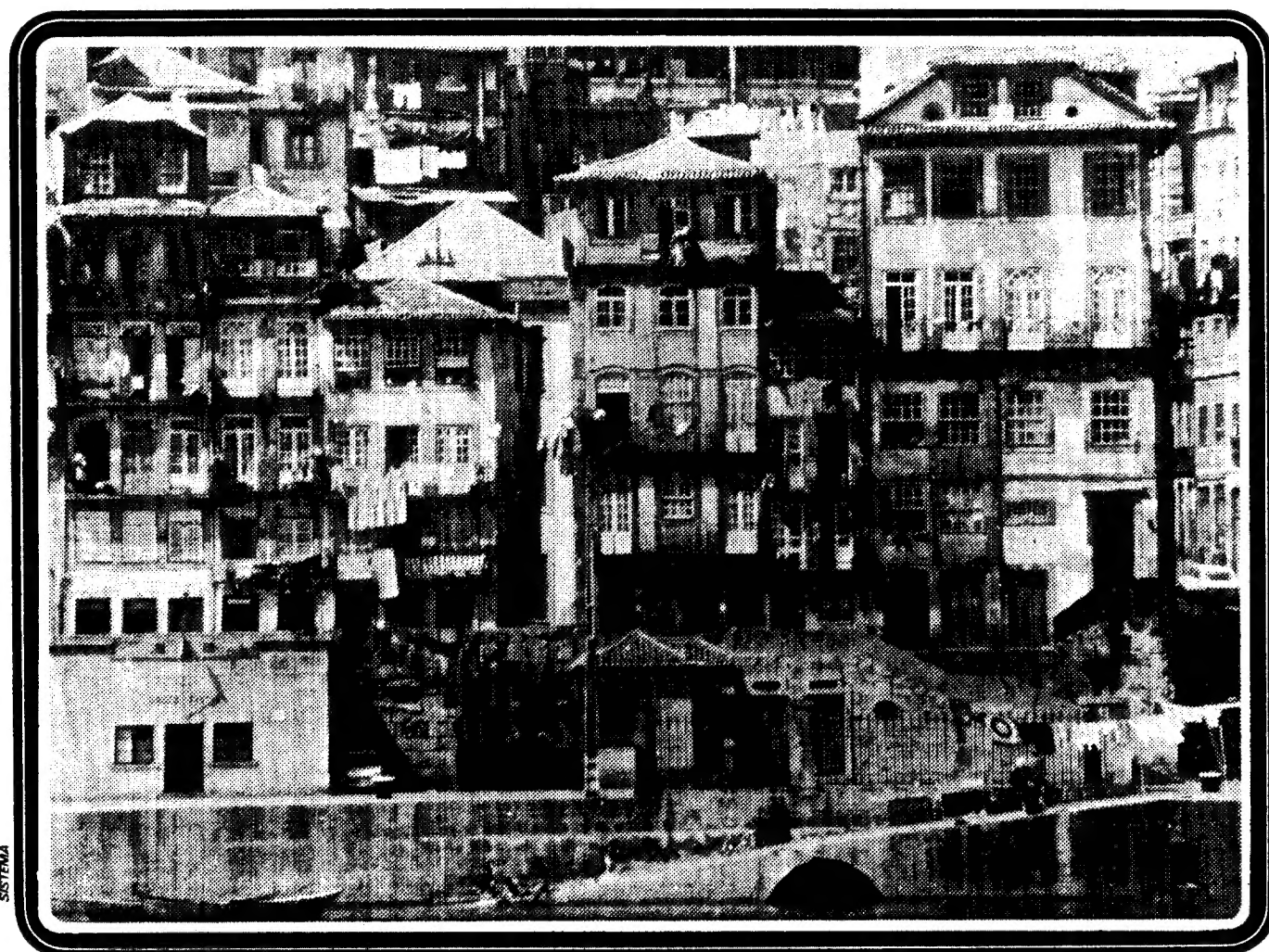
Uma última pergunta visava conhecer a atitude dos jovens de S. João da Madeira perante o clube. Na opinião de Jorge Pina, estão neste momento a encarar com mais afinco as modalidades amadoras como o basquetebol, o hóquei em patins, etc.

«Não há falta de praticantes. Há falta de qualidade por não se poder dar resposta a determinadas exigências técnicas».



Estádio Conde Dias Garcia em S. João da Madeira

ESTE ANO VÁ A PORTUGAL



SISTEMA

Verde de muitos e raros tons.
Verde seco, verde água, verde fresco, verde vinha, arvoredo.
O vinho, verde de nome, o vestuário de múltiplas cores, a vida das canções. Pinhais, parques, praias. Marcas de antigas civilizações. Casarios. Margens de rios. O milho e a festa. Ouro-luz ao cair da tarde.
COSTA VERDE...

*Conheça e visite-o
todo o ano*

Faça férias repartidas

CONSULTE
O SEU AGENTE
DE VIAGENS



Pavilhão Desportivo do Sanjoanense

**INDÚSTRIA
DE
CALÇADO****EXPANSÃO E PROBLEMAS**

A indústria de calçado representa o grande potencial económico de S. João da Madeira, com importante absorção de mão-de-obra, ainda que outras indústrias, desde a chapelaria à metalomecânica ou ao material para o sector automóvel atinjam valores elevados no cômputo da produção industrial do concelho.

Nos últimos 15 anos assistiu-se a uma expansão notória e ao nascer de uma nova fase. Não terá sido o reconverter total de uma indústria, tal como entendem ser necessário os seus mais directos representantes, mas muita coisa mudou. Basta dizer que, em 1979, exportou 13 milhões de pares, aproximadamente 6 milhões de contos. Porém, nem tudo são rosas e os problemas são ainda muitos.

Uma expansão por vezes demasiado rápida e valores de exportação atraentes podem muitas vezes iludir os industriais menos atentos, levando-os a descurar a renovação dos métodos e dos próprios investimentos, na convicção de que o negócio é seguro e estável.

A indústria do calçado apresenta de certo modo alguns aspectos que podem configurar este cenário.

De facto ela sofreu um notável incremento nos últimos anos, tornando-se uma importante fonte de divisas para o País, na medida em que se encontra hoje abertamente virada para a exportação. Mas nem por isso está isenta de riscos nem encontrou a

sua formulação ideal em termos industriais e muito particularmente quanto ao dimensionamento das suas unidades de produção. Ela vem de resto, de um passado cujos estigmas ainda contam e por vezes têm até tendência a voltarem a reproduzir-se.

Esse passado pode ilustrar-se bem através do extracto de um relatório de 1962 do Grémio dos Industriais de Calçado, o qual concluiu que, das 1726 unidades vistoriadas em 1962, só 52 eram boas e 103 regulares. Das restantes, 255 eram más e 1616 péssimas. Isto significava que, 91 por cento, não possuíam condições mínimas de laboração.

Isto provocava baixos níveis de produtividade das empresas, a impossibilidade do investimento, da preparação de quadros e da procura de novos mercados.

As colónias eram o principal ponto de escoamento, de uma indústria pulverizada, estagnada e sem objectivos.

A descolonização e a crise financeira que muitas empresas viveram no período seguinte, mostraram que a renovação e a exportação eram o caminho a seguir e o principal instrumento de progresso do sector.

Muitos industriais seguiram essa via e rasgaram novos horizontes para uma indústria que os não tinha. Os valores da exportação



mostram-se bem significativos. Mas há outros índices igualmente reveladores da nova situação: de 1971 a 1977 a produtividade da indústria de calçado cresceu 220 por cento.

Todavia nem tudo é bonito para esta indústria. Muitos aspectos preocupam os industriais

do sector que procuram agora novos caminhos e sobretudo percorrer uma nova etapa.

Um dos problemas que apontam é a existência, ainda em número elevado, de unidades de produção subdimensionadas, que impedem o desenvolvimento do sector. Tal problema tem-se agravado nos últimos anos. As elevadas taxas de rentabilidade da indústria do calçado, principalmente nos últimos 5 anos, fez com que aparecesse já uma enorme quantidade de novas empresas de pequeníssima dimensão, atraídas pelos lucros rápidos, resultantes de uma conjuntura favorável.

A Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e Sucedâneos, numa intervenção do seu presidente, feita no Porto em Novembro de 1980, preconizava a adopção de medidas eficazes, uma das quais seria condicionar o aparecimento de novas unidades a uma dimensão e estrutura consideradas necessárias para não perturbarem o desenvolvimento normal do sector. Salientava ainda a necessidade das empresas existentes fazerem vultuosos investimentos de modernização, aproveitando instrumentos legais existentes no que respeita a financiamentos.

Para aquela Associação, o desenvolvimento do sector está

dependente também da capacidade de resposta dos sectores a montante, especialmente os sectores de componentes e de cortumes.

O sector de cortumes regista importantes esforços de investimento desde 1976, especialmente em equipamento mas dispõe ainda de uma estrutura que não lhe permite responder à procura da indústria de calçado. A dimensão média das empresas daquele sector é de 30 trabalhadores por unidade e mais de 51 por cento dessas empresas têm menos de 10 trabalhadores.

Assim, a tendência, caso não se verifiquem alterações, é para a indústria de calçado ter que importar cada vez percentagens mais significativas das peles indispensáveis à sua laboração.

Outro problema reside no facto de, pela sua diminuta capacidade, a indústria de cortumes se limitar a fornecer o que lhe é solicitado, não desempenhando qualquer papel no acompanhamento da evolução da moda, num sector em que as mutações de cores são a constante.

A receptividade às propostas daquela Associação por parte dos industriais do sector parece ter sido favorável e tudo indica que a indústria do calçado encontra em si própria as energias para a renovação que se impõe.



M. Silva Castro, L.^{da}

SOLAS E CABEDAIS

RUA ALÃO DE MORAIS — TELEF. 23268

S. JOÃO DA MADEIRA